

EVANDRO DOS SANTOS

*Tempos da Pesquisa, Tempos da Escrita*  
**A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen (1840-1873)**

PORTO ALEGRE

2009

EVANDRO DOS SANTOS

*Tempos da Pesquisa, Tempos da Escrita*  
**A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen (1840-1873)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Temístocles Cezar (Orientador)  
Prof. Dr. Fernando Nicolazzi/UFOP  
Profª. Dra. Maria da Glória de Oliveira/UFRRJ  
Profª. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues/UFRGS

PORTO ALEGRE

2009

À Eloiza, minha mãe

A meu pai, Dorvalino

“Não, não acreditei ter remontado às presumíveis águas do Tempo; antes imaginei-me possuidor do sentido reticente ou ausente da inconcebível palavra *eternidade*. Só depois consegui definir essa suposição.”

Jorge Luis Borges, *História da eternidade*

## **Agradecimentos**

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida durante todo o curso, o que garantiu a dedicação exclusiva ao trabalho e, em verdade, a possibilidade dessa pesquisa.

O agradecimento particular e maior direciono a Temístocles Cezar, o primeiro professor com quem tive contato ao ingressar no curso de Graduação em História dessa Universidade, em 2002, na saudosa disciplina de Introdução à História. Meu orientador há mais de seis anos, tempo suficiente para que eu compreendesse sua definitiva importância não apenas na minha formação acadêmica, mas como inspiração por seu perfeito misto de erudição, competência e generosidade. Minha admiração, meu respeito, minha amizade. Sou grato também pelo apoio e compreensão constantes, baseados sobremaneira na confiança que costuma depositar nos seus orientandos e no apreço pela liberdade intelectual que lhe caracteriza e tão bem demonstra na prática cotidiana da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial à Marília Marques Lopes, minha amiga, uma excelente profissional e, sobretudo, alguém com quem conversar é sempre bom. À professora Sílvia Petersen, pela dedicação e gentileza com as quais brindou e recebeu não só a mim, mas à minha turma de mestrado como um todo. Ao professor Eduardo Neumann, pela apresentação de uma interessante área de pesquisa e uma bibliografia igualmente importante (e que eu desconhecia) e pelas excelentes aulas de sua disciplina. Ao professor Anderson Vargas, pelo privilégio de mais um seminário, pelos desafios que proporciona em suas propostas de leitura. Ao professor Benito Schmidt, adorável companhia, responsável (tanto como autor quanto fornecedor de referências) por parte significativa da bibliografia acerca do gênero biográfico com a qual tive contato, de fundamental relevância à pesquisa. O seu curso foi realmente decisivo ao aprofundamento das minhas reflexões. Agradeço, ainda, pelos frequentes estímulos e pela simpatia que sempre se renova.

Aos professores que participaram de minha banca de qualificação Mara Cristina de Matos Rodrigues e César Augusto Barcellos Guazzelli, pelas valiosas sugestões e importantes críticas, todas relevantes ao posterior desenvolvimento do estudo. Da mesma forma, agradeço aos professores integrantes da banca examinadora Fernando Nicolazzi, Maria da Glória de Oliveira e Mara Rodrigues, por terem aceito ler e discutir este trabalho, o que é para mim uma honra.

Aos colegas do GT de Teoria da História e Historiografia. Estendo minha sincera gratidão aos colegas do curso de mestrado da turma 2007, pelas trocas e pelo bom humor, condição

essencial para se enfrentar as tensões e angústias da pesquisa. À Luciana Boeira, amiga sempre presente (mesmo em meio ao corre-corre da vida), colega exemplar sempre disposta a ajudar, a ouvir, a falar. À Marina Araujo, amiga e colega igualmente importante. Com ambas costume aprender mais sobre os gaúchos e punks, mas sobretudo acerca da necessidade de se ter com quem contar. A Gustavo Coelho, ao lado delas, colega desde os tempos da Graduação, um grande amigo. Eliete Tiburski – mais que uma colega de estudos varnhaguenianos, minha companheira nos lendários tempos da “mansão” e nossos convidados especialíssimos – que se reúne aos nomes acima na longa duração da Graduação e Pós-Graduação: muito obrigado por tudo. Aos colegas do “Grupo Varnhagen”: Vitor, Pedro e Eduardo, meus agradecimentos. Lembro o apoio dos amigos que fiz na Universidade Marisângela Martins, Débora Gomes, entre outros nomes que não citei, o que não quer dizer que esqueci.

Leandro Heck, Ivânia Susin, Natália Filippon, Juliano Reginato, Andrei Weber, Gabriel Langie, Tatiana Belanga, Priscila Reque, Bruno Moraes, Felipe Leal, Kátia Rosa, Rita Cavalcante, Daniel Roale, Joelma Fardin, Lucas Protti, Taíse Quadros. Todos, alguns há muito tempo, outros chegados recentemente, fizeram parte da minha vida ao longo desses dois anos, todos foram fundamentais, seja por garantir horas de boa conversa, seja por compartilhar das mesmas crises e, ao meu lado, tentar superá-las, seja por oferecer uma ajuda, atender um pedido ou espontaneamente realizar uma gentileza de grande utilidade, estando por perto ou no Rio de Janeiro, em São Paulo ou Campinas, em Brasília ou Londres. Bianca Custódio, Cristiano Biansini e Marilys Rusch: não preciso falar muito da força que a presença de vocês exerce em mim. Portanto, reservo este espaço para agradecer a compreensão com as ausências, os telefonemas e a torcida. Gosto muito de todos vocês.

Enfim, retorno àqueles em que tudo começa e para onde voltar é tão bom. Ao meu irmão Edson Artêmio, com toda a certeza, uma das melhores pessoas que eu conheço, minha irmã Giovana, sempre preocupada comigo, minha cunhada e amiga Lília, meus queridos sobrinhos Guilherme, Juliane, Fernando, Rafaela e Edson, tão especiais e carinhosos mesmo com um tio tão ausente nos últimos anos.

Aos meus amados pais dedico esta dissertação. Serei eternamente grato à minha mãe, Eloiza, por ter percorrido, naquele ano de 1988, aqueles dois quilômetros diários para que eu aprendesse a escrever e ao meu pai, Dorvalino, por gostar tanto de ler e, assim, ter sido um ótimo estímulo.

*Porto Alegre, junho de 2009.*

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar a presença e as variadas apropriações da biografia na escrita da história oitocentista a partir do exame de parte da obra do mais importante historiador brasileiro daquele período: Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). Contando com sua condição de viajante – Varnhagen fora diplomata, um funcionário da burocracia imperial – ele levantou informações e produziu uma série de notícias biográficas. Esses escritos foram publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* entre os anos de 1840 e 1873, totalizando 31 textos editados na seção biográfica desse periódico. Na primeira parte do trabalho, assim, são essas publicações que, além de serem objeto da investigação, servem de guia no mapeamento dos diálogos entre alguns títulos assinados por Varnhagen, como suas edições comentadas de documentos históricos relativos ao período colonial e um compêndio de poesias por ele organizado. Seus périplos pelos arquivos são vislumbrados por meio dessas fontes. A *Historia geral do Brazil* (1854-1857), sua obra mais conhecida, permite um aprofundamento da leitura, dada a sua dimensão e seu caráter de síntese. Desse modo, na segunda parte desse estudo, o foco recai sobre as incorporações biográficas nela inseridas, tendo as relações entre as noções de tempo e de autoridade como bases da análise. De maneira geral, a dissertação aborda a escrita da história no Brasil do século XIX, os recursos para a configuração e legitimidade da narrativa historiográfica e a autoridade da figura do historiador, em uma perspectiva que entende os resultados desse ofício tal qual uma operação e, portanto, percebe no texto histórico uma fonte privilegiada às abordagens de cunho historiográfico.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the presence and appropriation of biographies in the writing of 1800's History through the examination of the work of the most important Brazilian historian of the period – Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). As a traveler, Varnhagen was a diplomat in close contact with the imperial bureaucracy, being able to collect information therefore producing a series of biographical news. These were published on the *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* between 1840 and 1873 - a total of 31 texts edited in the biographical section of this magazine. The first part of this paper focuses on these publications as guidance for mapping the dialogues among some titles by Varnhagen. His editions of historical documents with comments and poetry compendium organized by him are key to the first part of this work. His most famous work, *Historia geral do Brazil* (1854-1857), is a very in depth title, given its dimensions and straight-forward approach. Thus, on the second part of the present work the focus is on the biographical insertion contained therein. The analysis is made based on the notions of time and authority. In general terms, this work approaches the writing of History in Brazil in the 19<sup>th</sup> century, the resources for the setup and legitimacy of the historiographic narrative and the authority of the historian.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
-------------------------	----

### PARTE I

#### *Tempos da pesquisa*

#### As “operações biográficas”

#### de Francisco Adolfo de Varnhagen

1. Do individual ao particular: arquivos e periódicos, o historiador, um sacerdote .....	23
2. Entre debates, métodos, cópias e obras: como produzir biografias no século XIX .....	29
3. Percursos biográficos: arquivos, fontes, periódicos .....	48
4. <i>Florilégio da poesia brasileira</i> e a primeira reunião de biografados .....	57

### PARTE II

#### *Tempos da escrita*

#### Biografia, tempo e autoridade

#### *A Historia geral do Brazil* entre as vidas do passado e o nome de Varnhagen

1. Falar por outros, falar de outros, falar por si, falar de si .....	62
1.1 <i>A identidade narrativa</i> de uma <i>Historia geral</i> .....	66
1.2 Falar de si: do começo ao fim, do filho ao pai, um tempo presente .....	71
2. Falar por si, falar de outros: do tempo presente aos tempos passados .....	78
2.1 <i>Ver e dizer</i> – evidência, tempo e autoridade .....	83
2.2 <i>Dizer e fazer ver</i> – o gênero biográfico e a retórica da nacionalidade .....	103
3. Da <i>comparação</i> ao <i>paralelo</i> : disciplinar o passado, construir o presente .....	116

<b>Considerações finais</b> .....	121
-----------------------------------	-----

<b>Referências bibliográficas</b> .....	124
---	-----

## Introdução

“A própria biografia assume o papel de uma distância e de uma margem *proporcionadas* às construções globais. A pesquisa se dá objetos que têm a forma de sua prática: eles lhe fornecem o meio de *fazer aparecer diferenças* relativas às continuidades ou às unidades das quais parte a análise.”

Michel de Certeau<sup>1</sup>

“Homens ilustres, grandes homens, estrelas, essas três apelações designaram, da Renascença aos nossos dias, três maneiras para nossas sociedades de se dar heróis e os nomear, de usar e de abusar às vezes, hoje como ontem.”

François Hartog<sup>2</sup>

Colocar questões relacionadas ao estatuto da biografia e mesmo considerá-la um instrumento participante na pesquisa histórica, além de ser um importante recurso narrativo, são atitudes que se expressam nas reflexões de muitos historiadores nas últimas décadas. Trata-se de uma legitimidade que não pode ser tida como casual, posto que esse interesse mescla-se a uma série de outras indagações acerca do ofício do historiador, do lugar ocupado por este profissional na sociedade e, sobretudo, dos modos de produção e dos resultados do seu trabalho, ou seja, do caráter do texto histórico.<sup>3</sup> Um destaque que se coloca no interior de uma disciplina por envolver questões epistemológicas fundamentais, mas também abarca as cobranças de um público leitor de números significativos.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica”. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. trad. Maria de Lourdes Menezes, 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 65-119 (citação p. 81, itálicos do autor).

<sup>2</sup> HARTOG, François. “Plutarque entre Anciens et les Modernes”. In: PLUTARQUE. *Vies parallèles*. Paris: Gallimard, 2001, p. 9-49 (citação p. 47). As traduções de passagens dos textos em língua estrangeira citadas nessa dissertação são de minha responsabilidade.

<sup>3</sup> Como exemplifica a pertinente análise de Antoine Prost, “o estatuto da biografia histórica fornece um bom exemplo do problema da inserção em um campo científico. A biografia era plenamente legítima para a história política. Os *Annales* lhe negariam todo interesse, porque ela não permite entender os grandes conjuntos econômicos e sociais”. Cf. PROST, Antoine. “Les questions de l’historien”. In: PROST, Antoine. *Douze leçons sur l’histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, p. 79-100 (citação p. 86).

<sup>4</sup> Para recentes balanços da produção biográfica – no caso francês – ver: MADELÉNAT, Daniel. “La biographie aujourd’hui”. *Mesure 1*, June 1989, p. 47-58; DOSSE, François. “Prologue. La fièvre biographique: un panorama éditorial”. In: DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005, p. 17-55. Para um exemplo entre as mais citadas críticas relacionadas às pesquisas biográficas no âmbito das ciências sociais, ver: BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-191. Ver também: PUDAL, Bernard. “Du biographique entre ‘science’ et ‘fiction’. Quelques remarques programmatiques”. *Politix*, n. 27, 1994, p. 5-24.

Pesquisadores que se dedicam aos mencionados dois âmbitos dessa discussão, como Benito Schmidt, vêm apontando considerações neste sentido: “a biografia tem aparecido como uma grande novidade para os historiadores, freqüentemente incluída, em seminários e publicações, como uma das ‘novas tendências da historiografia’. Os trabalhos individuais e as coleções que apresentam trajetórias individuais proliferam-se nas prateleiras dedicadas à História das livrarias”.<sup>5</sup> Nesse e em outros de seus estudos, Schmidt tem analisado este suposto “retorno” e proposto certas ponderações relativas à idéia de uma simples volta do gênero.<sup>6</sup> Sabendo-se que a diferenciação entre história e biografia estabeleceu-se desde o surgimento de ambas no mundo antigo, deve-se, de fato, supor que os momentos de aproximação e distanciamento entre os dois modelos narrativos acabaram por construir um histórico particular e que, especialmente no período do chamado “eclipse da biografia”, isto é, durante boa parte do século XX, a dita redescoberta biográfica, nas suas últimas décadas, tenha ultrapassado uma mera retomada.<sup>7</sup>

Sabina Loriga, por sua vez, traçou de modo bastante oportuno algumas constatações nessa direção, por ela ratificadas após dez anos de dedicação ao assunto, que localizam o gênero biográfico nas contingências do Oitocentos. De acordo com a historiadora, a “fronteira” que sempre distinguiu biografia e história se tornou incontornável no devir do século XIX, conjuntura áurea do pensamento histórico.<sup>8</sup> Nesse quadro, indica sua análise, há pelo menos dois momentos em que a história encaminha sua diferença e descompasso com relação às narrativas individuais. O primeiro deles concretiza-se quando da emergência da história filosófica, entre o final do século XVIII e início do século XIX, como matriz dominante a reger os escritos dos pesquisadores de história.<sup>9</sup> A segunda abrupta ruptura ocorre nas décadas finais do dito século da

---

<sup>5</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografias históricas: o que há de novo?”. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da e SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (orgs.). *História, linguagens, temas: escrita e ensino da História*. Guarapuava: Unicentro, 2006, p. 59-70 (citação p. 59-60, aspas do autor).

<sup>6</sup> Ver também: SCHMIDT, Benito Bisso. “A biografia histórica: o ‘retorno’ do gênero e a noção de ‘contexto’”. In: In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et al. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p. 121-129; SCHMIDT, Benito Bisso. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 6, dezembro, 1996, p. 165-192.

<sup>7</sup> Sobre o “eclipse da biografia” e o interesse das últimas décadas, ver: TORRES, Félix. *Du champs des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d’un genre*. In: *Problèmes et méthodes de la biographie. Actes du Colloque*. Paris: Sorbonne, n. sp. de Sources, 3-4 mai. 1985, p. 141-148. Ver também: DOSSE, François. “L’éclipse de la biographie”. In: DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie. op. cit.*, p. 213-227.

<sup>8</sup> Cf. LORIGA, Sabina. “Ser historiador hoje”. trad. Eliane Cezar. *História: debates e tendências*. Passo Fundo: PPG em História da UPF, v. 4, n. 1, julho, 2003, p. 23-35. Ver também: LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

<sup>9</sup> LORIGA, Sabina. “Ser historiador hoje”. *op. cit.*, p. 25.

história, quando se dá a separação entre história social e história política, em que as injunções do estatuto científico, então incisivo, colocam o princípio de causalidade como regra, a combater as particularidades individuais.<sup>10</sup>

Assim, nota-se que o período em que se insere a presente análise constitui um espaço privilegiado para se pensar biografia e escrita da história. De uma forma mais precisa, no Brasil do século XIX – após a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) –, marco inicial da historiografia disciplinada no país, é que se localiza o recorte dessa investigação.<sup>11</sup> Criado no seio do Império, em 1838, no IHGB um projeto de história nacional será a preocupação básica e fundamental dos sócios desse órgão. Conforme Manoel Guimarães: “como traços marcantes dessa história nacional em construção, teremos o papel do Estado Nacional como o eixo central a partir do qual se lê a história do Brasil, produzida nos círculos restritos da elite letrada imperial”.<sup>12</sup> Em meio ao contexto político delicado dos anos finais da década de 1830, marcados pelos conflitos regenciais, os membros dessa elite, em geral ligados aos quadros políticos moderados, avançariam na pesquisa de documentos relativos à história e à geografia sob a ótica acima assinalada.<sup>13</sup>

A *Revista do IHGB* seria o repositório por excelência das discussões desenvolvidas no interior do órgão. Nas suas páginas podem ser encontradas as marcas da *operação historiográfica* que então se apresentava.<sup>14</sup> Em meio a publicidade das fontes históricas e geográficas, distribuem-se ao longo delas proposições de métodos, debates críticos e formas de periodização e ordenamento do presente e do passado nacionais. Uma prova dessa preocupação registra-se com o concurso, proposto pelo cônego Januário da Cunha Barbosa (secretário perpétuo do Instituto), em 1840, garantindo um prêmio àquele que formulasse o melhor plano para a escrita da história do Brasil. O tratado proposto pelo naturalista bávaro Carl Friedrich Phillip von Martius,

<sup>10</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>11</sup> Cf. RODRIGUES, José Honório. “O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. In: RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 3ª ed., 1978, p. 37-40.

<sup>12</sup> GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27 (citação p. 9).

<sup>13</sup> Cf. WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre historicismo*. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, p. 156. Ver também: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Magestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (a partir daqui, *Revista do IHGB*). Rio de Janeiro, n. 388, jul./set., 1995, p. 459-613; ENDERS, Armelle. *Les Visages de la Nation. Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Paris: Université de Paris I-Panthéon – Sorbonne, 2004, p. 74-92.

<sup>14</sup> CERTEAU, Michel de. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas*. trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 17-48.

intitulado *Como se deve escrever a história do Brasil*, foi o vencedor.<sup>15</sup> “O prêmio concedido a Martius pelo IHGB legitima portanto um projeto de escrita da história apto a criar, ao menos simbolicamente, a nação brasileira. A questão que resta é a de saber quem poderia ser o autor de uma tarefa tão pesada”.<sup>16</sup>

A resposta viria algum tempo depois. A escrita de uma história da nação, preocupação demarcada desde os primeiros registros do Instituto, ganharia, entre 1854 e 1857, um nome e uma obra: nesses dois anos, o primeiro e o segundo tomos que formam a *Historia geral do Brazil* de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) foram publicados.<sup>17</sup> Nome onipresente nas páginas da *Revista do IHGB* e com rastros por muitos arquivos pelo mundo, considerado o mais importante historiador brasileiro do século XIX, Varnhagen foi, antes de qualquer coisa, um viajante. Diplomata, funcionário da burocracia imperial, seu vasto legado é, em muitos sentidos, um resultado somente possível em função de suas constantes movimentações.<sup>18</sup> Uma vida e uma obra recuperadas desde o momento de sua morte.<sup>19</sup> Neste sentido, Temístocles Cezar indica os limites e as inescapáveis imposições no contato com a figura varnhagueniana:

---

<sup>15</sup> MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. “Como se deve escrever a história do Brasil”. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 3ª edição, Tomo VI, 1908 [1844], p. 389-411. Como se deve observar, faço uso da terceira reimpressão do periódico. Sobre as reedições da *Revista*, ver: SANCHEZ, Edney Christian Thomé. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Dissertação de mestrado em história. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003, p. 96-101. Agradeço à professora Maria da Glória de Oliveira essa referência. Houve apenas outro concorrente ao prêmio, Henrique Júlio de Wallenstein, cuja breve proposta pode ser localizada. WALLENSTEIN, Henrique Júlio de. “Memoria sobre o melhor plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brazil”. *Revista do IHGB*, *op. cit.*, Tomo 45, 1882, p. 159-160.

<sup>16</sup> CEZAR, Temístocles. “Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 173-208 (citação p. 207). Este ensaio propõe uma análise detalhada do texto de Martius.

<sup>17</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil, isto é, do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos arquivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um socio do Instituto Historico do Brazil, natural de Sorocaba*. Tomo primeiro, Rio de Janeiro, em caza de E. e H. Laemmert, 1854; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. Isto é do seu descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e do imperio, escripta em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos arquivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, e dedicada a sua magestade imperial o senhor D. Pedro II*. No Rio de Janeiro, em caza de E. e H. Laemmert, Madrid: Imprensa de J. del Rio, Tomo segundo, 1857.

<sup>18</sup> De acordo com Arno Wehling: “Membro do Instituto Histórico, diplomata e titular do Império, a biografia de Varnhagen o situa sempre próximo ao poder, como partícipe do estamento burocrático consolidado a partir da política regressista. Mais ainda: propunha-se, chegando a oferecer seus préstimos ao Imperador em diferentes ocasiões, a ser um dos ideólogos do regime”. Cf. WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 48. Para um exame da formação erudita do historiador em Portugal, ver: SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. *A reescritura da tradição: a invenção historiográfica do documento na História geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1857)*. Dissertação de mestrado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, p. 106-117.

<sup>19</sup> Cito aqui alguns importantes textos escritos sobre o historiador e sua obra e publicados logo após o seu desaparecimento em 1878 e nos anos que se seguiram, relevantes ao mapeamento inicial de sua biografia: ABREU,

“Talvez não seja exagero dizer que boa parte do que sabemos sobre Varnhagen, a partir de seus escritos, é um pouco o que ele queria que nós soubéssemos a seu respeito. Ele preocupava-se com sua vida e com sua posteridade. Essa cautela, todavia, não apenas foi insuficiente para impedir que se criasse em torno dele uma imagem antipática, como, ao que tudo indica, reforçou-a. Contudo, apesar de sua personalidade pouco sedutora, ele conseguiu impor-se, tornar-se imprescindível, irrecusável. Mesmo para aqueles que não o apreciam (e não parece, nem ontem nem hoje, que sejam poucos) ele se converteu em uma figura incontornável para o entendimento da história da história no e do Brasil”.<sup>20</sup>

Sendo assim, não é difícil supor que foram, historiador e obra, objetos de diversos estudos. Este trabalho não tem a pretensão de forjar uma biografia ou percorrer os incontáveis testemunhos escritos de um autor que, de fato, não se pode ignorar. A proposta analítica ora apresentada é, de certa forma, uma paráfrase a tais possibilidades desde já descartadas, como se explica a seguir.

Varnhagen, entre tantas produções, escreveu biografias. São elas que, aqui, ligam mais fortemente o historiador ao IHGB e que, a seguir, em contrapartida, nos levam de volta à parte específica de sua obra. O periódico do Instituto foi um importante divulgador de notícias biográficas. Segundo Maria da Glória de Oliveira: “a profusão de notícias biográficas na *Revista*, sobretudo em seus primeiros decênios de publicação, reforça, de imediato, a tese da incorporação do gênero ao programa que firmou as bases para a elaboração de uma história nacional”.<sup>21</sup> Nessa esfera, Varnhagen foi um dos mais importantes colaboradores, tido por José Honório Rodrigues

---

João Capistrano de. Capistrano de. "Necrologio de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro". In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª Ed. Integral, (4ª ed.), São Paulo: Melhoramentos, sem ano, Tomo I [1878], p. 502-508; ABREU, João Capistrano de. "Sobre o Visconde de Porto Seguro (1882)". In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal. op. cit.*, Tomo II, p. 435-444; GARCIA, Rodolpho. "Ensaio bio-bibliographico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro". In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal. op. cit.*, Tomo I, p. 436-452; OLIVEIRA LIMA, Manuel. "O elogio de Francisco Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (1903)". *Revista de Portugal*, v. XXIX, n. 222, fevereiro, 1964, p. 121-156. Ver também o relevante trabalho de Clado Ribeiro de Lessa: LESSA, Clado Ribeiro de. "Vida e obra de Varnhagen". *Revista do IHGB. op. cit.*, v. 223, abril-junho, 1954, p. 82-297; v. 224, julho-setembro, 1954, p. 109-315; v. 225, outubro-dezembro, 1954, p. 120-293, v. 226, janeiro-março, 1955, p. 3-168; v. 227, abril-junho, 1955, p. 85-236.

<sup>20</sup> CEZAR, Temístocles. "Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência". *Topói – Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207 (citação p. 160).

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p. 24. Esta referência ao programa instaurador da escrita histórica no IHGB será retomada e sucintamente desenvolvida na abertura da primeira parte dessa dissertação, no intuito de situar a discussão do primeiro momento do trabalho.

como o iniciador da biografia no Brasil oitocentista.<sup>22</sup> A presença varnhagueniana na seção biográfica da *Revista do IHGB*, no conjunto, constitui 25 biografados e 31 textos, que mesclam biografias por ele elaboradas, pequenas reescrituras dessas (com o intuito de corrigir ou complementar informações) e reedições de estudos editados em outras publicações (nem todos de autoria do historiador).<sup>23</sup>

Tanto história como biografia estão sujeitos, naquele lugar, à concepção exemplar do conhecimento do passado.<sup>24</sup> “A *historia magistra vitae* não é apenas um adágio erudito, ela é também um princípio organizador que justifica e ao mesmo tempo orienta as investigações do IHGB. Eternizar, salvar os fatos são fórmulas que provêm desse princípio”.<sup>25</sup> Seguindo o modelo retórico associado a Cícero (mas que se expande ao contexto helenístico em geral), o *regime de historicidade* antigo converte a opção pela narração de vidas em instrumento pedagógico.<sup>26</sup> O elogio e o culto dos grandes homens está grafado como uma tarefa de grande valor nos textos que

<sup>22</sup> RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil. Introdução metodológica*. 1º volume, 2ª edição, revista, aumentada e ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p. 277.

<sup>23</sup> Os biografados de Varnhagen, localizados no periódico do IHGB, são: D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (1840, Tomo II, p. 388-394); Salvador Corrêa de Sá e Benevides (1841, Tomo III, p. 100-112; compl.: 1843, Tomo V, p. 237-241); José Fernandes Vieira (1843, Tomo V, p. 88-96); Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon (1843, Tomo V, p. 241-248); Martim Afonso de Souza (1843, Tomo V, p. 248-256); Francisco de Mello Franco (1843, Tomo V, p. 367-373); Gaspar Gonçalves de Araújo (1843, Tomo V, p. 373-376); Pero Lopes de Sousa (1843, Tomo V, p. 376-379); Francisco Xavier Ribeiro Sampaio (1845, Tomo VII, p. 387-389); Fr. José de Santa Rita Durão (1846, Tomo VIII, p. 276-283); Euzebio de Mattos (1846, Tomo VIII, p. 540-543); Antonio José da Silva (1847, Tomo IX, p. 114-124); Manoel Botelho de Oliveira (1847, Tomo IX, p. 124-126); Vicente Coelho de Seabra (1847, Tomo IX, p. 261-264); João de Brito Lima (1848, Tomo X, p. 116-119); Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica (1848, Tomo X, p. 240-244); Thomaz Antonio Gonzaga (1849, Tomo XII, p. 120-136; add.: 1850, Tomo XIII, p. 405; 1860, Tomo XXIII, p. 405; 1867, Tomo XXX, p. 425-426); Bento Teixeira Pinto (1850, Tomo XIII, p. 402-405); Ignacio José de Alvarenga Peixoto (1850, Tomo XIII, p. 513-516); Domingos Caldas Barboza (1851, Tomo XIV, p. 449-460); Antonio de Moraes e Silva (1852, Tomo XV, p. 242-245); Jorge de Albuquerque Maranhão (1862, Tomo XXV, p. 353-361); D. Antonio Filipe Camarão, 1967, Tomo XXX, p. 419-428; p. 501-508; Francisco José de Lacerda e Almeida (1873, Tomo XXXVI, p. 177-184) e Antonio Pires da Silva Pontes Leme (1873, Tomo XXXVI, p. 184-187).

<sup>24</sup> KOSELLECK, Reinhart. “*Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento*”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006 [1979], p. 41-60.

<sup>25</sup> CEZAR, Temístocles. “Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX”. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 8, n. 1, 2004, p. 11-29 (citação p. 14).

<sup>26</sup> Compreendo a noção de *regimes de historicidade* tal como explica seu formulador, o historiador François Hartog. Cf. HARTOG, François. *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003, p. 11-30. Cf. também: HARTOG, François. “A arte da narrativa histórica”. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos. Campos e canteiros da história*. trad. Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998, p. 193-202; LENCLUD, Gérard. “Traversées dans le temps”. *Annales HSS*, septembre-octobre, 2006, n. 5, p. 1053-1084.

fundamentam o discurso no órgão então ocupado da formação de um panteão que expressasse um tempo nacional inexistente até a sua instauração.<sup>27</sup>

É a formulação dessa temporalidade que se pretende perceber ao longo desse trabalho.<sup>28</sup> Entender alguns aspectos de uma construção tão característica de meados do século XIX – em um misto entre formas supostamente ultrapassadas de se conceber a experiência do tempo (e a sua narração) – e noções modernas de uma historiografia que opta pelo rigor disciplinar para suportar sua legitimidade. Esses meios de relação com o passado, com bases e interesses políticos expressos de maneira significativa, já não se limitavam à tal eixo. Como explica Ilmar Mattos sobre o que chama *Tempo Saquarema*, isto é, uma forma de conceber o projeto que visava a dar ordem e civilizar, fazendo da sociedade um pouco a “conclusão histórica”, e portanto legítima, que deveria ser aceita e defendida no período imperial. “Se é possível falar em um Tempo Saquarema é porque ele é a expressão, antes de mais nada, das relações que os homens – pessoas e coisas – mantinham em seu existir cotidiano no Império do Brasil, em meados do século passado [XIX], relações essas que, sob determinadas circunstâncias, tornavam essa sociedade surgida da cunhagem da moeda colonial uma sociedade propriamente histórica, isto é, uma sociedade onde os que tinham intenção de não apenas dominá-la, mas sobretudo dirigi-la, erigiam como questões a origem e a instituição da própria sociedade, seu evoluir como uma possibilidade de conservação ou transformação”.<sup>29</sup>

Como os homens com tais pretensões atuariam no sentido de dominar a dimensão diacrônica do tempo, própria da história?<sup>30</sup> Uma primeira e mais óbvia resposta seria pensar em uma periodização.<sup>31</sup> Dessa feita, o mencionado plano de Martius seria uma importante medida. A própria idéia de um tempo *brasileiro* não era evidente e é possível supor que daí se substancia a pertinência de uma noção de história que seja, ao mesmo tempo, útil e instrutiva. As debilidades

<sup>27</sup> Cf. ENDERS, Armelle. “‘O Plutarco Brasileiro’. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p. 41-62. Para um estudo sobre o movimento de panteonização na França, ver: BONNET, Jean-Claude. *Naissance du panthéon. Essai sur le culte des grands hommes*. Paris: Fayard, 1998.

<sup>28</sup> Para um apanhado das recentes reflexões sobre a temporalidade, ver: LEDUC, Jean. “Une nouvelle vision du temps historique?”. In: LEDUC, Jean. *Les historiens et le temps. Conceptions, problématiques, écritures*. Paris: Seuil, 1999, p. 11-55.

<sup>29</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 296.

<sup>30</sup> PROST, Antoine. “Les temps de l’histoire”. In: PROST, Antoine. *Douze leçons sur l’histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, p. 101-123.

<sup>31</sup> Para uma leitura panorâmica sobre a periodização em história, ver, por exemplo: LEDUC, Jean. “Découper le temps”. In: LEDUC, Jean. *Les historiens et le temps. Conceptions, problématiques, écritures. op. cit.*, p. 91-133. Para o caso brasileiro, ver: RODRIGUES, José Honório. “A periodização na história do Brasil”. *Teoria da história do Brasil. Introdução metodológica. op. cit.*, p. 152-181.

do conceito genealógico de nação, então em formação, encontrariam na história e nos historiadores consideráveis motores ao trabalho de aproximação de um passado que não era reconhecido simplesmente por não existir como conjunção ao presente, ao menos do ponto de vista que aqui se busca analisar.<sup>32</sup> Para transformar esse contato entre presente e passado em algo que, a partir de então, pudesse ser concebido como um acordo, esforços didáticos não cessaram de ser efetuados. O delineamento do território, por exemplo, um “valor nacional”, exigia instrumentos de convencimento, como trata Anne-Marie Thiesse: “A filologia, a etnografia, a história, a arqueologia ou a antropologia física são mobilizadas para estabelecer direitos de propriedade ancestral sobre um território”.<sup>33</sup> Sendo inarredável, a relação entre espaço e tempo auxilia na compreensão dos expedientes de controle do segundo por meio da história, nos limites em que se apresenta a leitura ora exposta.<sup>34</sup>

Além de métodos que demonstrassem o espaço – sendo este conhecido e concebido em relação ao tempo que se quer grifar – era preciso que houvesse homens.<sup>35</sup> E assim retorno ao gênero biográfico e a Varnhagen.<sup>36</sup> Os modos a partir dos quais o referido historiador trabalha com os registros de seus personagens individuais e coletivos estão relacionados com sua concepção de história, que pode ser analisada sob o prisma das diversas temporalidades que atravessam e se encontram em sua organização textual. Partindo das reflexões do historiador alemão Reinhart Koselleck acerca das relações entre as diferentes formas de aquisição de experiência histórica e seus métodos de escrita, buscarei examinar como, no Brasil do século XIX, diversas estruturas temporais foram reordenadas – em alguns casos, de maneira bem

---

<sup>32</sup> PALTÍ, Elías. *La nación como problema. Los historiadores y la “cuestion nacional”*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 19-20.

<sup>33</sup> THIESSE, Anne-Marie. “Ficções criadoras: as identidades nacionais”. trad. Eliane Cezar. *Anos 90*, n. 15, 2001/2002, p. 7-23 (citação p. 17).

<sup>34</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “O tempo histórico”. In: Cf. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 162-170.

<sup>35</sup> O que remete à consagrada definição de história de Marc Bloch. BLOCH, Marc. *Apologia da história ou, O ofício do historiador*. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Aproveitando essa remissão, cito aqui um outro importante texto nessa reflexão sobre o tempo histórico: BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais. A longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. trad. J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 41-78.

<sup>36</sup> “No Brasil do século XIX, biografia e história protagonizam contatos mediados por duas questões: a constante busca de marcas de cientificidade e a tarefa de se escrever a história da nação. Em ambos os casos, era preciso romper com a *poética da história* presente na cultura histórica oitocentista, o que exigia um grande esforço, uma vez que aqueles que praticavam a pesquisa em história, sobretudo os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, não tinham muito claras as distinções necessárias para a definição de um campo científico”. Cf. CEZAR, Temístocles. “Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 73-94 (citação p. 74).

particular – através de procedimentos de investigação que buscavam correlacionar modos de registro do passado, entre eles a biografia.<sup>37</sup>

Desta maneira, o trabalho centrado na leitura das biografias e de alguns dos mais importantes textos históricos de Varnhagen foi o meio escolhido para desenvolver essa análise. É simples supor que não seria em desenhos abstratos dos limites espaço-temporais que uma escrita da história comprometida com o poder político atuaria da maneira enfática como se pode vislumbrar por seus efeitos. É dessa opinião que busco me distanciar. Por isso, apoiado nas contribuições de Koselleck e, em especial, de Paul Ricoeur, este estudo pretende mapear a operação historiográfica varnhageniana entre suas primeiras publicações, no final da década de 1830, até o final dos anos 1870, quando o historiador vem a falecer. Como se pretende deixar claro ao longo das duas partes que compõem essa dissertação, tanto as proposições de Koselleck acerca de uma concepção plural do tempo histórico como a produção de Paul Ricoeur relacionada à narrativa historiográfica – com destaque para o seu desenvolvimento a partir da noção formulada por Michel de Certeau, mais de uma vez lembrada acima – são de fundamental importância na idéia geral que a organiza.<sup>38</sup> Tal como sugere Fernando Nicolazzi, em suas análises sobre o conjunto da obra desses autores: “portanto, a construção do texto de história, atividade que faz parte de uma operação mais complexa, tem por característica marcante a organização narrativa de determinada ação humana: o texto de história é a inscrição da experiência mediante procedimentos estabelecidos (análises de fontes, crítica de testemunhos, adoção de métodos, estruturação da exposição etc.)”.<sup>39</sup>

Desse modo, na Parte I, as notícias biográficas produzidas por Varnhagen são tomadas como o fio condutor que permite atravessar os anos que antecederam à publicação das suas grandes obras históricas. Intitulada *Temp(l)os da pesquisa: as “operações biográficas” de Francisco Adolfo de Varnhagen*, a reflexão nela distribuída tem por objetivo valorizar esses pequenos textos, isto é, tomá-los como paradigma de análise, como propõe Nicolazzi, explorar

<sup>37</sup> KOSELLECK, Reinhart. “Cambio de experiencia y cambio de método. Un apunte histórico-antropológico”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo. Estudios sobre la historia*. Barcelona: Paidós, 2001, p. 43-92.

<sup>38</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. *op. cit.*, p. 155-296.

<sup>39</sup> NICOLAZZI, Fernando. “Uma teoria da história: Paul Ricoeur e a hermenêutica do discurso historiográfico”. *História em Revista*, Pelotas, v. 9, dezembro, 2003, 45-76 (citação p. 72). Ver também: NICOLAZZI, Fernando. “Experiência histórica e narrativa historiográfica: um diálogo entre Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck”. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, jan./jun., 2005, p. 139-159.

seus padrões, suas diferenças, mas, sobretudo, mapear um duplo trânsito.<sup>40</sup> O primeiro deles, os movimentos do historiador oitocentista pelos arquivos, suas correções aos próprios textos, a distribuição desses por periódicos (com destaque à *Revista do IHGB*); o segundo, os diálogos desses textos biográficos no interior da própria obra, ora tida como ponto de partida, isto é, a origem das narrativas de vida, ora como ponto de chegada, ou seja, como redutos que acolhem as notas produzidas para outros fins. A hipótese que norteia essa discussão é a de que as biografias, assim como as publicações de fontes e os compêndios literários compostos por Varnhagen, permitem que se conheça melhor suas ações no âmbito da pesquisa, no qual tanto se destacou e, simultaneamente, verificar o processo de legitimação do ofício histórico, sob um olhar que buscou sacramentar a posição crítica e os métodos apropriados à época (daí a idéia de que os arquivos e, posteriormente, suas obras vieram a configurar “templos da pesquisa”).<sup>41</sup>

Na Parte II, chamada *Temp(l)os da escrita: biografia, tempo e autoridade. A História geral do Brasil entre as vidas do passado e o nome de Varnhagen*, a proposta é dar continuidade e aprofundar o contato com o perfil pesquisador de Varnhagen, tomando o texto de sua grande obra como fonte capital ao exame das temporalidades arquitetadas pelo autor. A *História geral* caracteriza-se, como lembram muitos de seus leitores, por permitir desdobramentos não apenas no interior do vasto conjunto de escritos varnhagenianos e da sua fortuna crítica, mas também no que tange à historiografia produzida ao longo de boa parte do século XIX. Alinhadas em suas páginas, discussões, dúvidas e certezas que se colocavam aos historiadores naquele período remetem a diversos outros nomes, textos e tempos.<sup>42</sup> É por meio dessa sua peculiaridade que se pode fixar a investigação em uma “identidade historiadora” que, sob certos prismas, define aquele Varnhagen que conhecemos. Contando com as possibilidades até aqui apontadas, o que na primeira parte é delineado por meio das notícias biográficas e demais publicações mencionadas, pode, a partir da *História geral do Brasil* e de outros estudos históricos de Varnhagen – por exemplo, sua *História das Lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654* –, ser

<sup>40</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história. op. cit.*; GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre as notas de rodapé*. trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

<sup>41</sup> O compêndio a que me refiro é a seguinte antologia poética: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da poesia brasileira ou collecção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sôbre as letras no Brazil*. Tomos I, II e III, Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946 [1850-1853].

<sup>42</sup> Nas palavras de Paul Veyne, “as fontes sendo abundantes, é possível praticar durante longo tempo uma exploração extensiva, sem modificar a problemática”. VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças. História e sociologia*. trad. Sônia Salzstein. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 11.

vislumbrado sob noções mais específicas.<sup>43</sup> Este segundo momento é iniciado, portanto, seguindo a mesma linha de observação perfilada na parte anterior, ou seja, preocupada em descrever as operações das quais se pode deduzir as ações historiadoras que os textos selecionados permitem demonstrar e que pelas quais nos acostumamos a classificá-los neste ou naquele nicho.

Contudo, o escopo é em seguida deslocado para a leitura das temporalidades cruzadas ao longo dos textos, tomando noções como *autoridade* e *evidência*, caras aos estudos históricos, como orientadores da discussão sobre o gênero biográfico em Varnhagen.<sup>44</sup> Essas duas noções, em uma investigação historiográfica voltada para o Oitocentos, colaboram com determinada organização ao esforço na definição que se quer cada vez mais precisa no que diz respeito à figura do historiador (em grande sentido, sua autoridade) e o caráter de sua escrita (sua capacidade de lidar com evidências), isto é, seu potencial de representação de um passado.<sup>45</sup> A *História geral do Brasil*, analisada com a atenção voltada para as articulações de noções como essas, acaba por constituir-se, como hipótese, em plurais “templos de escrita”.

Biografia e história, tempo e autoridade, evidência: as relações são bastante variadas, porém, no século XIX, os escritos dos historiadores não permitem que esqueçamos do poder dos discursos.<sup>46</sup> Se há temporalidades que se impõem e tentam unificar e dominar – cujo melhor exemplo, em linhas gerais, talvez seja o cristianismo – é correto afirmar que, em diferentes momentos, outras concepções temporais que se convertem em ordens e acordos de sentido criaram suas bases que, embora compartilhem, nem sempre somos capazes de questionar.<sup>47</sup> Cabe dizer que essas noções influenciam (e são influenciadas) pelo trabalho do historiador. Seus instrumentos mais preciosos operam fórmulas de tempo, mas também são por elas condicionadas. Apenas para um rápido exemplo, vejamos o caso da noção de testemunha, avaliada por François Hartog: "O historiador grego desejava retardar o esquecimento dos grandes momentos

<sup>43</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Cidade do Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1872].

<sup>44</sup> Pode-se analisar o interesse contemporâneo (embora não seja ele uma novidade na história da historiografia) em importantes e diversas (em suas propostas) publicações como, por exemplo, as que seguem: FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal (org.). *Les Autorités. Dynamiques et mutations d'une figure de référence à l'Antiquité*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2007; HARTOG, François. *Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2005; GINZBURG, Carlo. *Os fios e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Ver também: GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Depois de aprender com a história”. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926. Vivendo no limite do tempo*. trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999, p. 459-485.

<sup>45</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. op. cit., p. 247-296.

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

<sup>47</sup> Cf. PROST, Antoine. *Douze leçons sur l'histoire*. op. cit., p. 103-107.

(Heródoto), ou fornecer um instrumento que permitisse não prever, mas compreender o que acontecerá no futuro (Tucídides); sua tarefa ou sua missão, entretanto, não era de modo algum transmitir exatamente uma experiência a ser preservada como tal, em sua singularidade".<sup>48</sup> De acordo com o historiador, apenas com a emergência do cristianismo a figura da testemunha tomará o sentido tal como presumimos, isto é, aquele de ser um dos elos de legitimação da tradição.

Assim, retornar com certa frequência às ferramentas dos historiadores no Brasil oitocentista é um meio de buscar entender o que Temístocles Cezar chama de uma *retórica da nacionalidade*, um “discurso histórico destinado a convencer, persuadir, os brasileiros de que eles compartilham de um passado, conseqüentemente um presente também, em comum”.<sup>49</sup> Essa retórica encontra sonoros ecos em Varnhagen que possibilitam uma abordagem historiográfica atenta as suas vozes de comando, não para deixar-se seduzir por elas, mas no intuito de pensar e contribuir às reflexões que tentam apreender como se dão as relações de tempo quando as noções de autoridade, evidência, entre outras, se alteram ou são simplesmente esquecidas.<sup>50</sup> Que o dito “retorno da biografia” nos sirva de lembrança à importância de se repensar essas questões.

---

<sup>48</sup> HARTOG, François. "A testemunha e o historiador". trad. Patrícia Chittoni Ramos. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRGS), 2001, p. 11-41 (citação p. 26-27).

<sup>49</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture del'histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen*. Tese de doutorado em história. Paris: EHESS, dois tomos, 2002, 636 p. (citação p. 571, Tomo II).

<sup>50</sup> ARENDT, Hannah. "O que é autoridade?". In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5ª edição, trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 127-187; HARTOG, François. "L'histoire tentée par l'épistémologie?". In: HARTOG, François. *Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens*. op. cit., p. 230-235.

## PARTE I

### *Tempos da pesquisa*

#### As “operações biográficas”

de Francisco Adolfo de Varnhagen

“Todas as coisas que devem sua existência aos homens, tais como obras, feitos e palavras, são perecíveis, como que contaminadas com a mortalidade de seus autores. Contudo, se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estariam em casa, e os próprios mortais encontrariam seu lugar no cosmo, onde todas as coisas são imortais, exceto os homens.”

Hannah Arendt

## 1. Do individual ao particular: arquivos e periódicos, o historiador, um sacerdote<sup>1</sup>

“E será pouco arrancar do esquecimento, em que jazem sepultados, os nomes e feitos de tantos illustres Brasileiros, que honraram a patria por suas letras e por seus diversos e brilhantes serviços? O desejo de dar vida a benemeritos, que o nosso descuido tem deixado mortos para a gloria da patria e para a estima do mundo, ja se tem apoderado de alguns dos illustres socios deste nosso Instituto.”

Januário da Cunha Barbosa<sup>2</sup>

O trecho do *Discurso* inaugural citado acima, proferido pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, constitui apenas um dos exemplos dentre muitas passagens que sinalizam, nesse texto, a relevância – na opinião de alguns dos sócios fundadores do IHGB – de se “dar vida” aos dignos representantes da nação brasileira.<sup>3</sup> Publicada no primeiro número da *Revista do IHGB*, a fala do secretário-perpétuo anunciava, entre outras importantes diretrizes gerais para a escrita da história naquele lugar, um projeto biográfico. Ao órgão cabia ordenar as biografias dos “illustres Brasileiros”, como ressalta Temístocles Cezar: “a instituição tem a responsabilidade de organizar uma galeria ordenada dos homens ilustres, isto é, colocá-los em uma disposição espaço-temporal adequada”.<sup>4</sup>

Tomando esse dado, pode-se afirmar que, no Brasil do século XIX, gênero biográfico e história nacional caminharam lado a lado. Não é casual, assim, que o mesmo Cunha Barbosa tenha inserido, como primeiro item, na sua *Lembrança do que devem procurar os socios do*

<sup>1</sup> A citação de Arendt, na abertura desta primeira parte, encontra-se em: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5ª edição, trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 72.

<sup>2</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. “Discurso”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo I, 1839, p. 9-17 (citação p. 14). Nas citações de fontes será mantida a grafia original.

<sup>3</sup> De pronto, é importante não esquecer que entre estes fundadores do órgão encontra-se, sobremaneira, um misto da elite política e intelectual, sendo impossível (e mesmo equivocado) dissociar os dois âmbitos. Seguindo esse olhar mais amplo acerca dessa elite e de acordo com Ilmar Mattos: “E assim de fato ocorria com quase todos os elementos constitutivos deste seguimento: saltavam da magistratura para a política, saltando também para um sistema de relações que, efetivamente e antes que qualquer outro fator, lhes proporciona homogeneidade. Neste processo, tornam-se dirigentes, embora jamais se digam políticos. [...] Exerciam, assim, funções diversas, que ainda transbordavam para o jornalismo e a literatura. Chamavam-se a si mesmos de ‘escritores públicos’, caracterizando a utilização dos jornais, panfletos, pasquins, folhetos e livros que redigiam para unir a seus ideais e proposições os demais componentes da ‘boa sociedade’ e muitos homens livres, proprietários unicamente de suas pessoas”. Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 195-196. Ver também: CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 49-142.

<sup>4</sup> CEZAR, Temístocles. “Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX”. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 8, n. 1, 2004, p. 11-29 (citação p. 26).

*Instituto Historico Brasileiro, para remetterem á sociedade central do Rio de Janeiro*, publicada (tal qual seu discurso) na primeira edição do periódico o seguinte:

“1º Noticias biographicas impressas, ou manuscriptas dos Brasileiros distinctos por suas letras, armas serviços relevantes, ou qualquer outra qualidade notavel, desde o descobrimento do Brazil ate hoje, com explicação de seus nomes, naturalidade, tempo em que viveram, e motivos de sua celebridade”.<sup>5</sup>

Pesquisar biografias, na ótica de uma suposta história brasileira, seria tão importante quanto escrevê-las. Interpelar a seção biográfica do periódico exige essas considerações prévias, até mesmo para que se compreenda a diversidade de formas e estilos nela presentes. Em uma rápida passagem pelas atas das sessões regulares do Instituto, editadas ao longo dos números da *Revista*, igualmente, permite a identificação corriqueira da pesquisa de *notícias biográficas*, como eram comumente nomeadas. Um exemplo. Na ata da 31.ª sessão, de 25 de janeiro de 1840, o relator da Comissão de História, Rodrigo de Souza da Silva Pontes acusava a recepção de material enviado pelo sócio José de Rezende Costa. Tratava-se da tradução de um excerto da *Historia do Brasil*, do inglês Robert Southey, referente aos desdobramentos do episódio conhecido como Inconfidência Mineira. O parecer tecia comentários e críticas aos acréscimos presentes na versão de Costa, com destaque aos seus apontamentos biográficos. Acerca dela, diria Silva Pontes:

“[...] e não póde deixar de ter no maior apreço assim as correções feitas ao Historiador estrangeiro, como as interessantes noticias biographicas das pessoas envolvidas nessa malograda empresa d’elevar o Brasil á cathegoria de Nação ainda que a Comissão reconhece que não era possivel ao nosso honrado socio o dar de todas aquellas para satisfazer cabalmente os desejos dos que se occupam em colligir noticias historicas dos homens notaveis do Brasil. Menos amplas que fossem as noticias ministradas pelo nobre Conselheiro seriam sempre uma grande preciosidade”.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. “Lembrança do que devem procurar os socios do Instituto Historico Brasileiro, para remetterem á sociedade central do Rio de Janeiro”. *Revista do IHGB, op. cit.*, Tomo I, p. 109-110 (citação p. 109).

<sup>6</sup> Ata da 31.ª sessão em 25 de janeiro de 1840. *Revista do IHGB, op. cit.*, Tomo II, 1840, p. 145-146. Para uma recente reflexão acerca da concentração da escrita histórica no centro do império, a cidade do Rio de Janeiro, ver: CARVALHO, José Murilo de. “D. João e as histórias dos Brasis”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, 2008, p. 551-572 (ver especialmente 559-567). Para uma análise do contexto político, ver: SLEMIAN, Andréa. *Vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 113-196.

Ao que se pode depreender do comentário supracitado, a biografia era, a um só tempo, um meio de aprimorar o conhecimento que se tinha do acontecimento em questão e, ainda, uma área de pesquisa a ser continuamente explorada. Além disso, retomando as definições expostas no discurso de Barbosa, “o projeto [biográfico] prevê que a história de nossos grandes homens seja escrita por nossos historiadores *nacionais*, e não pelo gênio especulativo dos estrangeiros. A crítica aos escritores estrangeiros funciona aqui como uma medida epistemológica, e não simples xenofobia, – os brasileiros podem fazer melhor –, mas também como uma afirmação identitária: o *nós brasileiro*, quer dizer, o objeto histórico *os grandes homens* e o historiador *nacional* que escreve suas biografias, tem necessidade *deles* para existir”.<sup>7</sup> Ou seja, narrar vidas é uma atribuição do perfil de historiador pensado desde as primeiras reflexões no interior do IHGB. Sabendo-se não satisfatórios os levantamentos até então apresentados na colaboração em análise, o documento indicava a publicação, mas sem esquecer de sugerir pesquisas capazes de enriquecer o trabalho apresentado, igualmente com enfoques biográficos:

“A’ vista do exposto a Comissão é portanto de parecer: 1°. Que a carta, a traducção com as respectivas notas, e a noticia junta sejam endereçadas á Comissão encarregada da redacção da *Revista Trimensal* para que de tudo faça o uso conveniente. 2°. Que se peçam ao nosso mui digno socio o Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente de Minas Geraes todas as noticias biographicas, que fôr possível obter a respeito das pessoas compromettidas na conspiração, de que se trata, enviando-se-lhe copia da lista organizada pelo Sr. Rezende Costa. 3°. Que por intermedio dos nossos agentes Diplomaticos procuremos alcançar dos presidios, e Colonias Portuguezas iguaes noticias biographicas dos illustres desterrados que a esses presidios, ou colonias foram morrer”.<sup>8</sup>

As conclusões deste parecer fazem ver um pouco dos usos da biografia no interior da operação historiográfica executada no Instituto. Estas investigações, que se expandiam por arquivos das províncias imperiais e deveriam avançar na direção de outros espaços em que teriam os personagens transitado, buscavam ampliar o grau de exatidão do conhecimento histórico acerca de fatos e acontecimentos. A biografia era uma forma de dominar os arquivos e também de escrever. As notas publicadas na seção biográfica da *Revista do IHGB* eram, com frequência, reescritas, fosse por pesquisadores diversos, fosse por aditamentos de um mesmo autor. As

<sup>7</sup> CEZAR, Temístocles. “Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX”. *op. cit.*, p. 25.

<sup>8</sup> Ata da 31.ª sessão em 25 de janeiro de 1840. *Revista do IHGB*, *op. cit.*, p. 146-147.

justificativas eram basicamente a necessidade de se inserir novas informações localizadas e que mereciam ser demonstradas ou a imposição de correções em textos anteriormente editados.

Como sugere Maria da Glória de Oliveira:

“Nessa perspectiva, adquire sentido o empenho dos sócios do IHGB em um projeto historiográfico que se compatibiliza com a pesquisa e a composição biográficas. *Escrever vidas e narrar a história* remetiam a modalidades discursivas distintas, porém, passíveis de serem submetidas a um mesmo regime de fidedignidade e verdade. Parece indiscutível, portanto, que a opção biográfica dos nossos letrados adequou-se às injunções da disciplina histórica tal como esta foi sendo concebida e praticada no Brasil do século XIX”.<sup>9</sup>

Creio que tais pontuações são oportunos guias de leitura no exame das biografias assinadas por Varnhagen nas páginas da *Revista* e nos diálogos daquelas com suas obras particulares. Não é possível esquecer que o problema dos arquivos e o papel dos periódicos serão constantes a serem incessantemente retrabalhadas após a fundação do Instituto. Muito se fala sobre a reunião de documentos efetuada por Varnhagen, mas são publicações como essas que, em boa medida, guardam os percursos irregulares de suas pesquisas. As possibilidades e, sobremaneira, os limites de uma emergente noção disciplinar de história ficaram nelas registrados, como acentua, por exemplo, Nelson Schapochnik, ao analisar o trabalho dos membros do IHGB: “o ritmo vagaroso das comissões encarregadas do levantamento documental, a precariedade do estado de conservação das fontes e o desaparecimento de muitos originais pareciam refrear a efetivação do projeto de se escrever a ‘história pátria’”.<sup>10</sup>

Esta breve introdução tem por objetivo definir o enfoque que norteará a primeira parte desse estudo. A análise partirá das biografias escritas por Varnhagen e editadas na *Revista do IHGB* para, a partir daí, identificar suas relações, proximidades e distâncias com os trabalhos específicos do historiador. Trata-se de contribuir através de uma leitura centrada nesses textos – frequentemente citados em listas bio-bibliográficas, porém de raro exame por parte de comentaristas – tentando perceber suas especificidades na operação historiográfica

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850)”. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2007, p. 172-196 (citação p. 188, itálico da autora).

<sup>10</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. “Como se escreve a história?”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25-26, set. 1992/ago. 1993, p. 67-80 (citação p. 73, aspas do autor).

varnhagueniana. Seja no diálogo com a edição de um importante documento histórico, seja na aplicação de métodos etnográficos com o intuito de definir a naturalidade de um renomado personagem histórico ou na cópia de uma notícia biográfica a ser posteriormente aprimorada ou reescrita, o que se pode observar é, de fato, injunções disciplinares em andamento, isto é, a constante reelaboração de um “saber conjectural”, como defende Carlo Ginzburg.<sup>11</sup> Daí a justificativa para o destaque aos referidos textos, em uma reflexão que segue o que diz Manoel Guimarães: “Mais do que apenas ler estes textos, a tarefa da historiografia poderia consistir em dar a ler esses textos, reconstruindo – para falar como a hermenêutica – a questão à qual eles respondem, redesenhando os horizontes de expectativa em que, desde seu primeiro dia até os nossos (ainda que no modo de ausência), eles vieram inscrever-se, recalculando as apostas que fizeram e significaram, apontando quíprocós que sucessivamente provocaram”.<sup>12</sup>

Retornar, por sua vez, a escritos fundadores como o *Discurso* de Januário da Cunha Barbosa é uma prática essencial para a compreensão dos acordos disciplinares da história no Brasil do século XIX. Além disso, parece ser um excelente atalho no caminho em direção à busca pelas representações do passado que esses acordos pretendiam expor. E, para além desses destacados e inconclusos mapeamentos, a atividade e a figura que se costuma adjetivar “ser historiador” ganha foco renovado a cada nova leitura. “O historiador não é simplesmente aquele que julga e diz a verdade. Ele é aquele que cumpre seu papel como um sacerdote. Esse lado religioso e místico não tem relação com o cristianismo dos membros do IHGB. Trata-se de um dos componentes, talvez dos mais importantes, dessa imagem ideal de historiador que Januário da C. Barbosa procura desenhar. Efetivamente, fazer a história da nação torna-se uma missão

---

<sup>11</sup> GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 143-179 (citação p. 155). Segundo Ginzburg, ao comentar sobre os efeitos do paradigma galileano na modernidade e no campo do conhecimento histórico: “Ora, é claro que o grupo de disciplinas que chamamos de indiciárias (incluída a medicina) não entra absolutamente nos critérios de cientificidade deduzíveis do paradigma galileano. Trata-se, de fato, de disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais*, e justamente por isso alcançam resultados que tem uma margem ineliminável de casualidade [...]”. *Idem, ibidem*, p. 156. Para um interessante ensaio sobre as características compartilhadas pela história, pela medicina e por outros campos profissionais na Inglaterra – como o direito e a teologia – ver: BANN, Stephen. “A história e suas irmãs: direito, medicina e teologia”. In: BANN, Stephen. *As invenções da história. Ensaio sobre a representação do passado*. trad. Flávia Villas-Boas. São Paulo: Editora UNESP, 1994, p. 27-50.

<sup>12</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar”. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 9-24 (citação p. 21-22).

sacerdotal”.<sup>13</sup> Esse caráter religioso destacava-se especialmente no trato com as vidas, fossem elas do passado ou do presente. A seguir, o que chamei de “templos da pesquisa”, os tempos de Varnhagen pelos arquivos, os mais importantes espaços a serem freqüentados ou mesmo construídos, serão aqui visitados. Sem seguir um ordenamento absolutamente cronológico, tomarei algumas das biografias publicadas na *Revista do IHGB* e, por meio delas, tentarei conhecer um pouco mais de sua escrita da história, de suas “operações biográficas”. A sugestão é que, daqui adiante, sigamos do individual (das notícias biográficas), espalhadas pelos periódicos, ao particular (as obras editadas por Varnhagen), pois, como lembra Durval Muniz de Albuquerque, “nós escrevemos a História de dentro dela mesma”.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> CEZAR, Temístocles. “Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX”. *op. cit.*, p. 24.

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007, p. 29. Ainda conforme o historiador: “Quando ao final de nossa narrativa, se o evento aparece em seu corpo inteiro e bem amarrado, é porque escondemos as costuras, os chuleados, os nós e as laçadas que precisamos realizar e, como numa linda blusa de tricô, precisamos esconder e disfarçar no seu avesso”. *Idem*, p. 31.

## 2. Entre debates, métodos, cópias e obras: como produzir biografias no século XIX

No ano de 1873, a *Revista do IHGB* publicou duas notícias biográficas em sua seção então denominada *Biographia dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes etc.*, relativas a Francisco José de Lacerda e Almeida e Antonio Pires da Silva Pontes Leme. Somando-se os dois textos, ocupavam eles onze páginas, pouco mais de sete delas preenchidas pela vida do primeiro nome citado. As narrativas, editadas consecutivamente, tratavam das contribuições de astrônomos contemporâneos (viajantes formados em Coimbra, responsáveis pelas demarcações territoriais do Brasil), cujas datações cronológicas básicas – nascimento e morte – não eram precisadas, segundo o autor, por ausência de fontes, registrando-se apenas que ambos nasceram em meados do século XVIII, nas cidades de São Paulo e Mariana, respectivamente. É importante considerar que o modelo narrativo do gênero biográfico, embora aparentemente evidente (a escrita de uma vida), guardou e guarda diversas diferenças ao longo do tempo. As próprias experiências das temporalidades da narrativa e do vivido são elementos definidores das possibilidades e dos condicionamentos de uma narrativa biográfica no século XIX.<sup>15</sup> Essa idéia foi brilhantemente expressa, para outro contexto, por Georges Duby, no início do primeiro capítulo de seu livro sobre Guilherme Marechal. Ao descrever a cena da morte do conde Marechal: “Tinha mais de oitenta anos, afirmava. Exagerava um pouco, pois não sabia exatamente qual era sua idade. Mas quem sabia, naquela época? Na vida, as datas mais importantes eram outras, não a de nascimento. Esta se esquecia. E eram tão poucos os muito velhos que os outros até os envelheciam – e eles próprios se envelheciam ainda mais”.<sup>16</sup>

Aquelas notas estavam assinadas pelo Barão de Porto-Seguro, título nobiliárquico recebido, no ano anterior, por Varnhagen. As referidas biografias seriam as últimas contribuições do gênero por ele endereçadas ao IHGB. Anteriormente, havia o órgão editado em seu periódico outras 29 notas também atribuídas ao depois Visconde de Porto Seguro, a primeira delas no ano de 1840.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> [VARNHAGEN, Francisco Adolfo de.] PORTO-SEGURO, Barão de. “Biographia dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc. Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida; Dr. Antonio Pires da Silva Pontes Leme”. *Revista do IHGB*, *op. cit.*, Tomo XXXVI, 1873, p. 177-187.

<sup>16</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 7.

<sup>17</sup> Varnhagen recebera as honras de Baronia de Porto Seguro em 1872 e, em 1874, fora agraciado com a deferência de Visconde de Porto Seguro. Cf. RODRIGUES, José Honório. “Varnhagen. O primeiro mestre da historiografia

Dentre os textos varnhaguenianos, há duas apropriações particulares, com especificidades relacionadas, a serem, de início, destacadas. A primeira consta da ocupação do espaço destinado ao biográfico como meio de resposta em debates eruditos (característica do Oitocentos), quais sejam, neste caso: a autoria de títulos relacionados ao Brasil e a nacionalidade daqueles que legaram esses escritos. Em 1850, um texto com pouco mais de duas páginas, intitulado “Bento Teixeira Pinto – Artigo II (*Para uma explicação*)”, foi apresentado na seção à época denominada *Biographias de brasileiros distintos ou de individuos illustres que bem servissem o Brasil, &c.*<sup>18</sup> Tratava-se da réplica de Varnhagen à biografia de Bento Teixeira – poeta que viveu no século XVI – inserida no número anterior da *Revista*, escrita pelo literato Joaquim Norberto de Sousa e Silva, um dos conflitos abertos entre ambos, sintetizados por Clado Ribeiro de Lessa.<sup>19</sup> A verve polemista do historiador manifestou-se após Sousa e Silva ter colocado em questão aferições daquele que, ao verificar e criticar fontes, não reconhecia como sendo do escritor quinhentista a obra *Diálogos das Grandezas do Brazil*. Além disso, tampouco afirmava sua identidade brasileira, colocando em dúvida, inclusive, seu nome: “Bento Teixeira (Pinto?) é nome que está ainda por apurar, bem como Rolim de Moura e André Nunes da Silva”.<sup>20</sup>

As duas indagações eram relevantes no âmbito da experiência historiográfica de meados do século XIX, momento em que se deu o enfrentamento. O reconhecimento do Brasil como local de nascimento de Bento implicaria, por exemplo, na sua inserção no compêndio literário organizado por Varnhagen, o *Florilegio da poesia brasileira* (editado em três tomos, entre 1850 e 1853), o que não ocorreu senão em um apêndice ao terceiro volume da obra, datado de 1872.<sup>21</sup>

---

brasileira (1816-1878)”. *Revista de História da América – Instituto Panamericano de Geografia e História*. México, n. 88, Julio/Diciembre, 1979, p. 93-122 (p. 120-121).

<sup>18</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographias de brasileiros distintos ou de individuos illustres que bem servissem ao Brasil, &c. Bento Teixeira Pinto. Artigo II. (*Para uma explicação*)”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo XIII, 1850, p. 402-405.

<sup>19</sup> LESSA, Clado Ribeiro de. “Vida e obra de Varnhagen”. *Revista do IHGB*, v. 223, abril-junho, 1954, p. 82-297; v. 224, julho-setembro, 1954, p. 109-315; v. 225, outubro-dezembro, 1954, p. 120-293, v. 226, janeiro-março, 1955, p. 3-168; v. 227, abril-junho, 1955, p. 85-236 (“Polêmicas com Joaquim Norberto de Sousa e Silva”, v. 226, janeiro-março, 1955, p. 40-48). SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. “Biographia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, &c. Bento Teixeira Pinto”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo XIII, 1850, p. 274-278.

<sup>20</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographias de brasileiros distintos ou de individuos illustres que bem servissem ao Brasil, &c. Bento Teixeira Pinto. Artigo II. (*Para uma explicação*)”. *op. cit.*, p. 404.

<sup>21</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da poesia brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as letras no Brazil*. Tomos I, II e III, Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946 [1850-1853]. De acordo com Afrânio Peixoto, em 1872, quase vinte anos após a edição do terceiro e último tomo do *Florilegio da poesia brasileira*, Varnhagen publicou, em Viena, um segundo apêndice à obra (o primeiro correspondia a algumas poesias extras encontradas, de autores reunidos nos dois primeiros tomos, anexo à impressão de 1853). Somente

Em um relativo resultado final da contenda, Varnhagen sairia vitorioso, sendo remetida a naturalidade do poeta à lusitana cidade do Porto, e não a Pernambuco (afirmação de seu opositor), e ainda, acerca da discussão autoral, escreveria Lessa: “As pesquisas de Capistrano de Abreu e as mais recentes (complementando-as) do Sr. Rodolfo Garcia, sôbre a autoria dos *Diálogos* provaram o fundamento da falta de confiança que o sorocabano [Varnhagen] depositava nos assertos do Abade de Santo Adrão de Server, e a boa intuição de suas críticas”.<sup>22</sup> Deste modo, Maria da Glória de Oliveira, ao examinar esta querela, conclui: “na base da sua argumentação contundente subjaz a interdição a todo juízo histórico destituído de validação documental, efeito de um aguçado senso de prudência metodológica e vigilância crítica que, no Oitocentos, longe de ser uma prerrogativa exclusiva do Visconde de Porto Seguro, tornara-se condição incontornável da elaboração historiográfica do passado”.<sup>23</sup>

A seguinte apropriação consiste de uma variação da fórmula biográfica: a investigação filológica e etnográfica acerca da naturalidade de Antonio Filipe Camarão (o indígena Poty), divulgada em dois artigos, no ano de 1867.<sup>24</sup> Ocupando, no total, quatorze páginas, este estudo representa uma das maiores biografias encaminhadas por Varnhagen ao IHGB. A definição correta do lugar de nascimento do biografado torna-se um problema de pesquisa a ser respondido por meio da conjugação de conhecimentos etimológicos das línguas tupi-guarani e de mapeamentos etnográficos que buscam corresponder as tribos indígenas às regiões por cada uma delas ocupadas. Fontes históricas são analisadas e confrontadas através desses dois recursos metodológicos, pois, como aponta Rodrigo Turin: “a etnografia, concebida como um modo de fazer a história dos selvagens, não poderia se restringir a simples ‘conjecturas’. Tal como a história propriamente dita, ela necessitava de fatos. Contudo, na falta de documentos históricos produzidos pelos indígenas, o único método capaz de fornecer tais fatos [...] seria a ‘ciência lingüística’”.<sup>25</sup>

---

neste tardio adendo Bento Teixeira seria inserido no compêndio de poetas nacionais. Cf. PEIXOTO, Afrânio. “Nota preliminar”. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da poesia brasileira. op. cit.*, Tomo I, p. IX-X.

<sup>22</sup> LESSA, Clado Ribeiro de. “Vida e obra de Varnhagen”, *op. cit.*, v. 226, janeiro-março, 1955, p. 42.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. “O arquivo em movimento: o *Florilegio* de Francisco Adolfo de Varnhagen”. In: *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p. 134-150 (citação p. 150).

<sup>24</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. Naturalidade de Dom Antonio Filipe Camarão”. *Revista do IHGB, op. cit.*, Tomo XXX, 1867, p. 501-508 (Parte primeira do artigo/tomo); p. 419-424 (Parte segunda do artigo/tomo).

<sup>25</sup> TURIN, Rodrigo. “A ‘obscura história’ indígena. O discurso etnográfico no IHGB (1840-1870)”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 86-113 (citação p. 106, aspas do autor).

Tal como no caso anterior, mais do que compor uma narrativa da vida de seu biografado, o historiador utiliza a definida seção biográfica da *Revista do IHGB* como registro de crítica, correção e, em termos atuais, debate historiográfico. A descrição da vida de Camarão, o “herói índio das campanhas contra os holandeses invasores de Pernambuco”, não é o enfoque principal encontrado ao longo do texto.<sup>26</sup> Varnhagen ocupa praticamente a totalidade do primeiro artigo reconstituindo as fontes que o orientaram ao equívoco de crer e registrar – na primeira edição de sua *Historia geral do Brazil* – que Camarão seria natural do Ceará e não do Rio Grande do Norte, como passaria a defender nos textos aqui vistos (o segundo artigo apenas reforçaria os argumentos expostos no anterior, com novos documentos e exames).

Dez anos depois da publicação do segundo tomo de sua principal obra, o historiador fazia uso particular da forma biográfica e da acolhida do Instituto: a filologia, especialmente, e a etnografia, em geral, processavam as conclusões de um trabalho corretivo de pesquisa histórica que tem, quase como pano de fundo, uma construção biográfica. Pode-se inserir, a propósito, esses avanços investigativos no contexto de revisão da *Historia geral*, realizada pelo próprio autor, no intuito de reeditá-la (o que ocorreu em 1877), idéia evidenciada em mais de uma oportunidade e que, conforme ele, não era uma necessidade exclusiva dos historiadores da história brasileira:

“Longe de sentir-se o nosso amor proprio ao fazer esta rectificação, experimentamos n’isso um verdadeiro orgulho. Semelhante rectificação, e assim as outras que já temos feito, e muitas que, graças ao aparecimento de novos documentos e mais aturado estudo, faremos (se Deus nol-o permittir, na segunda edição que temos de todo preparada para o prelo da nossa *Historia Geral*) contribuirão mais a comprovar nossa boa fé, e accusar a virgindade em que se achava há poucos annos o campo da critica historica no nosso paiz. Assim tambem succedia, ainda n’este seculo, á historia da metropole, onde a vida litteraria do eminente critico João Pedro Ribeiro foi levada em uma série de rectificações successivas”.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc. Naturalidade de Dom Antonio Filippe Camarão”. *Revista do IHGB*, *op. cit.*, Tomo XXX, 1867, p. 501. Camarão será um dos relevantes personagens a serem retomados na análise do texto da *Historia geral do Brazil*, na segunda parte dessa dissertação.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 504.

Ainda, antes que a segunda publicação daquela *Historia* viesse a público, Varnhagen tratou da impressão, em 1871, da *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, à qual deve também ser reputada a análise de naturalidade supracitada, sabendo-se que Camarão era um de seus personagens centrais, como o historiador evidenciou logo no início do prefácio à obra:

“Se bem que havíamos curiosamente estudado os arredores do Recife até Itamaracá e Igarassú, de um lado, e até os Guararapes e o monte das Tabocas, de outro, e que tínhamos visitado, com a devida curiosidade, as capitais do Maranhão, do Ceará, do Rio Grande, da Paraíba, das Alagoas e da Bahia, e suas imediações, não pensávamos começar a redigir o livro projetado, sem examinar antes todos os pontos e percorrer todos os caminhos, onde, por seus patrióticos feitos, se imortalizaram os quatro heróis brasileiros, anti-holandeses, Vidal, Barbalho, Camarão e Dias”.<sup>28</sup>

As peculiaridades percebidas nas escritas de orientação biográfica acerca de Bento Teixeira e Filipe Camarão permitem a apresentação de algumas considerações iniciais. A primeira delas, mais geral, diz respeito à íntima relação entre o surgimento da história como disciplina e a construção de um conceito de nação, processo irregular que atravessa o século XIX.<sup>29</sup> Passíveis de verificação, tanto a interdição do “mais antigo dos poetas brasileiros” (como diria o próprio compilador em 1872, em expressão repetida posteriormente) na primeira organização do *Florilegio* como os metódicos reparos à naturalidade do aliado indígena nos

<sup>28</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Cidade do Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1872], p. 11. Armelle Enders analisou a presença de Camarão e de outros nomes citados acima por Varnhagen na *Revista do IHGB*, verificação relevante no sentido de matizar o culto indianista no interior do órgão, do qual o autor da *História das lutas* certamente não compatilhava. Segundo Enders: “Os autores hostis ao culto da herança ameríndia, como Varnhagen, percebem nele a prova de que o bárbaro é corrigível [...]”. Cf. ENDERS, Armelle. “‘O Plutarco Brasileiro’. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p. 41-62 (citação p. 48).

<sup>29</sup> Elías Palti reconstituiu os debates relacionados aos conceitos genealógicos e antigenealógicos de nação verificando detalhadamente a modernidade, os limites e, sobretudo, o papel dos historiadores na construção dos mesmos. O conceito genealógico (evolucionista e preformista), que surge inexato com as alterações posteriores à Revolução Francesa, encontrará no século seguinte espaço privilegiado na escrita da história. Segundo o autor: “O certo é que, ao longo do século XIX, o conceito evolucionista genealógico proveria o solo de categorias em função das quais tanto os nacionalistas como seus opositores poderiam abordar a ‘questão nacional’, articular publicamente seus pontos de vista respectivos, e compreender ainda o sentido de sua mesma dissidência”. No caminho que este capítulo tenta explicitar, pretendo centrar minha análise em alguns dos enquadramentos do texto histórico próprios do período. Esses regulamentos, embora instáveis, foram hábeis não apenas em pretender e gerar acordos de sentido no referido conceito de nação (e também na sua crítica, ainda no Oitocentos, como destaca Palti, ao examinar, por exemplo, o conhecido texto “O que é uma nação?”, de Ernest Renan, de 1882), mas favoreceram a criação de um campo científico, suas rotinas e a suposta identidade de seus membros. PALTÍ, Elías. *La nación como problema. Los historiadores y la “cuestión nacional”*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 48.

enfrentamentos com os holandeses representam a incorporação de regras que, em medidas pouco lineares, condicionavam e legitimavam as diversas formas de escrita da história possíveis naquele período, entre elas, a biografia. Em síntese, acompanhar as investigações biográficas de Varnhagen permite que se examine alguns dos elementos capazes de acarretar efeitos conformadores da chamada história nacional (ou de uma história da literatura nesse molde) e, ao mesmo tempo, associar esses levantamentos a uma das formas de intervenção e controle dos arquivos, cujos acervos compunham os recursos fundamentais à feitura da história (idéia fortalecida a partir da fundação do IHGB).<sup>30</sup>

Entretanto, da mesma maneira que a história nacional era feita mais da proposição de debates do que de certezas, e que os campos literário e histórico não fossem compreendidos como independentes, a coleção de biografias que o historiador acabou por formular não pode ser interpelada como conclusões de métodos ordenados ou recorrentes. Varnhagen escreveu a maioria das notícias biográficas a ele associadas no Instituto. Por outro lado, ele também copiou algumas delas e enviou àquela associação para que fossem editadas em seu periódico, apontando que não eram de sua autoria, prática perfeitamente aceita, posto que as ações corretivas poderiam, a qualquer tempo, autorizar a reescrita das narrativas de vidas.<sup>31</sup>

A primeira, entre essas, foi a de Francisco de Mello Franco, bacharel em Medicina, nascido em 1737 na então província de Minas Gerais. Uma nota, logo abaixo do título da seção biográfica, informava: “Compendiado do Elogio Historico lido na sessão publica da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro de 21 de Abril de 1831, pelo Dr. José Martins da Cruz Jubim”.<sup>32</sup> Franco morreu em 1828 e, como era comum à época, poucos anos depois um elogio histórico foi

<sup>30</sup> José Honório Rodrigues, ao sumariar a participação individual de Varnhagen nos primórdios da pesquisa pública histórica, tal como era concebida no século XIX, conclui: “Os seus conhecimentos e sua intimidade com os arquivos portugueses tornaram-no um mestre de consulta obrigatório”. A significativa e diversificada participação de apurações biográficas na obra do historiador (de modo geral expostas remissiva e ordenadamente) pode ser vista como uma das características de seus trabalhos nos arquivos, como tento analisar. Verificar as particularidades de suas práticas talvez ajude a rever a visão canônica por vezes limitadora nas releituras varnhaguenianas. RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 3ª ed., 1978, p. 49.

<sup>31</sup> Cabe remeter à análise de Michel Foucault: “Poderíamos dizer, por conseguinte, que, numa civilização como a nossa, uma certa quantidade de discursos são providos da função ‘autor’, ao passo que outros são delas desprovidos. [...] A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. Cf. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro, 4ª edição. Lisboa: Veja, 2002 [1969], p. 46. Foucault localiza o movimento do que chama de regime de propriedade para os textos entre o final do século XVIII e o início do século XIX. O lugar que nomes como o de Varnhagen ocuparão na autoridade dos textos no Brasil oitocentista será analisado no segundo momento dessa dissertação.

<sup>32</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. O Dr. Francisco de Mello Franco”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo V, 1843, p. 367-373.

lido em um evento de homenagem.<sup>33</sup> Esta cópia enviada como contribuição à *Revista* (editada em 1843) permite a seguinte consideração: Varnhagen não publicou nenhum texto com esse perfil no periódico, isto é, ele não biografou contemporâneos ou escreveu homenagens póstumas a serem editadas na seção.<sup>34</sup>

Essa constatação implica, ainda, na forma de apresentação do texto e do que se pode aludir acerca da relação do pesquisador com as informações biográficas que encontrava nos arquivos e as especificidades da sua escrita. O elogio histórico ao médico formado em Coimbra não apresenta, por exemplo, nenhuma nota de rodapé ou qualquer remissão arquivística. Pode ser visto como um texto escrito no presente e para o presente e que o envio ao IHGB talvez buscasse tornar histórico. Depois do excelente estudo de Anthony Grafton, tal inferência ganha relevo na grande maioria das leituras historiográficas:

“O surgimento das notas de rodapé – e dos artifícios a ela associados, como apêndices documentais e críticos – separa a modernidade histórica da tradição. Tucídides e Joinville, Eusébio e Matthew Paris não identificavam suas fontes ou refletiam sobre seus métodos em textos paralelos a suas narrativas – um fato que provoca manifestações de consternação da parte de hipócritas, mas também dá emprego a pelotões de classicistas e medievalistas. [...] A presença das notas de rodapé é essencial. Elas constituem sinais exteriores e visíveis de graciosidade interior – a graciosidade infundida na história quando esta foi transformada de narrativa eloqüente em disciplina crítica”.<sup>35</sup>

Estas características e variações nos textos são importantes para que se possa perceber e mapear as possibilidades do gênero biográfico e seus contatos com o texto historiográfico no

---

<sup>33</sup> Cf. BONNET, Jean-Claude. “De l’oraison funèbre à l’éloge”. In: BONNET, Jean-Claude. *Naissance du panthéon. Essai sur le culte des grands hommes*. Paris: Fayard, 1998, p. 53-66. Analisando a particular noção de biografia construída no Renascimento, Peter Burke comenta essa tradição naquele período: “As convenções das biografias renascentistas variavam de acordo com seu contexto. Nesse período, tal como na antiguidade clássica, a morte de uma pessoa famosa era freqüentemente uma oportunidade para uma oração fúnebre que mais tarde talvez fosse publicada, o equivalente ao obituário nos dias atuais”. Cf. BURKE, Peter. “A invenção da biografia e o individualismo renascentista”. *Estudo Históricas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997, p. 83-97 (citação p. 87). Burke faz referência à importância dos trabalhos de Burckhardt sobre a biografia renascentista. Para uma oportuna leitura desse tema, ver: FERNANDES, Cássio da Silva. “Biografia e autobiografia na *Civilização do Renascimento na Itália*”. In: FERNANDES, Cássio da Silva. *A figura do homem entre palavra e imagem: autobiografia e retrato pictórico no Renascimento de Jacob Burckhardt*. Tese de doutorado em história. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003, p. 86-132.

<sup>34</sup> Este aspecto relacionado à dificuldade em biografar contemporâneos, ou mesmo aos fatores condicionantes a tais narrativas biográficas em Varnhagen será retomado através da abordagem proposta na segunda parte dessa análise.

<sup>35</sup> GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre as notas de rodapé*. trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998, p. 31-32.

século XIX. A biografia de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, outro egresso de Coimbra, indica um caso semelhante ao anterior. O índice geral da *Revista do IHGB* registra: “Oferecida de Lisboa pelo socio o Sr. F. A. de Varnhagen”. Trata-se de um pequeno texto, pouco menos de três páginas, sem indicação de autoria, em que uma nota ao final do artigo remete à origem: “De um MS. da Bib. do Porto”.<sup>36</sup> Conforme José Honório Rodrigues, Varnhagen foi o primeiro a encontrar a biografia de Sampaio na referida biblioteca.<sup>37</sup> A leitura desse apontamento revela que ele não se aproxima exatamente de uma escrita típica de Varnhagen, ainda que, como intento ressaltar, uma tipologia rígida de suas narrativas biográficas não seria capaz de ordená-las satisfatoriamente. Sendo a breve notícia acerca da vida do juiz que viveu entre meados do século XVIII e início do seguinte uma espécie de cronologia, o registro enviado de Lisboa mais parece um levantamento feito sob solicitação ou com intuito parecerista. Em sua passagem final, em que obras do biografado são listadas, o discurso por vezes se dá na primeira pessoa:

“Vi mais (do mesmo formato) uma dedicatória latina, dirigida ao visconde da Villa Nova da Cerveira, (hoje marquez de Ponte de Lima) porque lhe queria offerecer algum opusculo; e era concebida em dicção decente. [...] Além d’esta carta vi tambem, in-folio, um arrazoado em causa de lesão, e uma carta a José Monteiro de Noronha, ministro ecclesiastico no Pará, datada de Barcellos a 20 de Março de 1777, sobre o ferimento de um vigario. Em uma e outra obra mostra lição de bons livros. Falla da lesão como os melhores classicos, e da excomunhão, lembrando-se da doutrina de Jerson Van Espen, e outros escolhidos canonistas. Isto é prova de que os seus estudos foram logo bem regulados, e por auctores de doutrina escolhida e bom criterio”.<sup>38</sup>

Como se pode notar, o encadeamento narrativo, assim como sua forma (tal como a anterior, não possui nenhuma nota de rodapé), não condizem com a maioria das biografias cuja autoria são confirmadas por Varnhagen. Em boa parte, essas têm sua arquitetura muito calcada nas descobertas de arquivo, com freqüentes remissões, que tanto evidenciam a amplitude de seu conhecimento das fontes como, ao contrário, potencializam a quase ausência dessas.

<sup>36</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc. Francisco Xavier Ribeiro Sampaio”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo VII, 1845, p. 387-389.

<sup>37</sup> RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil. op. cit.*, p. 130.

<sup>38</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc. Francisco Xavier Ribeiro Sampaio”. *op. cit.*, p. 388-389.

Neste sentido, seria interessante observar as notícias biográficas de Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho e Salvador Corrêa de Sá e Benevides, as primeiras assinadas por Varnhagen entre as publicadas pelo IHGB. Tal iniciativa alimenta a hipótese de que seja possível reconstituir aspectos da escrita histórica varnhagueniana através da investigação das pesquisas biográficas que atravessam quase trinta anos (considerando-se a marca das acolhidas na seção biográfica da *Revista*), nem sempre, contudo, a partir de pressupostos lineares e cronológicos ou desprezando as diretrizes do lugar social de que são, em parte, produto.<sup>39</sup>

As vidas de Coutinho e Benevides foram escritas no Brasil e editadas nos anos de 1840 e 1841, respectivamente. O primeiro recebeu uma análise mais concisa por parte de Varnhagen. A distância dos arquivos portugueses provavelmente condicionavam as informações disponíveis, ainda que fosse Coutinho membro de uma das mais antigas e ilustres famílias do Espírito Santo e de São Paulo, afirmação que introduz o texto.<sup>40</sup> Todavia, a identificação com o seu nome era certamente evidente. Neste sentido, como ressalta Maria da Glória de Oliveira, ao analisar as biografias da primeira geração de sócios do Instituto (como Varnhagen) atentando à tópica que orientava a seção biográfica (das *armas e letras*):

“O perfil de biografados corresponde ao da elite política letrada imperial e, por conseguinte, apresenta-se como uma espécie de galeria de espelhos que reflete e se confunde com o próprio quadro de fundadores e membros do IHGB – todos servidores e dignitários do Império. Assim, nomes como os da família de Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (1735-1822), nascido no Brasil e nomeado reitor na Universidade de Coimbra em 1770, despontam como representativos dos *motivos da*

<sup>39</sup> É importante ressaltar este ponto, pois seria comum, em uma leitura panorâmica, supor que, com o passar das décadas oitocentistas, um avanço na pesquisa biográfica pode ser visto como algo evidente, o que não é o caso, ao menos entre os textos de Varnhagen.

<sup>40</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo II, 1840, p. 388-394. O historiador biografaria, em texto publicado em 1843, Ignacio de Andrade, irmão de Coutinho. Ver: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. O Brigadeiro Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo V, 1843, p. 241-248. A confirmação de que as biografias dos irmãos Francisco e Ignacio foram escritas por Varnhagen vem de uma carta lida na sessão de 19 de janeiro de 1843 no IHGB e impressa sem data em seu periódico, como informa Lessa. Registra a correspondência: “Se eu conseguir uma ocasião de voltar a Coimbra, farei n’isto consistir um dos meus empenhos; que os outros já encetados são os apontamentos biographicos dos nossos fallecidos patricios que alli pagassem o tributo às letras, e bem assim o fazer tirar copias dos dois distintos Fluminenses D. Francisco de Lemos, e seu irmão João Pereira Ramos”. Cf. Carta ao Cônego Januário da Cunha Barbosa. Lisboa, 10 de dezembro de 1842. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961, p. 93.

*celebridade* que, segundo a prescrição de Cunha Barbosa, deveriam constar nas notícias biográficas dos brasileiros distintos”.<sup>41</sup>

Apesar dos poucos parágrafos atribuídos ao acadêmico, chama a atenção alguns aspectos de sua apresentação. O primeiro deles diz respeito à informação que aparece no rodapé das duas últimas páginas:

“Aqui poremos em nota o que em data de 11 de Maio deste anno nos respondeu o sabio Patriarcha eleito de Lisbôa por satisfazer a uma pergunta, que lhe haviamos feito, ácerca dos elogios funebres, que se recitarão por morte do seu digno antecessor. ‘Não me lembro do que se disse do senhor Bispo de Coimbra Lemos nos elogios funebres que V... aponta; e como os tenho muito longe de Lisbôa, mal posso responder á pergunta de V... Posso porém dizer em geral que aquelle illustre prelado merece um elogio historico, extenso e circunstanciado, ainda querendo-o limitar simplesmente ao litterario; e que seria difficil nos elogios funebres, ainda illustrados com notas, dar sufficiente idéa dos seus vastos conhecimentos, e variados trabalhos, em beneficio do publico e das letras”.<sup>42</sup>

Pelo que se pode depreender da menção, Varnhagen havia solicitado informações de Coimbra que lhe fossem complementares, posto que ele já supunha a existência dos referidos elogios: a epígrafe que abre o texto é justamente o excerto de uma oração fúnebre dedicada a Pereira Coutinho.<sup>43</sup> O segundo elemento a ser destacado é a presença de um “additamento”, cujo conteúdo consiste de uma “falla” do Marquês de Pombal (figura por quem Varnhagen guardava visível admiração), ao final da biografia. Mais especificamente, o documento transcrito corresponde ao breve texto lido pelo ministro Pombal, quando da refundação que marcou a reforma na Universidade de Coimbra, em 22 de outubro de 1772.<sup>44</sup>

Estas constantes procuras por fontes e suas citações anexas marcam também as duas inserções de Salvador Corrêa de Sá e Benevides na *Revista*. Primeiramente, em 1841, como foi

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850)”. *op. cit.*, 185.

<sup>42</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho”. *op. cit.*, p. 392-393.

<sup>43</sup> “A opulenta região do Brasil lhe deu o berço; e com justiça o Brasil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que haver produzido varão tão singular. Rocha. *Oraç. fun.*” VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho”. *op. cit.*, p. 388 (itálico no original).

<sup>44</sup> *Idem*, p. 393-394.

dito acima, Varnhagen publicou uma ampla biografia desse personagem. São dedicadas doze páginas à vida de Benevides, além de quase outras oito ocupadas por transcrições de três documentos que participam da narrativa que os precedem. O “herói” nascido no Rio de Janeiro, que lutou contra as piratarías e expulsou holandeses da Bahia e do Espírito Santo no século XVII, encontraria na divulgação de registros do arquivo sua merecida importância e inserção na história do Brasil:

“Seus serviços por todos reconhecidos não podiam ficar no olvido e sem alguma recompensa. A carta patente de 21 de Fevereiro de 1637, pela qual Salvador Corrêa foi nomeado Capitão Mór e Governador do Rio de Janeiro, é um documento honroso tanto para o interessado, como para o governo que lhe fez justiça, e por isso dignissimo de toda a publicidade (Documento 1º)”.<sup>45</sup>

À nomeação do biografado se seguiriam outras duas alusões diretas às fontes utilizadas por Varnhagen: um documento oficial, escrito sob solicitação de Benevides (acerca das relações entre as ações da Companhia de Jesus e a população da província por ele governada, em função dos conflitos verificados em São Paulo, local primeiro da expulsão dos jesuítas) e uma carta escrita e enviada pelo mesmo a Duarte Corrêa Vasqueanes, seu tio e substituto no cargo de governador quando de sua viagem a São Paulo (na tentativa de apaziguar os conflitos que se estendiam nessa província).<sup>46</sup>

Associadas, as notas de rodapé que acompanham a narrativa, num total de quinze, ilustram a pesquisa do historiador. Monsenhor Pizarro, e Sebastião da Rocha Pita, além de remissões aos *Annaes do Rio de Janeiro* e às obras de João de Brito de Lemos (*Abecedario Militar*, de 1631), Rafael de Jesus (*Castrioto Luzitano*, 1679) e José Carneiro da Silva (*Memoria Topographica e Historica sobre os Campos de Goitacazes*, 1819) são algumas das relações que Varnhagen constrói no sentido de expor e legitimar suas afirmações.<sup>47</sup> As revoltas que se davam em São Paulo, brevemente citadas acima, nas quais Benevides teve ação incisiva, são inseridas no contexto da restauração da independência portuguesa após o domínio castelhano:

<sup>45</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. Salvador Corrêa de Sá e Benevides”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo III, 1841, p. 100-112 (citação p. 102).

<sup>46</sup> *Idem*, p. 103-105.

<sup>47</sup> Este conjunto de fontes será amplamente incorporado às investigações que resultarão nas seções dedicadas às lutas contra os holandeses na *Historia geral do Brazil* e na própria obra *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*.

“No primeiro dia de Dezembro de 1640 rebentara na metropole lusitana a revolução que motivou não exceder a 20 annos o periodo da sujeição a Castella dos territorios em que a lingua portugueza fôra cultivada, polida e propagada á custa de trabalhos, despezas, e sangue. – D. João IV foi tambem aclamado rei em todas as capitancias da Bahia para o Sul, medeando só o tempo necessario para echoarem tão longe os brados metropolitanos: no Rio de Janeiro soaram tres mezes depois. Salvador Corrêa julgou dever tirar partido do alvoroço e expectação deixada por esta rapida mudança, afim de apasiguar os animos. Em Maio e Junho escreveu de novo para as villas da mencionada provincia, convocando com a maior destreza procuradores do povo que levassem a cabo uma boa composição com os Jesuítas”.<sup>48</sup>

A narração de Varnhagen estabelece, lado a lado, a recomposição dos registros biográficos de Benevides e os eventos históricos coloniais e portugueses, em um texto onde os documentos encontrados são apreciados (e às vezes submetidos) por meio de um olhar incisivamente oitocentista. A dinâmica entre a colônia brasileira e o mundo europeu – que se faz presente na obra do historiador sob a marca das pesquisas realizadas nos arquivos do Velho Continente – se repete na escrita da vida de seu biografado. Ainda que seja um “herói”, Salvador Corrêa não é descrito unicamente como um ícone da história do Brasil a ser laureado. Ele é, antes, um ardiloso agente capaz de exercitar e exemplificar, no século XVII, os princípios que Varnhagen, no século XIX, compartilhava ou criticava. Brasil e Portugal estavam ligados no “passado das fontes” e no “presente da escrita”. A seqüência do excerto supracitado expressa um pouco mais essa característica do discurso varnhagueniano:

“Porêm as suas esperanças de bom exito se desvaneceram. Os Paulistas com o espirito ainda alborotado, e desvanecidos pelo heroismo praticado na sua revolução, foram surdos a todas as propostas; protestaram contra tudo o que fosse libertar os Indios, e tiral-os do seu serviço de captiveiro. Argumentavam estes outros Brasileiros d’então, para manterem e apoiarem a escravatura indigena, com as mesmas razões que ainda obrigam os Brasileiros de hoje a permitir e tolerar no seu livre territorio a conservação da escravatura africana. – Por tanto, se tal pretensão não podera deixar de ser ao presente indeferida pelas idéas luminosas da philosophia moderna, não é justo que seja vituperada e condemnada cruelmente pelo que no meado do seculo 19 conservamos a escravidão

---

<sup>48</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. Salvador Corrêa de Sá e Benevides”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo III, 1841, p. 103-104.

africana, por em quanto julgada indispensável para o progresso da industria. Cuspir em taes casos infamias contra as gerações passadas por seus actos, vale o mesmo que amaldiçoarmos os nossos com opprobrio e ignominia”.<sup>49</sup>

No que tange à narrativa, a breve digressão percebida na biografia é interessante menos do ponto de vista da concepção do nacional na escrita de Varnhagen (já destacada, por exemplo, nos estudos das problemáticas políticas e das dimensões ideológicas presentes em sua obra) do que da comparação entre os tempos ali fortemente operada.<sup>50</sup> Os “brasileiros” do passado e do presente, segundo o autor, enfrentavam questões semelhantes, respondiam de maneira igualmente próxima, e por isso não deveriam ser julgados. De acordo com Arno Wehling, essa postura relativista do historiador constitui um de seus princípios metodológicos: “Varnhagen preocupou-se em afirmar essa posição relativista, a fim de não emprestar a outra época ‘características posteriores’. Não se tratou de posição doutrinária meramente enunciada, mas de atitude reafirmada em diversas circunstâncias [...]”.<sup>51</sup> Talvez seja complexo sustentar que esse elemento regulador tenha imperado no conjunto do legado de um historiador que se posicionava de maneira tão enfática em seus escritos. De qualquer modo, a citada passagem da biografia de Benevides permite que se apreenda algumas das formas do contato de Varnhagen com a escrita biográfica e também que se examine como ele coadunava essa forma narrativa a propósitos mais amplos, típicos de sua escrita histórica. Além disso, subentende-se que entre os personagens coletivos ali reunidos – paulistas, índios e africanos – apenas aos primeiros a nacionalidade estava previamente garantida, esta, uma importante aferição que diz respeito às suas noções de história e de nação. “Em meados do século XIX, parecia difícil aos homens de letras negar a natureza compósita do que viam: uma sociedade efeito da presença e cruzamento do europeu, do africano e do indígena”.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> *Idem*, p. 105.

<sup>50</sup> Ver, por exemplo, os trabalhos de Nilo Odália, onde o historiador desenvolveu esse modelo de abordagem. ODÁLIA, Nilo. “Introdução”. In: ODÁLIA, Nilo. *Varnhagen, História*. São Paulo: Ática, 1979, p. 7-31; ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo. Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Unesp, 1997.

<sup>51</sup> WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 144. Na análise da biografia de Filipe Camarão, neste mesmo item, alguns usos metodológicos utilizados por Varnhagen foram mencionados. No sentido de matizar a apropriação dessa expressão, destaco aqui a noção de método na obra varnhageniana na leitura de Wehling: “De início, fixemos uma questão semântica. ‘Método’, em Varnhagen, possui uma polissemia: é tanto o trabalho de exegese e estabelecimento do documento e do fato, como a ordenação explicativa da narração num texto. Ao primeiro aspecto refere-se, aliás, mais freqüentemente como ‘crítica’, preferindo deixar prevalecer o segundo sentido”. *Idem*, p. 136.

<sup>52</sup> CEZAR, Temístocles. “A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso das origens dos tupis”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história. op. cit.*, p. 29-41 (citação p. 30).

Apesar da biografia publicada em 1841 resultar de um amplo trabalho de pesquisa, no dia 17 de fevereiro de 1843 Varnhagen enviou de Lisboa uma correspondência, que viria a ser impressa no mesmo ano na *Revista do IHGB*. A seção biográfica assim acolhia e intitulava a contribuição do sócio: “Salvador Corrêa de Sá e Benevides (Complemento do que fica dito no N. 9 pag. 100 e seguintes do Tom. III da ‘Revista’)”. Não se tratava exatamente de uma nova notícia biográfica, mas de uma carta ao redator do periódico, relatando a descoberta de novos documentos relacionados à vida de seu antigo biografado, cujo objetivo era acrescentar novas informações e corrigir algumas anteriormente dadas. Todavia, o remetente, de início, buscava demonstrar as intenções de publicação da missiva, seus fins e os cuidados que tomaria na sua redação para que se evidenciasse sua ligação com o texto anteriormente editado:

“Além de que é grande honra e satisfação para mim ter ocasiões e motivos para entreter correspondencia com V. S., é certo que esta fôrma presta mais amigavel franqueza a todas as explicações, do que os outros estylos, cujas conveniencias ás vezes obrigam a calar ou a deixar insensivelmente escapar algumas particularidades, aliás indispensaveis. Procurarei não envolver n’esta ocasião outro algum assumpto, para que esta carta, havendo de gozar das honras de algum lugar na nossa ‘Revista’, pela benevolencia e favor de V. S., possa considerar-se como uma segunda parte da mencionada biographia”.<sup>53</sup>

Nesta passagem, Varnhagen discriminava o estilo epistolar como mais eficaz ao propósito complementar do texto e sua leitura indica essa colocação prévia. Três novos documentos haviam sido encontrados em arquivos portugueses e, na opinião do historiador, “são todos elles tão especiaes a respeito do heróe, e fazem-lhe tanta honra, que eu me sentiria pesado em minha consciencia não os acusando depois de os conhecer”.<sup>54</sup> Ou seja, as novidades dos acervos colocavam-se acima de qualquer conclusão anteriormente estabelecida. A intenção era, sobremaneira, divulgar e comentar as novas fontes (o que guardava ligações com a construção de autoridade do pesquisador, como a seguir será analisado), que aliás extrapolavam os interesses particulares sobre a vida do biografado, como se pode perceber no comentário de um desses achados:

---

<sup>53</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. Salvador Corrêa de Sá e Benevides (Complemento do que fica dito no N. 9 pag. 100 e seguintes do Tom. III da ‘Revista’)”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo V, 1843, p. 237-241 (citação p. 237).

<sup>54</sup> *Idem*, p 237.

“O mais antigo d’elles narra por menor o acontecimento da aclamação de D. João IV, que terminou a subjeição de 60 annos ás ordens do gabinete de Madrid; e não só importa elle á gloria de Salvador Corrêa, como ainda mais aos annaes d’essa capital, e em geral á historia e litteratura amena. Na biographia tinha eu passado muito por alto essa aclamação; e também agora não me estenderei contando-a. Prefiro a isso enviar a V. S. a cópia junta da relação d’esse acontecimento, impressa então anonyma em Lisbôa por Jorge Rodrigues. É esta cópia tirada do impresso com tão escrupulosa fidelidade que vai pagina por pagina, linha por linha, e não sei se diga até letra por letra, não escapando os erros de imprensa, chamadas, e reclamos: só não leva paginação porque a não tinha o impresso”.<sup>55</sup>

Segundo uma nota indexada pelo redator da *Revista*, atendendo ao pedido de Varnhagen, o documento seria publicado no número subsequente do periódico. Fica evidente, ainda, a preocupação abrangente da pesquisa histórica. Ela tanto deveria estar atenta, no caso ora analisado, às relações biográficas presentes nas fontes como aos aspectos mais gerais que fundamentavam acontecimentos pertinentes as histórias local e geral do Brasil. A história-disciplina exigia e queria abarcar essas diversas possibilidades decalcadas dos documentos precisamente copiados.

As dúvidas sobre como proceder levavam ao contínuo processo de reunião de recursos. Essa interação com os arquivos e seus registros fortalecia (em Varnhagen), tanto no caso da produção biográfica como histórica, as tentativas de definição desse campo. Não é simples dizer as diferenças pontuais que orientavam essas escritas que possam ir além da antiga distinção entre o estudo de uma vida e aquele dedicado à história, modernamente concebida como o “coletivo singular” de que fala Koselleck.<sup>56</sup> Porém, sugerir a preponderância dos atributos documental e

---

<sup>55</sup> *Idem*, p. 237-238.

<sup>56</sup> Refiro-me aqui, primeiramente, à conhecida passagem da *Vida de Alexandre*, escrita por Plutarco, em suas *Vidas paralelas*, onde biografia e história são diferenciadas: “1. [1] Escrevendo neste livro a vida do rei Alexandre e a de Cesar, por quem Pompeu foi derrotado, em vista da abundância das ações implicadas, não diremos nada como preâmbulo, apenas suplicando ao leitor que não nos denigra por não relatarmos tudo que foi celebrado, nem abordarmos cada coisa a fundo, abreviando a maioria dos fatos. [2] É que não escrevemos histórias, mas vidas – e não é nas ações mais célebres, em absoluto, que está a demonstração da virtude ou do vício, mas, muitas vezes, um breve feito, uma palavra, uma brincadeira dão ênfase ao caráter mais que os combates mortais, as maiores batalhas e os assédios de cidades”. Apud. HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 175. Em segundo lugar, acerca da alteração semântica no conceito de história (a partir de meados da segunda metade do século XVIII), que pouco a pouco abandonou, em língua alemã, a distinção entre os termos “*Historie*” (a narrativa de algo que aconteceu) e “*Geschichte*” (o acontecimento em si), unificando no segundo as duas acepções e, assim, modificando o seu caráter, explica Koselleck: “O advento da idéia

crítico – pensados não enquanto termos estabelecidos, mas sim como noções em mutação no Oitocentos – na confecção de ambas, biografia e história, parece ter um indício significativo no exame dos usos biográficos varnhaguenianos.

Essa impressão relacionada à condição instável dessas noções ricas ao ofício histórico atravessa os trabalhos de meados do século XIX. As biografias dos “brasileiros”, que os historiadores daquele período incansavelmente angariavam, sustentavam uma outra entrada possível na história de uma nação projetada a partir da legitimidade disciplinar e concebida, no que tange ao discurso nacional, teleologicamente. Portanto, o mesmo Brasil que não conhecia os nomes do passado, agora passava a ser interpretado também através da aproximação com aqueles, contato que supunha dois pretéritos (cuja historicidade desloca no tempo) como uma unidade: o dos nomes e o da nação.

O biográfico, enfim, sugeria propostas de pesquisa e recursos para a escrita em um movimento simultâneo. Vejamos um último exemplo dessa questão. Em carta escrita de Madri (em 22 de junho de 1852), endereçada ao então secretário do IHGB, Joaquim Manuel de Macedo, Varnhagen comentava: “Por intermedio do Sr. Lagos dirigi a V. S<sup>a</sup> a biographia de Moraes, que redigi nesta Cidade, em outubro do anno passado. – Estimarei que ella ao menos sirva de estimular alguns Pernambucanos a observações que venhão aclarar alguns factos; v. gr., as datas do nascimento, da formatura, do óbito, &c. &c.”.<sup>57</sup> Uma dinâmica acompanhava os textos biográficos do historiador: aquela do andamento das pesquisas. O biografado do qual falava a citação acima era Antonio de Moraes Silva, autor do *Diccionario da Lingua Portugueza*, cuja primeira edição data de 1789 (a segunda é de 1813, a terceira de 1823), ora um importante instrumento para o trabalho com os textos do século XIX. No sentido mesmo da carência de

---

do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo, caráter histórico e lingüístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações, que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções “*La Révolution*”. No que se refere à França, pode-se acrescentar que o lugar central que o pensamento ocidental atribuiu à Grande Revolução, em sua singularidade, transferiu-se para a história, no âmbito da língua alemã”. Essa mutação conceitual, como se pode perceber, fez parte de uma reavaliação que se confunde com os acontecimentos do período e com as formas de se lidar com esses mesmos eventos. *A historia magistra* de Cícero (segundo Hartog, reformulada por Plutarco e suas *Vidas*, no século I d.C.) seria uma noção gradualmente superada nesse movimento, ao mesmo tempo em que se fortalecia o conceito de filosofia da história. Os acontecimentos históricos, singularizados em uma idéia processual, não tardariam a ser vistos também como uma progressão. Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 52.

<sup>57</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*. op. cit., p. 182.

fontes relativas a Antonio Moraes, a pequena biografia escrita por Varnhagen não conta com qualquer referência marcante dessas ou dados biográficos mais completos. Trata-se de um texto que poderia ser visto como mescla dos ânímos biográficos do IHGB e, em escala mais significativa, do modelo de crítica do historiador. Logo no começo, lê-se:

“Poucos trabalhos litterarios têm sido mais uteis á geração actual, entre os povos que fallam e cultivam a bella lingua de Camões e Vieira, do que o dictionario da lingua portugueza por Antonio de Moraes Silva. Assim se fez elle tão popular entre nós, que o appellido – Moraes – se tornou quasi exclusivo ao nosso lexicographo, e ao seu livro. Apezar, porém, de tal popularidade de nome, têm corrido os annos sem que a elle se tenha associado á pessoa, – o homem, com suas faltas e virtudes, – o individuo, com seu character e acções. Quasi unicamente é sabido, que Moraes nascêra no Rio de Janeiro; e isto porque elle o não deixou de declarar no rosto do seu dictionario. Para prevenir, pois, contra o descuido dos contemporaneos, que assim se esquecem de salvar a memoria dos patricios dignos, para estimulo, talvez de algum seu parente ou amigo, que conheça d’elle mais factos que nós por homenagem de lembrança ao varão laborioso, e, finalmente, por attributo ao paiz que o viu nascer, passamos a consignar neste esboço de biographia, o pouco que a seu respeito temos podido alcançar”.<sup>58</sup>

Os parágrafos introdutórios transcritos acima, do que o próprio autor chama de “esboço”, elencam uma série de elementos pertinentes à análise do gênero biográfico no século XIX brasileiro. Em primeiro lugar, o duplo pragmatismo apresentado, qual seja: a utilidade da obra produzida pelo biografado e o convite à pesquisa que a notícia biográfica busca efetivar. O *Diccionario* de Moraes Silva é uma obra de referência para a grande maioria dos pesquisadores do período oitocentista. Ademais, já no século XIX – e no âmbito dos trabalhos produzidos no IHGB e por Varnhagen –, aquela obra vinha cobrir uma lacuna e cumprir uma tarefa: fixar o idioma e regularizar sua forma escrita. Assim, o *Diccionario* é tanto o atestado que justifica a ocupação na narração da vida de Moraes como também funciona tal um dos documentos incorporados à análise: recordar sua importância carrega um apelo à memória, mas, sobretudo, à história e à capacidade pedagógica e corretiva dessa, preocupação no interior do Instituto.<sup>59</sup> Este

<sup>58</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographias de Brasileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil. Antonio de Moraes Silva”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo XV, 1852, p. 242-245 (citação p. 242).

<sup>59</sup> Como indaga Maria da Glória de Oliveira: “A despeito da reiterada ambição de *arrancar do esquecimento* os nomes e feitos dos brasileiros illustres, será possível associar os usos do gênero biográfico unicamente ao objetivo de

argumento interessado em “salvar a memória dos patricios dignos” é importante e a escrita da biografia como uma forma de concretizá-lo. Este salvamento, todavia, não passava por uma simples inclusão de um esquecido na história, mas sim por um trabalho de pesquisa que enriquecesse o conhecimento acerca dele. Não significava, igualmente, apenas o elogio das “virtudes”, mas a, ainda que compreensiva, menção às “faltas”:

“Com effeito, há no *Diccionario* definições pouco exactas; ha em seu systema menos methodo e concisao do que v. g. em Boiste; ha falta de harmonia, dando-se a etymologia de umas palavras e de outras não, ha mesmo faltas na ordem natural das idéas, em muitos significados apresentando-se, ás vezes, as do sentido metaphorico e translato antes da do natural e primitivo; mas todos esses defeitos e outros que se lhe notem, servem de realçar os meritos da obra; meritos deve ella ter para, apezar de tantos defeitos, continuar a ser autoridade”.<sup>60</sup>

A manutenção da pertinência da obra parecia ser o fator determinante para que se buscasse melhor conhecer e rememorar a biografia. Nessa perspectiva, a fuga do esquecimento (como pressupõe a memória) estava relacionada com a escrita da história produzida no Instituto, para onde Varnhagen envia o texto e propõe a pesquisa.<sup>61</sup> Assim, história e memória dialogam no Brasil do século XIX: “[...] então se poderia dizer que o IHGB tentou organizar todos os traços dispersos da memória do Brasil e os representar a sua maneira, isto é, historicamente”.<sup>62</sup> Moraes estava muito próximo de Varnhagen (tanto no tempo como em seu útil dicionário) e sua pesquisa necessitava abarcá-lo, ainda que sob os limites impostos pelos arquivos e pela própria proximidade temporal.

---

fixação da memória dos faustos imperiais sem considerar as suas implicações epistemológicas mais amplas dentro do projeto historiográfico empreendido pelos seus sócios?”. Cf. “A aposta biográfica”. In: *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. op. cit.*, p. 34-42 (citação p. 42, itálico da autora).

<sup>60</sup> *Idem*, p. 245.

<sup>61</sup> Paul Ricoeur, na sua crítica a noção de memória (um estudo fenomenológico dessa), contribui fortemente para se pensar a gama de indagações que compõem estas questões que dizem respeito aos usos memorialísticos e suas relações com a escrita da história não apenas no século XIX, de fato um período privilegiado para tais análises em função da emergente disciplinarização dessa última, mas em qualquer outro recorte. A pergunta a ser colocada pelos pesquisadores da memória, sugerida por Ricoeur, qual seja, “o que se lembra?” (no lugar de “quem se lembre?”) já tende a estimular uma série de reflexões profundamente renovadas nessa área de estudos. O esquecimento como um pressuposto da memória é outra sugestão do autor a ser levada em consideração. Cf. RICOEUR, Paul. “Da memória e da reminiscência”. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007 (ver, especialmente, p. 71-104).

<sup>62</sup> CEZAR, Temístocles. “Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da história no Brasil oitocentista”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *Escrita, Linguagem, Objetos. Leituras de História Cultural*. Bauru/São Paulo: Edusc, 2004, p. 43-80 (citação p. 56).

Desse modo, as biografias escritas por Varnhagen percorrem caminhos de produção que se aproximam significativamente – tanto nas práticas reafirmadas como nas freqüentes hesitações – das rotinas do historiador entre as fontes dos arquivos e os diálogos com seus pares. O que este recorte da análise tentou apresentar foram alguns modelos de usos da temática biográfica tendo por base alguns marcos especiais que permitem ponderações situadas pela discussão teórica mais ampla aqui desenvolvida.

O caso da nota sobre Bento Teixeira, por exemplo, auxilia em uma contextualização histórica e também historiográfica acerca das relações entre gênero biográfico, história e literatura nacionais, isto é, a aproximação de gêneros discursivos que, se hoje têm seus campos de produção e atuação questionados em seus limites estritos, no século XIX estão definitivamente próximos. O estudo filológico e etnográfico cujo objetivo residia em identificar e corrigir a naturalidade de Filipe Camarão é outro caso em que questões de ordem epistemológicas podem ser percebidas. A aplicação de um método em uma análise biográfica configura um significativo elemento e corrobora o argumento (desenvolvido por Maria da Glória de Oliveira e citado anteriormente) de que narrativas de vida e escrita da história, embora irredutíveis entre si, estavam submetidas aos acordos críticos da época, guardada a historicidade desses mesmos acordos, posto que eles também possuem suas temporalidades no devir oitocentista. A particularidade da noção de autoria e uma breve sinalização acerca das relações entre memória, biografia e história também foram mencionados nas demais apreciações dos escritos de Varnhagen. Ademais, como surgem e ganham movimento essas composições em alguns outros casos do legado varnhageniano? O que pode melhor mapear e explicar as trocas e diferenças entre seus textos biográficos? É preciso dar continuidade aos contatos e buscar delimitar outros incertos circuitos dessa “operação biográfica”.

### 3. Percursos biográficos: arquivos, fontes, periódicos

Uma carta, datada de 13 de julho de 1839, registra um pedido de Varnhagen ao seu amigo, o diretor da Biblioteca de Évora, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara:

“Agora pelo q toca à outra publicação de q estou tratando pedira a V. S<sup>a</sup> o favor, se pode ser, de me enviar uma peq<sup>a</sup> nota do que lá constar a resp.<sup>o</sup> da biographia de Martim Affonso de Souza e de seu irmão Pero Lopes; além de qto diz a *Hit. Geneal.* T. 12 P. 2<sup>a</sup> pag. 1111 e antecedes – Do 1.<sup>o</sup> talvez conste ms alguma coisa nos Catalogos de Governadores da India q V. S<sup>a</sup> me diz lá existirem.”<sup>63</sup>

O historiador preparava, quando do envio da correspondência, os anexos que viriam a compor a editoração, naquele mesmo ano, do *Diário de navegação da Armada que foi à terra do Brasil – em 1530 – sob a Capitania-mor de Martim Affonso de Souza. Escripito por seu irmão Pero Lopes de Souza*. As informações de caráter biográfico faziam parte da pesquisa para a divulgação comentada desse relato de viagem que, ao lado das *Reflexões críticas* à obra de Gabriel Soares de Sousa, um senhor de engenho quinhentista (impressa também em 1839 e sob os cuidados de Varnhagen), correspondem às primeiras publicações do pesquisador.<sup>64</sup> Vivendo em Portugal desde 1824, no final da década seguinte percorria ele os arquivos e bibliotecas daquele país, ampliando seus prévios conhecimentos sobre a colônia portuguesa onde nasceu.

Antecedidas de um pequeno prólogo, a “Biografia de Martim Affonso de Souza” e uma “Noticia do Autor” referente à vida de Pero Lopes foram, enfim, incluídas na versão final do *Diário*.<sup>65</sup> Formatadas com relativo cuidado, se somadas as duas narrativas, podem ser encontradas quarenta e cinco notas de rodapé (onde dialogam nomes contemporâneos aos biografados e comentadores posteriores), além de epígrafes individuais (os mais conhecidos

<sup>63</sup> Carta a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Lisboa, 13 de julho de 1839. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa. op. cit.*, p. 25-26.

<sup>64</sup> As *Reflexões críticas*, trabalho apresentado em 1838 na Academia Real de Ciências de Lisboa, foi publicado no ano seguinte pela mesma instituição, da qual se tornou Varnhagen sócio à mesma época. Ver: SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França, e accresentada de alguns commentarios por Francisco Adolpho de Varnhagen*. Terceira edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. Varnhagen utilizou esta fonte quando viajou pelo Brasil, no intuito de verificar sua fidedignidade.

<sup>65</sup> SOUZA, Pero Lopes de. *Diário de Navegação da Armada que foi à terra do Brasil – em 1530 – sob a Capitania-mor de Martim Affonso de Souza. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839, p. bij-xbijj.

poemas épicos de Camões e José de Santa Rita Durão introduzem, respectivamente, os textos dedicados a Martim e Pero).<sup>66</sup> De maneira que as remissões verificáveis em algumas das notas, associadas à solicitação a Rivara – na missiva coligida por Lessa – não deixam dúvidas de que trabalhos de investigação biográfica deveriam compor a original versão oitocentista do escrito, como frisou indiretamente Varnhagen, em uma “Advertencia Preliminar”, onde expunha seus procedimentos particulares à dita edição:

“Sobre sua genuinidade não hesitámos um momento pois que além do legitimo, se bem que não explicito, testemunho dos escriptores antigos [indica, em nota, a obra de Gabriel Soares], e até quase coevos, e a harmonia da narração com o conteúdo de um capitulo do celebre chronista Antonio Herrera, basta ler a descripção para se conhecer que o estilo é portuguez quinhentista. Este exemplar, sem titulo de qualidade alguma, é escripto em letra do principio do seculo passado, papel sem marca d’agua, formato de folio pequeno, numerado com 72 paginas, contendo exactamente tudo quanto publicamos desde pag. 3 até pag. 59. Nada mais tem de particular digno de reparo e menção. Sabendo que um nosso tão grande como generoso literato possuía outra cópia, se bem que bastante mutilada, a pedimos para consultar. Com a sua costumada franqueza e generosidade propria do seu character, o Exmo. Sr. Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz se dignou de confiarnos o seu exemplar de formato de quarto e letra moderna, tendo por titulo = Diario de Pero Lopes de Souza. = Esta copia, que pouco nos utilizou, deve de ter pertencido a um Pe. Ayres, por quanto em o sobrescripto de uma carta appensa, em que algum cotejador remettia algumas edições ao seu possuidor, lemos este nome. Para melhor nos informarmos fizemos indagações em bibliografias, e nas bibliothecas tanto publicas de Lisboa, Porto, Coimbra, Evora, e até de París e Madrid, como ainda nas principaes particulares deste Reino; e só na Bibliotheca Real é que, tendo consultado com licença competente, no meio do desarranjo em que ainda estava, tivemos a inexplicavel satisfação de encontrar um codice de letra quase contemporanea, sendo como o de romano-restaurada de J. P. Ribeiro, e por tanto certo que anterior ao tempo do dominio castelhano”.<sup>67</sup>

Três cópias do relato foram comparadas pelo historiador. A versão com indicação de autoria seria a menos útil, dados os muitos cortes em seu conteúdo, como o mesmo ressalta. Entretanto, vinculada às remissões de outros textos, como o de Gabriel Soares, ela permitiria o oportuno esclarecimento das condições de feitura e pertinência histórica do *Diário*. Por meio das

<sup>66</sup> Ver: OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850)”. *op. cit.*.

<sup>67</sup> *Idem*, p. xbiiij-xx.

conclusões que se seguiram, as notas biográficas dos irmãos viajantes podem ser percebidas sob duas perspectivas análogas: como orientação crítica e ordenativa do material encontrado nos arquivos e bibliotecas (uma necessidade freqüentemente repetida por Varnhagen e outros pesquisadores no mesmo período) e, sobretudo, como mecanismo de legitimação de nomes que passariam da condição de quase anonimato ao status de personagens e autores históricos. Além de Gabriel Soares e Pero Lopes de Sousa, alguns viajantes que estiveram na colônia, depois de conhecidos e criticados por Varnhagen, tornam-se efetivamente personagens. De acordo com Temístocles Cezar, em uma análise da recepção feita pelo século XIX dos relatos de viagem quinhentistas: “uma forma de Varnhagen apreender os relatos de viagem é através da inserção do viajante na sua *História Geral* não apenas como autor, mas também como ator histórico dos eventos que narra. Explicitamente, são os casos de Léry, Gabriel Soares de Sousa e [Hans] Staden”.<sup>68</sup> Esta conversão de escritos anônimos em registros com legitimidade autoral e biográfica é um traço recorrente em diversos trabalhos varnhagenianos, podendo ser analisado de modos também múltiplos. Afinal, como fica claro no excerto acima, dar a ver o momento em que o texto foi escrito, sendo ele considerado a partir de então um acesso àquela época, passa necessariamente pelo questionamento do nome do autor, mesmo quando a versão editada pelo historiador não está baseada em um manuscrito original, o que ocorreu, por exemplo, com as *Reflexões críticas*.<sup>69</sup>

Quatro anos depois, em 1843, transitando de anexos introdutórios a notas independentes, as vidas de Martim e Pero apareceram na seção biográfica da *Revista do IHGB*, com mínimas alterações.<sup>70</sup> No periódico, elas nem mesmo seriam apresentadas consecutivamente, sendo editadas em publicações trimestrais diferentes (posteriormente reunidas no tomo quinto, referente àquele ano). Divorciados, os textos se misturavam a outras biografias enviadas por Varnhagen ao

<sup>68</sup> CEZAR, Temístocles. “Varnhagen e os relatos de viagem do século XVI: ensaio de recepção historiográfica”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 11, julho, 1999, p. 38-53 (citação p. 45).

<sup>69</sup> Para um estudo da operação historiográfica que fez do relato de Gabriel Soares uma fonte histórica ao longo do século XIX e seus matizes, ver: CEZAR, Temístocles. “Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica”. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, dezembro/2000, p. 37-58.

<sup>70</sup> Na verdade, a única alteração verificada consiste de um último parágrafo, na biografia de Martim Affonso, em que Varnhagen comenta as imagens que acompanhavam a edição do *Diário de Pero Lopes*: “O retrato que apresentamos é feito pelo da Asia de Faria e Souza, de combinação com a descrição que do de Goa faz Diogo de Couto; do que fomos obrigados a lançar mão por nos não ter chegado ainda uma cópia que esperamos daquela capital dos estados portugueses da Índia. As armas são as competentes da casa do Prado; e na pequena *vinheta* desenhada inferiormente foi nossa tenção symbolizar as muitas vezes que Martim Affonso capitaneou armadas de cinco velas”. SOUZA, Pero Lopes de. *Diário de Navegação da Armada que foi à terra do Brasil – em 1530 – sob a Capitania-mor de Martim Affonso de Souza*. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. *op. cit.*, p. xiiij.

Instituto. O mapeamento desses movimentos biográficos permite que se apreenda melhor as significativas diferenças existentes entre as diversas narrativas associadas ao historiador que ocupam lugar na seção da *Revista*. Em uma comparação meramente interna dessa, chama a atenção as composições fartamente anotadas das biografias dos viajantes do século XVI. Sabendo-se, contudo, a função que se lhes era atribuída na obra de 1839, não relacionada com a idéia de contribuir exclusivamente com o órgão, essa impressão pode ser matizada.

No caso supracitado, ao serem deslocadas de seu contexto de produção, as biografias assumiam enquadramento diferente que, se não era contraditório, abarcava agora outros atributos. Mais do que legitimar e expor a pesquisa crítica de um diário de navegação convertido em fonte histórica, Martim Affonso, o primeiro donatário da capitania de São Vicente, e o irmão Pero (que o acompanhou e relatou suas viagens) representavam nomes que ajudavam a explicar um percurso nacional que começava – nas concepções histórico-políticas do Instituto – nos anos 1500. Ao ingressar no corpo diplomático brasileiro, em 1842, Varnhagen, havia dois anos, era sócio do órgão onde o levantamento indiscriminado de registros históricos já se operava em regularidade mais quantitativa que ordenada. Com suas viagens pelos arquivos europeus, o sócio-diplomata viria a enriquecer significativamente o acervo da *Revista*.<sup>71</sup> Nas suas páginas, a pesquisa biográfica, assim como a histórica, seguiria a lógica do avanço permitido pelos arquivos, ou seja, uma narrativa biográfica – mesmo após publicada – estava aberta a reparos, reescritas por autores diversos entre outros aperfeiçoamentos. Por outro lado, a imprecisão acerca da idéia de nacionalidade a ordenar os propósitos histórico-nacionalistas da associação viria a permitir que nascidos em outros países entrassem para a história brasileira.

É, por exemplo, o caso do português, nascido em 1613 na Ilha da Madeira, João Fernandes Vieira. Publicada originalmente na revista *O Panorama*, a biografia foi incluída na *Revista do IHGB* em 1843.<sup>72</sup> Com uma apresentação formal diferenciada das narrativas

---

<sup>71</sup> Conforme explica Rodolfo Garcia: “Na qualidade de addido e secretario de legação, foi mandado em comissão especial para examinar os archivos da Peninsula, á busca de documentos sobre os limites do Brasil. Desempenhando essa delicada missão, ia ao mesmo tempo recolhendo esclarecimentos históricos, que lhe haviam de ser para o futuro grandemente uteis. O que por então Varnhagen revelou de desconhecido e inedito no opulento acervo da Torre do Tombo e outros archivos portuguezes, bem como a seguir, de 1846 a 1848, nos archivos espanhóes, constituiu a maior contribuição na especie trazida á historiographia brasileira”. GARCIA, Rodolpho. “Ensaio bio-bibliographico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro”. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. *op. cit.*, p. 440.

<sup>72</sup> Publicado entre 1837 e 1858, o periódico português *O Panorama*, segundo Thiers Moreira, “é normalmente conhecido como a revista do romantismo”. Para um exame do papel de Varnhagen no âmbito da literatura portuguesa, ver: MOREIRA, Thiers Martins. “Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira”. *Revista do IHGB*, *op. cit.*, v. 275, 1967, p. 155-169 (citação p. 157).

supracitadas, o texto apresenta apenas uma nota ligada diretamente ao seu conteúdo (uma indicação etimológica que remete aos dicionários portugueses disponíveis à época, Bluteau e Moraes). Além dessa única remissão, uma nota de abertura justifica a inclusão do nome seiscentista no periódico brasileiro:

“O Instituto publicará também as biographias de varões illustres, que posto não sejam brasileiros por nascimento, todavia o são por acções gloriosas, e por haverem passado grande parte de sua vida n’este paiz. Os serviços por elles prestados aqui recommendam sua memoria á veneração dos Brasileiros”.<sup>73</sup>

O que seria uma questão relevante na seleção de biografias do IHGB, na obra de Varnhagen não tomaria qualquer caráter de atrito, posto que tanto na *Historia geral* como na *História das Lutas com os Holandeses* Vieira e outros personagens estrangeiros apareceriam sem que tal limite fosse considerado.<sup>74</sup> Era de fato uma indagação institucional, como aponta Oliveira:

“No entanto, o problema dos requisitos para a inclusão no panteon dos distintos permaneceria longe de uma solução consensual por parte dos colaboradores da *Revista*. É importante considerar que o impasse que se manifestava em nível acadêmico acompanhava o processo político de construção da nação nos quadros do Império e, sobretudo o equacionamento das diferentes ‘peças do mosaico’ identitário em disputa na composição da nacionalidade brasileira no decurso do Oitocentos”.<sup>75</sup>

Essa biografia que vem do periódico romântico português, praticamente sem notas e menções de arquivo, denota o quanto as variações de forma eram patentes. Não havia rota previamente estabelecida. A idéia de se supor alguma coerência nas narrativas de vida aqui analisadas relaciona-se expressamente com a distinção entre os lugares sociais a partir dos quais foram produzidas e ganharam legitimidade, como no caso acima. Seria interessante averiguar se as biografias editadas pelo *O Panorama* possuem alguma regularidade formal que auxilie na caracterização do texto biográfico varnhagueniano.

<sup>73</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. João Fernandes Vieira (O Castrioto lusitano)”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo V, 1843, p. 88-96 (citação p. 88).

<sup>74</sup> Refiro-me aqui apenas à acolhida do personagem e não ao julgamento que Varnhagen faz daquele. Trata-se de considerar o mesmo, ainda que a avaliação negativa do historiador a Vieira seja inegável, sobretudo na *História das Lutas com os Holandeses*.

<sup>75</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850)”. *op. cit.*, p. 183.

De todo modo, não faltam exemplos de casos em que as práticas de pesquisa do historiador, que resultaram em suas obras mais amplas, têm evidentes conexões com as biografias publicadas na *Revista*. Além de transitarem de uma publicação a outra, os levantamentos dos arquivos não invalidam, como já foi destacado, novas narrativas sobre um mesmo biografado. Em 1844, seguindo suas pesquisas e a aceitação de biografados não nascidos no país pelo IHGB, Varnhagen enviou uma nova notícia biográfica de Pero Lopes. Referenciando a discussão no interior do órgão, assim abre o pequeno texto:

“A deliberação tomada pelo nosso Instituto, de dar lugar entre as biographias dos nossos patricios ás d’aquelles colonos ou chefes, que por serviços eminentes ao Brasil se tenham feito acredores á nossa gratidão, nos faz apressar a coordenar de novo a biographia do donatario de Itamaracá e Santo Amaro, Pero Lopes de Sousa, irmão do celebre Martim Affonso de Sousa (13º governador da India Portugueza) cuja vida, tambem por nós foi escripta ha quattro annos, acaba de receber a inesperada (1) honra de apparecer reimpressa no n. 18 da ‘Revista Trimensal (pag. 232) onde pedimos nos seja concedido um lugar para esta tão parceira d’aquella outra’.”<sup>76</sup>

A abertura na seção biográfica era comemorada pelo historiador, pois a partir dessa alteração poderia agregar seus novos conhecimentos acerca de Pero Lopes. Uma longa nota de rodapé lista uma grande quantidade de documentos e informações levantadas por ele e que, segundo o mesmo (no início da nota), aguardavam um momento oportuno para serem divulgadas:

“(1) Na verdade inesperada, sem modestia o digo; e tanto que se tivéssemos sonhado, houveramos seguramente implorado do Instituto a graça de nol-a permitir corrigir, e accrescentar com o mais que posteriormente havemos estudado e conseguido, sujeitando ao estylo, que com o tempo havemos um tanto reformado”.<sup>77</sup>

Há ainda duas notas de pé de página anexas ao texto, onde Varnhagen confronta as opiniões de outro sócio do Instituto, Jose Ignacio de Abreu e Lima (corrigindo a data de um acontecimento de viagem e a hipótese do local da morte de Pero).

<sup>76</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. Pero Lopes de Sousa”. *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo V, 1844, p. 118-122 (citação p. 118-119).

<sup>77</sup> *Idem*, p. 118.

Por vezes, os apontamentos biográficos levantados nos arquivos significam um aspecto ou parte de um conjunto bem mais amplo das investigações. A ordem dos documentos era de fundamental importância: registros avulsos ou desordenados não tinham a mesma utilidade. O caso do poeta Antonio José da Silva, entre os biografados de Varnhagen, é, neste sentido, o mais paradigmático. O historiador pesquisava as listas de condenados da Inquisição que atuava em Lisboa no século XVIII. Entre a vastidão das fontes, ele selecionou excertos e enviou correspondência ao órgão com a seleção realizada. Em 1844 a *Revista* publicava a missiva datada de 17 de fevereiro daquele ano:

“Pobre Antonio José, como podia elle ser amigo e respeitador d’esse tribunal chamado santo, que na idade de seis annos lhe arrancara sua pobre mãe para ir fazer número no auto de fé de 9 de Julho de 1713! E como poderia esta desgraçada mãe ficar reconciliada com a absolvição que no mesmo tribunal recebeu n’aquella data, quando, depois de ver seu filho crescido, lh’o roubam para o não ver mais! Trez annos depois, no auto de fé de 16 de Outubro de 1729, apparece ella, a infeliz Lourença Coutinho, filha do Rio de Janeiro, condemnada para Castro Marim por christã-nova! [...] O desgraçado Antonio José da Silva não foi o único filho do Brazil que a Inquisição escolheu para satisfazer o seu furor e sevicia; antes foi o último dos que se comprehendem no período da nossa lista”<sup>78</sup>.

O conjunto de fontes pesquisadas pelo historiador era muito mais vasto, mas o nome de Antonio José foi destacado. A ampla biografia do advogado e autor de peças de teatro, que Varnhagen assinou na *Revista do IHGB* em 1847, registra a profundidade da análise que os autos inquisitoriais permitiram. Longas notas listam e comentam suas obras. Ou seja, da vasta pesquisa, um nome foi destacado. O mais curioso, entretanto, é que ao ser inserida a atuação do Santo Ofício na *Historia geral do Brazil*, Antonio José retorna ao conjuntos de condenados, e é a crítica de Varnhagen que vai merecer destaque. De acordo com Cezar:

“O uso dessa biografia permite que se compreenda uma das formas segundo a qual Varnhagen organiza seu texto. A partir de notas biográficas, coligidas sobre os processos inquisitoriais, ele integra a

---

<sup>78</sup> *Revista do IHGB. op. cit.*, Tomo V, 1844, p. 331.

história em um movimento histórico mais amplo, ou seja a história do Santo Ofício”.<sup>79</sup>

Assim, observando como foram compostas essas notas e como se deram esses retornos diversos em cada uma das obras do historiador (Antonio José, entre outros escritores também com biografias na *Revista* está no *Florilégio da poesia brasileira*) e possível vislumbrar o que preside seus modelos de escrita e análise. Essas narrativas revelam parte do trabalho de arquivo que garantia, além dessas composições biográficas, a formação de um acervo, o que, de fato, poderíamos chamar, lembrando a epistemologia dimensionada por Paul Ricoeur (a partir da noção de Michel de Certeau), “o momento do arquivo” da operação historiográfica varnhagueniana.<sup>80</sup> Justamente, um movimento arquivístico ocorreu no caso do estudante de filosofia e médico do século XVIII, Vicente Coelho de Seabra. Na ata da 164.<sup>a</sup> sessão dos sócios do Instituto, em 22 de abril de 1847, o conselheiro José Antonio Lisboa acusava o recebimento da biografia de Seabra, enviada por Varnhagen, juntamente com a do poeta Eusebio de Mattos, “por elle escriptas, a fim de serem impressas na *Revista Trimensal*”.<sup>81</sup> A vida de Seabra, narrada em pouco mais de três páginas, segue o mesmo argumento da notícia dedicada a Antonio de Moraes Silva: livrar do esquecimento. A diferença, agora, é que o legado do biografado foi esquecido até mesmo em Coimbra, onde estudou, e deve ser reconhecida. Ademais, o que se destaca com relação a Seabra é o registro de uma ata subsequente, naquele mesmo ano:

“O Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen envia de Lisboa para a biblioteca do Instituto as duas seguintes obras, producções do distincto medico brasileiro Vicente Coelho de Seabra Silva Telles: *Elementos de chimica, offerecidos á Sociedade litterária do Rio de Janeiro para o uso do seu curso de chimica*: Coimbra, 1788, in-4. – *Nomenclatura chimica portugueza, franceza e latina*: Lisboa, 1801, in-4”.<sup>82</sup>

A partir dessas remessas, pode-se perceber que, sem dúvidas, a pesquisa biográfica fazia parte de um movimento mais amplo de levantamentos não só das conhecidas fontes históricas citadas nas obras do pesquisador, mas também de diversos materiais bibliográficos que passaram

<sup>79</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture del'histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen*. Tese de doutorado em história. Paris: EHESS, dois tomos, 2002, 636 p. (citação p. 291, Tomo I).

<sup>80</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “O arquivo”. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. op. cit., p. 176-187.

<sup>81</sup> Ata da 164.<sup>a</sup> sessão em 22 de abril de 1847. *Revista do IHGB*. op. cit., p. 266-269 (citação p. 267).

<sup>82</sup> Ata da 168.<sup>a</sup> sessão em 10 de junho de 1847. *Idem*, p. 277-288 (citação p. 277-278).

a compor o acervo do IHGB. Diários de navegação, periódicos, autos da inquisição ou obras de química mantêm ligações que circulam por páginas e bibliotecas: os textos biográficos de Varnhagen podem ser considerados expressões desses percursos que ajudaram, ao longo do Oitocentos, a firmar o que conhecemos como disciplina histórica. A colaboração que pode ser trazida por uma leitura que intenta decodificar as práticas de pesquisa e escrita da história no Brasil consiste justamente em buscar mapear esses meandros do devir na construção desses procedimentos.<sup>83</sup> Dito de outro modo, “perguntar-se quando uma idéia moderna de história se funda no Brasil, e como ela se constitui em um conhecimento sobre si mesma, depois sobre a nação, seu objeto principal no século XIX”.<sup>84</sup> Como se pode notar, esse campo em formação era aberto e diversificado. Não havia nem mesmo clareza, como vimos, acerca de que brasileiros deveriam ingressar no conjunto de biografias da nação. Da mesma forma, escritos variados eram pouco a pouco metamorfoseados em documentos históricos.

Neste terceiro recorte foi analisado como as biografias varnhagenianas eram frutos de longos períodos dedicados aos arquivos. Todavia, o trânsito não ocorria apenas no interior desses, mas em uma dinâmica própria no íntimo das publicações do historiador, das páginas de uma revista para outra, de determinado documento publicado ao periódico do IHGB.<sup>85</sup> Pode-se pensar que são estes alguns indícios de uma idéia de história que se constitui, entre idas e vindas, em um conhecimento sobre si mesma. Por outro lado, a formação dos cânones literários no Oitocentos, um dos resultados desse conhecimento em vias de legitimação, não permite que se deixe de questionar incessantemente as conclusões historiográficas daquele período e seus meandros pouco evidentes.

---

<sup>83</sup> Valdeí Lopes de Araujo, avaliando as descontinuidades na experiência do tempo ao longo da primeira metade do século XIX, assim justifica a importância de se aprofundar essa questão: “Por isso, a centralidade do conceito de história, pois ele devia lidar não apenas com questões próprias ao conhecimento do passado, mas também oferecer novas formas de compreensão da própria realidade”. Salienta, ainda, o autor: “A aceleração do tempo e a consciência da singularidade do tempo presente têm como consequência direta uma aguda percepção da finitude, seja individual, geracional ou coletiva”. Cf. ARAUJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo: modernidade e historicização no Império do Brasil (1813-1845)*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003, p. 204-205.

<sup>84</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. op. cit.*, p. 15.

<sup>85</sup> Como lembra Michel de Certeau: “Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto”. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. trad. Maria de Lourdes Menezes, 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 p. 65-119 (citação p. 81, itálicos do autor).

#### 4. *Florilégio da poesia brasileira e a primeira reunião de biografados*

Valdei Lopes de Araujo, na introdução à sua tese de doutorado – intitulada *A experiência do tempo: modernidade e historicização no Império do Brail (1813-1845)* – escreve o seguinte:

“A preocupação em traçar a evolução da ciência é substituída pelo exame de sua forma social, em especial os ‘lugares’ e instituições onde ela acontece. Se essa geração é mais desconfiada das genealogias disciplinares, ela continua preocupada com o processo de institucionalização e singularização do discurso historiográfico. Esse caminho tem permitido uma compreensão mais refinada das demandas específicas do campo, principalmente se comparado com a tradição oitocentista de diluí-lo nas história da literatura. Hoje, o desafio para a história da historiografia oitocentista parece ser encontrar um meio caminho que permita tirar da unidade entre história e literatura no século XIX os recursos metodológicos e teóricos para a sua compreensão”.<sup>86</sup>

A unidade da qual fala Araujo corresponde, em grande medida, a dois pontos de vista atualmente analisados e que não são necessariamente excludentes. O primeiro deles, mais conhecido, diz respeito ao modo como o romantismo e o chamado “pensamento histórico” do século XIX, e seu interesse dominante pelo passado, operaram um movimento de domínio tanto sobre gêneros discursivos retrabalhados no período como sobre o romance, narrativa que se destacava à época. Neste sentido, Stephen Bann destaca que o gênero histórico seria, no Oitocentos, a forma narrativa paradigmática que todos os demais aspirariam imitar. O próprio sucesso do romance histórico na década de 1820 seria uma expressão disso.<sup>87</sup>

No Brasil, Antonio Candido, por sua vez, define o compêndio de poesias intitulado *Florilegio da poesia brasileira*, de Varnhagen, como “a mais rica antologia do tempo, proporcionando pela primeira vez um conjunto apreciável de poemas de Gregório de Matos, descoberto pelo Romantismo e crescendo lentamente de prestígio, até a edição do primeiro volume das obras por Vale Cabral, em 1882”.<sup>88</sup> Todavia, estudos de autores como Luiz Costa

<sup>86</sup> ARAUJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo: modernidade e historicização no Império do Brasil (1813-1845)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003, p. 31.

<sup>87</sup> BANN, Stephen. *Romanticism and the rise of history*. New York: Twayne Publishers, 1995, p. 3-10.

<sup>88</sup> CANDIDO, Antônio. “Formação do cânon literário brasileiro”. In: *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. 2º v., 2ª edição revista. São Paulo: Martins, 1959, p. 342-350 (citação p. 344). Para uma crítica: LIMA, Luiz Costa. “Concepção de história literária na *Formação*”. In: LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos. Dispersa Demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166.

Lima e João Adolfo Hansen têm demonstrado que, para além da “descoberta” romântica das fontes poéticas produzidas no Brasil colonial, o mais importante a ser analisado é a formulação dos topos que buscavam referenciar essas fontes sob o prisma do discurso nacional.<sup>89</sup> A preocupação patente de uma obra como a de Varnhagen situava-se na construção cronológica de um período literário que pretendia se estender em direção ao passado no máximo limite.<sup>90</sup> Tal idéia calcada na suposição de que, na literatura, as provas de nacionalidade estariam expressas na sua melhor forma.

Como observa Temístocles Cezar, uma parte considerável dos biografados de Varnhagen são poetas.<sup>91</sup> Segundo o historiador, é possível pensar que essa predileção teria relação com o fato de, ao mesmo tempo em que os poetas fazem parte da história cultural, eles são reveladores, por meio de seus poemas, dos heróis e dos acontecimentos do passado distante.

Nove dos biografados de Varnhagen na *Revista do IHGB* (excluindo-se o caso Teixeira Pinto que não se trata de uma biografia), quase a metade do total, são poetas.<sup>92</sup> Com a visível concentração de notícias biográficas de poetas entre 1845 e 1852, o que veremos a seguir é justamente a impressão do *Florilégio*. O primeiro dos três tomos, datado de 1850, agrupa a maior parte dos nomes divulgados anteriormente pelo IHGB. Aqui, as biografias ocupam um lugar diferenciado e uma função igualmente diversa. O *prólogo* à obra, datado de 5 de junho de 1847, já indica algumas dessas particularidades:

“Como não tratavamos de oferecer modelos de arte poetica, preferimos, em lugar do methodo do *Parnaso Lusitano*, o de apresentarmos as poesias pela ordem chronologica dos auctores, cuja biographia precedesse sempre as composições de cada um. Estas últimas, bem como a introdução, que contém um pequeno ensaio da história litteraria no Brazil, foram escriptas com alguma repugnancia ao ver que deviamos em muitos assumptos ser os primeiros a votar, quando o público é em poesia tão competente juiz. Mas era preciso dar ao livro a

<sup>89</sup> Cf. HANSEN, João Adolfo. “Um nome por fazer”. In: HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 29-103; LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>90</sup> SÚSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15-21.

<sup>91</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture del'histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen*. Tese de doutorado em história. Paris: EHESS, dois tomos, 2002, 636 p.

<sup>92</sup> São eles: Fr. José de Santa Rita Durão, Eusébio de Mattos, Antonio José da Silva, Manoel Botelho de Oliveira, João de Brito e Lima, Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Domingos Caldas Barboza.

necessária unidade; e por outro lado, essencial é que nos vamos aproveitando destas pequenas tentativas, a fim de formarmos de uma vez estylo para empreza maior, a que devemos dedicar a idade madura, se Deus antes nos não chamar da vida”.<sup>93</sup>

Como se pode notar, tanto as biografias como o *Ensaio histórico sobre as lettras no Brazil*, a despeito da valorização que teriam posteriormente, não eram considerados por Varnhagen como análises conclusivas. O *Ensaio* organizava em uma cronologia do aparecimento dos poetas uma suposta história da literatura. Neste sentido, pode-se supor que, se a mencionada união oitocentista entre história e literatura tinha na seção biográfica mais uma comprovação, agora, dois aspectos diversos se abrem sobre essa unidade: com o *Ensaio histórico*, a literatura é de certa maneira “controlada” pelo historiador, que ordena sob a égide do nacional a coleção de nomes e obras; com o *Florilégio*, como um todo, a literatura torna-se uma reserva particular, que não se mescla com os demais “documentos históricos”, como na *Revista do IHGB*.<sup>94</sup>

Ademais, quais seriam as particularidades das biografias de poetas escritas por Varnhagen? Essa questão é importante até para que se possa apreender aspectos que sugiram as diferenças que o próprio historiador estabelece entre seus diversos trabalhos. Com exceção da biografia de Antonio José, já comentada, em geral, as narrativas de vida dos poetas acompanham poucas notas ou remissões das fontes e arquivos de onde foram extraídas as informações que permitiram suas composições. É bem mais comum verificar-se citações das poesias dos mesmos. Gregório de Matos, Claudio Manoel da Costa e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, entre outros, que não apareceram na seção biográfica do Instituto, ganham no *Florilégio* notícias semelhantes àquelas dos demais poetas anteriormente biografados.<sup>95</sup>

Todavia, o local da correção dos equívocos presentes nas biografias dos poetas reunidos era a *Revista do IHGB*. Tomás Antônio Gonzaga e Ignacio José de Alvarenga Peixoto são exemplos de textos que receberam retoques (o primeiro, especialmente, recebeu dois acréscimos

<sup>93</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da Poesia Brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sôbre as lettras no Brazil*. op. cit., Tomo I, p. 4.

<sup>94</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. “O arquivo em movimento: o *Florilegio* de Francisco Adolfo de Varnhagen”. In: *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p. 134-150

<sup>95</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da Poesia Brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sôbre as lettras no Brazil*. op. cit., Tomo I, p. 71-77; 289-299; 345-348.

corretivos).<sup>96</sup> A principio, parece haver uma distinção entre a pesquisa histórica que abarca elementos diversos (entre eles a literatura), e o espaço literário que se forma e sustenta a partir do *Florilégio* e do *Ensaio histórico*.

\*\*\*

Se é possível estabelecer diferenciações para além da forma textual das biografias, acima comentadas, creio que esse conjunto de personagens – que a *Historia geral do Brazil* vai acolher de maneira diversa – organiza a relação que o próprio Varnhagen mantinha com os arquivos. A obra que viria ser considerada uma das primeiras organizações literárias brasileiras, expressa também importantes aspectos da escrita da história no século XIX. Cabe examinar a seguir quais desses nomes (ao lado de outros) e em que ordenamentos do tempo serão inseridos na *Historia geral*, que abarca, ainda, os demais biografados citados em todas as seções dessa primeira parte.

---

<sup>96</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Biographias de brasileiros distinctos ou de individuos illustres que bem servissem ao Brasil, &c. Thomaz Antonio Gonzaga. Additamento”. *Revista do IHGB. Op. cit.*, Tomo XIII, 1850, p. 405; “Biographias de brasileiros distinctos ou individuos illustres que serviram no Brasil, &c. Thomaz Antonio Gonzaga. 2º Additamento”. *Idem*, Tomo XXX, 1867, p. 425-426; “Biographias de brasileiros distinctos ou de individuos illustres que bem servissem ao Brasil, &c. Ignacio José de Alvarenga Peixoto (Retoques á sua biographia impressa no tomo 13, pag. 513 e seg.)”. *Idem*, p. 427-428.

## **PARTE II**

*Tempos da escrita*

**Biografia, tempo e autoridade**

***A Historia geral do Brazil* entre as vidas do passado e o nome de Varnhagen**

“Não se pode interpretar a obra a partir da vida.  
Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a vida.”  
Susan Sontag

## 1. Falar por outros, falar de outros, falar por si, falar de si<sup>1</sup>

“Conclúo pedindo a essa corporação pela liberdade que tomo, e rogando a V. S<sup>a</sup> o favor de calar o meu nome, se alguém houver de dar publicamente conta deste meu pedido; por quanto estou na idéa de imprimir a dita Historia, declarando somente ser ella *escripta por um socio effectivo do Instituto Histórico e Geographico do Brazil.*”  
Francisco Adolfo de Varnhagen<sup>2</sup>

Quando redigiu e enviou a carta a D. Pedro Sabau, então secretário da Real Academia de História de Madri – da qual o excerto acima foi extraído – estava Varnhagen na capital espanhola. Ocupava, desde 1852, a posição de *Encarregado de Negócios*, função vinculada à atuação diplomática, sendo este um período de progresso em sua carreira naquele campo e também como historiador. De outro modo, segue-se a rotina de viagens, própria do “historiador-viajante” que foi Varnhagen.<sup>3</sup> A correspondência a Sabau não tinha, aliás, motivação maior senão solicitar a guarda, pela Real Academia, do original de sua *Historia geral do Brazil*, ainda não impressa, para que se mantivesse segura em meio as suas obrigações profissionais:

“Não querendo expôr de novo este trabalho que resume quanto em minha collecção há de mais precioso, às contingencias das viagens e dos tempos, e da minha propria existencia, e desejando antes de tudo salvar, em favor da Historia, os factos que ahí se apuram, sobretudo quando peso fazer imprimir essa obra fôra da Hespanha, fiz tirar uma copia, afim de mandal-a à impressão, guardando commigo o original. Imaginando porém que este (que se acha encadernado em dois grossos volumes de folio) poderia ficar melhor depositado na rica bibliotheca de manuscriptos da Real Academia de Historia [...]”.<sup>4</sup>

Evitar que as intempéries das viagens colocassem a perder seu mais importante trabalho, fazer com que esse sobrevivesse ao anônimo autor: estes eram os objetivos. Salvar a *Historia geral*,

<sup>1</sup> A citação de Sontag, na abertura desta segunda parte, encontra-se em: SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986, p. 86.

<sup>2</sup> Carta a D. Pedro Sabau. A data de escrita exata dessa missiva não é conhecida. De acordo com Lessa, teria sido redigida, seguramente, entre os meses de maio e junho de 1853. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961, p. 205 (itálico no original).

<sup>3</sup> CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. *Topói – Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207. Como foi reiterado anteriormente, a experiência da viagem é fator determinante na vida de Varnhagen e indispensável no exame de seu legado. O artigo aqui citado constitui uma importante análise, que relaciona os deslocamentos do diplomata e historiador, seus trabalhos e as concepções de história relevantes ao estudo dessa como disciplina emergente no século XIX.

<sup>4</sup> Carta a D. Pedro Sabau. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, op. cit., p. 204.

mesmo que em detrimento daquele que a escreveu, não parecia configurar modéstia exacerbada.<sup>5</sup> Ao contrário, embora não houvesse declaração evidente, tampouco seu texto poderia ser considerado apócrifo. Pouco depois, em missiva enviada ao Imperador D. Pedro II, Varnhagen comentaria impressões acerca de seu nome em uma viagem a Sevilha e, de certa forma, expressaria definitivamente o principal motivo para a sua escolha pelo anonimato:

“Na primeira audiencia que tive destes Augustos Senhores conheci que se surprehendiam de não me achar estrangeiro ou ao menos estrangeirado, e que eu não correspondia pessoalmente à idéa que, pelo meu nome, haviam anteriormente formado, imaginando-me hollandez, segundo creio. – Confesso que por esta occasião se me justificou uma apreensão que sepultava no fundo d’alma e que não contava revelar a ninguem por escripto; mas que agora me decido a transmittir a V. M. I., de cuja circunspecção e reserva sou tão grande admirador. – Para V. M. I. o assumpto será de certo grave e sério; ao mesmo tempo que tudo assim é neste mundo. Sabe agora V. M. I. uma das razões por que eu queria omitir o meu nome na *Historia Geral do Brazil*, deixando até de assignar a dedicatoria. Sem o meu nome a obra seria apenas de *um brasileiro* ou do *Instituto H. do Brazil*; e, por conseguinte, *de todo* o Brazil”.<sup>6</sup>

Stuart Schwartz destacaria que “este patriotismo não era somente um tema dominante na maioria dos trabalhos históricos de Varnhagen, como ainda um estímulo primário para sua produção histórica”.<sup>7</sup> Neste sentido, as duas questões devem ser levadas em consideração. A argumentação de Varnhagen no que diz respeito à contribuição de sua *Historia* aludia, peremptoriamente, à originalidade e à amplitude de suas pesquisas, o que lhe garantiria o correto juízo dos valiosos fatos apurados e, no devido modo, distribuídos ao longo do título. O

<sup>5</sup> Rodolfo Garcia comentou: “Na primeira edição da *Historia Geral* assignou-se *Um socio do Instituto Historico do Brasil, natural de Sorocaba*, para logo adiante, na dedicatoria ao Imperador, firmar respeitosamente seu nome por inteiro, como se quizesse apenas na primeira pagina de seu livro monumental deixar bem expressas aquellas qualidades”. GARCIA, Rodolpho. “Ensaio bio-bibliographico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro”. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª Ed. Integral. Tomo I (4ª ed.). São Paulo: Melhoramentos, sem ano, p. 436-452 (citação p. 450). Segundo Armelle Enders: “A atitude de modéstia adotada por Varnhagen para assinar sua *História Geral* traduz de fato seu grande orgulho: no título se encontram reunidos homem e obra. Trata-se de uma espécie de manifesto, duplicado de uma autobiografia”. ENDERS, Armelle. *Les Visages de la Nation. Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Paris: Université de Paris I- Panthéon – Sorbonne, 2004, p. 93. A idéia de se examinar a *Historia geral do Brazil*, guardadas as devidas definições formais e os termos da análise, como um espaço autobiográfico de Varnhagen será utilizada a seguir como uma das possibilidades de leitura da obra.

<sup>6</sup> Carta a D. Pedro II, Madrid, 05 de fevereiro de 1854. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, op. cit., p. 213 (itálico no original).

<sup>7</sup> SCHWARTZ, Stuart B. “Francisco Adolfo de Varnhagen: diplomat, patriot, historian”. *The Hispanic American Historical Review*, May, 1967, v. XLVII, n. 2, p. 185-202 (citação p. 190).

conjunto de seus levantamentos e a sua capacidade de crítica, correção e ordenamento não só o autorizavam a falar em nome do Brasil e, por conseguinte, do que se pudesse chamar “brasileiro” (portanto, não apócrifo), mas também em prol da “Historia”.

Por outro lado, como já foi comentado, a nacionalidade de Varnhagen e seu suposto patriotismo envolveram, em âmbito particular, problemas complexos, tal qual o estabelecimento de noções de história e pátria, entre outras, no Brasil oitocentista.<sup>8</sup> As cartas “daquele homem que foi brasileiro porque quis”, como ressaltou Pedro Calmon, sobretudo aquelas que trocara com o Imperador, registram as dificuldades e as indefinições.<sup>9</sup> Nessa perspectiva, José Honório Rodrigues sublinha que sua correspondência,

“mostra as relações de Varnhagen com D. Pedro [...], os apelos e pedidos que a Sua Majestade fazia, as injustiças e queixas que lamenta, inclusive do Instituto Histórico, as paixões que nutre, a constante preocupação por ser brasileiro de primeira geração. Nelas transparecem seus sentimentos, suas filiações partidárias, seu patriotismo, seu pessimismo em certa fase da vida”.<sup>10</sup>

Com efeito, o exame desse material não permite que se ignore o tema da identidade. Por isso, deve-se dizer que a escolha dos supracitados trechos de missivas escritas por Varnhagen para introduzir o assunto a ser tratado nesta segunda parte não é casual.<sup>11</sup> O que afirmava ao historiador, às voltas com a publicação da *Historia geral do Brazil*, a certeza de que falava em nome do Brasil e daqueles que aqui viviam, em meados do século XIX? Quem seriam os homens do passado (e do presente) aos quais vincularia a sua *Historia*? Que movimentos pessoais, políticos e disciplinares teriam garantido a Varnhagen o direito de projetar sua conquista de identidade ao Brasil? A *Historia geral do Brazil* seria, de certa

---

<sup>8</sup> István Jancsó e João Paulo Pimenta destacam que, no âmbito político brasileiro do período, termos como pátria, nação e região eram utilizados sob a marca da dúvida: “Dessa forma, não se deve esquecer que a provisoriamente característica do período traduziu-se na coexistência não apenas de idéias relativas ao *Estado*, mas também à *nação* e às correspondentes identidades políticas coletivas, eventualmente reveladoras de tendências à harmonização entre si, ou quando não, expressando irreduzibilidades portadoras de alto potencial de conflito”. Cf. JANCÓS, István; PIMENTA, João Paulo G.. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 129-175 (citação p. 136).

<sup>9</sup> CALMON, Pedro. “Varnhagen”. *Revista do IHGB*, v. 338, janeiro-março, 1983, p. 249-258 (citação p. 249).

<sup>10</sup> RODRIGUES, José Honório. “Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil”. *Revista do IHGB*, v. 275, abril-junho, 1967, p. 170-196 (citação p. 174-175).

<sup>11</sup> As considerações de Foucault foram inspiradoras: “[...] a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal. É que, recorda Séneca, quando escrevemos, lemos o que vamos escrevendo exactamente do mesmo modo como ao dizermos qualquer coisa ouvimos o que estamos a dizer. A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe”. Cf. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro, 4ª edição. Lisboa: Veja, 2002 [1969], p. 145.

maneira, sua “autobiografia”? As questões ora colocadas têm o propósito de pontuar algumas diretrizes gerais que orientarão a discussão aqui proposta. Anteriormente, foram examinados, em diversos exemplos, noções e usos da biografia em parte pertinente da produção de Varnhagen. Se antes ela foi fortemente demarcada como um instrumento na operação historiográfica efetuada por ele, agora é sugerida a ênfase na sua característica básica de gênero narrativo em uma obra específica, a *Historia geral*, o que não implicará no abandono de questões epistemológicas que se impõem em um exame historiográfico.

No fundamental, a leitura que se fará a seguir trabalhará com as relações passíveis de serem demarcadas entre as noções de tempo e de autoridade, tendo as inserções biográficas na obra de Varnhagen como objeto de análise. Ademais, este preâmbulo sobre a noção de identidade é de suma importância na composição do argumento geral que se intenta apresentar. Cabe observar que se trata de repensar, em última análise, os usos da história, quando esta se vincula à identidade, seja esta individual ou coletiva. Em poucas palavras, conforme Manoel Guimarães: “Crítica esta cultura histórica herdada do dezanove parece ainda significar uma ameaça a esta nossa identidade, obrigando-nos a percebê-la como fruto de uma construção histórica e por isto mesmo submetida à passagem do tempo e à transformação. No entanto, este mesmo exercício de crítica pode, se lido com outros olhos, significar a possibilidade de desejar um futuro ainda não entrevisto, uma afirmação dos valores humanos e de sua capacidade inventiva, surpreendente porque não totalmente previsível”.<sup>12</sup> Refletir acerca das implicações geradas pela associação entre história e identidade, do ponto de vista historiográfico, corresponde a chamar a atenção e ressaltar os acordos de sentido que não estavam dados, evidentemente, desde as suas primeiras formulações. Retornar às elaborações do tempo que caracterizaram o século XIX e que, afinal, fazem parte do trabalho do historiador (em especial, naquele período), pode ser de grande valia.<sup>13</sup>

Até agora, nesta segunda parte, falou-se, ainda que vagamente, de trânsitos identitários em Varnhagen. Ora, não interessa a esta análise avaliar se o sentimento patriota expresso pelo historiador guardava honestidade ou o que melhor o descreveria, sabendo-se que a imprecisão do termo no período seria apenas um dos fatores que limitariam tal definição, associado aos

<sup>12</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido”. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, dezembro, 2000, p. 21-36 (citação p. 28).

<sup>13</sup> “A crítica da homonímia, como conceito do social, desempenha-se sobre um duplo registro. Ela exige simplesmente, em um primeiro nível, que se dê às palavras que designam identidades sociais o sentido que elas tinham em sua época”. Cf. RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história. Ensaio de poética do saber*. trad. Eduardo Guimarães, Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994, p. 42.

riscos do mau uso do anacronismo.<sup>14</sup> O que se pode afirmar é que possuir a nacionalidade brasileira foi uma escolha pessoal e que esta, através de seu ofício histórico e dentro dos meios em que sua obra foi recebida, engendrou posicionamentos coletivos.<sup>15</sup> Do ponto de vista específico da discussão historiográfica, sua recepção, em especial aquela advinda do imediato trabalho de Capistrano de Abreu, constitui outra importante face dessa questão. Maria da Glória de Oliveira, ao examinar o *Necrológio* de Varnhagen escrito por Capistrano, pontua: “A principal vulnerabilidade de Varnhagen estava, portanto, no tipo de relação estabelecida com o passado da nação. Deste modo, a crítica de Capistrano incide sobre a lógica explicativa de uma historiografia comprometida, acima de tudo, com os desígnios do Estado Imperial e para a qual os movimentos que ‘ensaia’ a independência são tratados como expressão de uma ‘crise’, por contrariarem certa ordem tida como ‘natural’ (isto é, que pressupunha um Estado nacional centralizado e territorialmente unificado como coroamento do processo inaugurado com a colonização)”.<sup>16</sup> É, afinal, esta figura historiadora varnhageniana que se quer perceber e como ela interfere no que lhe há de biográfico. Daí a relevância de se tomar a *Historia geral* como um modelo: haveria nela traços autobiográficos? Suas passagens marcadamente pessoais, guarnecidas por um projeto de historiografia nacional no Brasil, poderiam ser interpretadas tal qual um relato da vida do autor, um historiador?

### 1.1 A identidade narrativa de uma *Historia geral*

No prefácio à primeira edição da *Historia geral* lê-se o seguinte:

---

<sup>14</sup> Recordando o sentido em que Paul Veyne introduz seu ensaio sobre as noções de crença e do lugar da imaginação a partir dos gregos: “Os gregos acreditavam na sua mitologia? A resposta não é fácil, pois ‘acreditar’ quer dizer tantas coisas... Nem todos acreditavam que Minos continuasse a ser juiz nos Infernos, nem que Teseu tivesse combatido o Minotauro, e eles sabiam que os poetas ‘mentem’”. VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* trad. Horácio Gonzáles e Milton Meira Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 11.

<sup>15</sup> Nessa perspectiva, Peter Gay contribui destacadamente para se pensar esta questão, sobretudo, no freqüente trabalho com a *Correspondência Ativa* de Varnhagen. De acordo com o historiador: “A descoberta de quão profundamente as emoções privadas estão investidas na vida pública é apenas uma das formas através das quais as teorias freudianas podem levar a história para além da pura biografia [...] Em poucas palavras, as experiências humanas, embora ricas e fascinantes, tendem a observar certos padrões temporais de desenvolvimento que apresentam semelhanças marcantes um em relação aos outros. Todo historiador trabalhando com ordens hierárquicas, com as diferentes igrejas cristãs ou culturas completas reconhece implicitamente que pode permitir-se agrupar os conglomerados que estuda *enquanto* conglomerados sem necessariamente violar a individualidade de seus membros”. Cf. GAY, Peter. *Freud para historiadores*. trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 129-130 (ver também p. 162-167).

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, p. 73-74.

“Vamos agora á individualidade do escriptor. A par da maior tolerancia para com as opiniões alhêas, professamos firmes principios em religião, em politica, e em tudo o mais sobre o que nos declaramos nesta obra. Somos sempre sinceramente catholico, sem deixar jamais de ser cidadão (para sustentar as prerogativas da corôa, que em geral pela maior parte são as do antigo padroado) e acreditando sem cessar, para os grandes successos, na providencia divina, em harmonia com o proverbio que diz: ‘O homem pôe, mas Deus dispõe.’ – Politicamente, sendo por fortes convicções monarchista, admiramos tambem a bella instituição das nossas assembléas annuas, fomentadoras da integridade da nação, atalaias do seu governo e fiscaes dos proprios tributos; e rebellamo-nos sempre contra todo o exclusivismo de poderes, contra toda absurda tyrannia, contra todo arbitrario absolutismo, parta donde parta. Socialmente, quanto aos Indios e aos Africanos, cremos que devêramos ser mais justos e mais humanos do que se é geralmente. Somos de opinião que estamos sendo no paiz injustos com aquelles, por cruel philantropia, com desvantagem do estado que podia e devia aproveitar dos seus braços; e com os ultimos, por excesso de rigor, sem nenhuma utilidade pública nem particular. Inclínamo-nos a que deveriam os primeiros ser submettidos e avassallados, e entregues a uma especie de clientella, resolvendo-se isso nobremente e sem hypocrisias, e os segundos ser melhorados na sua condição social; convertendo tambem a escravatura em clientella, embora continue esta vitalicia e heriditaria; e isto pelo simples meio de acabar com as compras e vendas. Civilmente somos defensores dos prestigios honorificos, com que em proveito do estado os governos tiram partido da natural vaidade humana; e somos advogados da creação, independentemente das academias que existem, de uma universidade central, ou pelo menos de uma escola polytechnica em Minas; propendemos a considerar um *sacerdocio* a instrucção *primaria*, e admiramos o systema de certas escolas gratuitas para o estado, que tem produzido proficuos resultados em outros paizes; e não disfarçamos as nossas inclinações á colonisação emprehendida por conta dos particulares e não do governo, a um systema tributario menos indirecto, começando pelo censo territorial, a outra forma de recrutamento, etc., etc.”<sup>17</sup>

Nesta longa passagem, publicada em 1857 (no segundo volume da obra), Varnhagen faz uma espécie de síntese das concepções particulares que guiaram e, certamente, interferiram nos posicionamentos por ele apresentados. Monarquista, católico, justo com índios e africanos, a favor da subordinação de ambos, mas contrário à continuidade do comércio escravocrata. Afora estes adjetivos mais gerais, seguem-se proposições direcionadas às formas de

---

<sup>17</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. Isto é do seu descobrimento, colonisação, legislação, desenvolvimento, e do imperio, escripta em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, e dedicada a sua magestade imperial o senhor D. Pedro II.* No Rio de Janeiro, em caza de E. e H. Laemmert, Madrid: Imprensa de J. del Rio, Tomo segundo, 1857, p. X-XI (itálico no original).

administração pública, com destaque para a educação e a fiscalização. Sabendo-se que o “escritor” optou por abrir mão do nome próprio, quando da impressão do primeiro volume da *Historia*, chama a atenção as duas demandas de informações que se fazem observar no excerto acima. Tanto a autoral descrição política, religiosa e social como os projetos apresentados fazem da *Historia geral* um título com um autor bem definido. Cabe destacar que as idéias lançadas no referido prefácio foram desenvolvidas pelo historiador em outras publicações e, ainda, como analisou Luciana Boeira, que os prefácios de Varnhagen – além de serem um espaço de exposição do pesquisador – constituem excelentes fontes para o exame dos métodos assumidos pelo pesquisador.<sup>18</sup>

Entretanto, o parágrafo que se ocupava da descrição da “individualidade” do autor na primeira edição da *Historia geral* foi inteiramente excluído na publicação revisada e impressa em 1877. De acordo com Temístocles Cezar, ao examinar essa constatação: “Não há na obra de Varnhagen uma *evolução* teórica visível (seus pressupostos de ordem filosófica ou política são aparentemente invariáveis). Há, contudo, supressões como aquela que tinham claramente por objetivo *limpar* a narrativa de marcas que pudessem comprometer a objetividade da obra”.<sup>19</sup> Vinte anos após a impressão do prefácio, Varnhagen, então um leitor de si, operava essa “limpeza”, que não se resumiu, deve-se destacar, ao corte supracitado, mas a maiores ou menores alterações na obra como um todo. Este mesmo prefácio sofreu outras edições significativas. Destacar as relações entre um suposto “apagamento” do autor – idéia que em Varnhagen soa como um paradoxo – e noções de objetividade em sua narrativa é, a meu ver, de fundamental importância para se pensar as mutações na figura do historiador e das noções de história no século XIX. Até mesmo porque, como pontuou Cezar, no caso de Varnhagen, de fato, não parece haver uma linha teórica propriamente evolutiva, e o prólogo da segunda

---

<sup>18</sup> Alguns textos em que se pode encontrar exemplos de desdobramentos (anteriores e posteriores) das reflexões político-administrativas de Varnhagen: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Memorial Organico, que a consideram das assembleias geral e provinciaes do imperio*. Apresenta um brasileiro. Dado a luz por um amante do Brasil, 1849; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Memorial Organico. Segunda parte. Em que se insiste sobre a adopçam de medidas de maior transcendencia para o Brasil, acerca: 1º Da abertura de estradas geras; 2º de uma nova circumscripçam provincial; 3º Da posiçam da capital; 4º Dos escravos africanos; 5º Da civilisaçam dos indios por tutela; 6º Da colonisaçam europea por grupos, etc.* Madri, na Imprensa da viuva de D. R. J. Dominguez, R. de Hortaleza, Num. 67, 1850; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *A questão da capital: maritima ou no interior?*, Vienna d’Austria. Imp. do Filho de Carlos Gerold, Edição por conta do Autor, 1877. No artigo citado, Boeira analisa os acordos, condicionamentos de leitura e funções que o espaço prefacial é capaz de gerir, destacando a exposição das premissas, fontes e concepções políticas e de história em Varnhagen, o que se poderia chamar contemporaneamente de metodologia do autor. Ver: BOEIRA, Luciana Fernandes. “A Força Ilucutória da Mensagem: o discurso do método nos prefácios de Varnhagen”. Relatório de pesquisa FAPERGS, 2007.

<sup>19</sup> CEZAR, Temístocles. *L’écriture del’histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen*. Tese de doutorado em história. Paris: EHESS, dois tomos, 2002, 636 p. (citação p. 556-557, Tomo II, itálico do autor).

edição é um exemplo disso. No final dos anos 1870, o historiador não abria mão da carga pessoal ao reeditar sua *Historia*:

“Sirvam estas ligeiras considerações para indicar o espírito de tolerancia que reinará nesta obra, que, como acariciada por nós em toda a vida, aspira, pela sua própria imparcialidade, a passar á posteridade, tanto no Brasil, como fóra d'elle. [...] Não julgando suficiente o que rezam as velhas chronicas, rebuscamos antigos documentos nos archivos, não só do Brasil, como de Portugal, da Espanha, da Hollanda e da Italia; percorremos pessoalmente todo o nosso litoral, visitámos os Estados Unidos, varias Antilhas e todas as republicas limitrophe; – tudo, ha mais de trinta annos, graças especialmente ás facilidades que nos foram proporcionadas pelo proprio governo imperial, em serviço do estado; e antes, por accidentes, nem que providenciaes, da nossa vida, que nos haviam conduzido a cursar os estudos em Portugal, e a nos familiarizarmos ahi com a sua paleographia e os seus archivos e depositos de documentos manuscriptos, que continham a maior parte dos elementos que deviam vir a servir para reconstruir a historia patria. A existencia desses ricos thesouros foi por nós já em parte manifestada ao publico em 1839, nos escriptos que publicámos acerca de Pero Lopes e Gabriel Soares. [...] Em todo caso, hoje nos lisongeamos de poder com esta obra (que preenche bem ou mal , muitas lacunas na historia dos feitos gloriosos dos antigos Portuguezes) corresponder aos bons officios prestados pelo governo da metropole, tanto a nós pessoalmente, como em geral a todos os brasileiros”.<sup>20</sup>

A obra, portanto, era fruto de esforços pessoais. A *Historia* foi, certamente, o projeto de uma vida para Varnhagen. Tal afirmação, entretanto, não quer compactuar com uma suposta “ilusão biográfica” do historiador oitocentista, mais de uma vez expressa. Em outra de sua cartas a D. Pedro II, datada de 8 de julho de 1853, isto é, às vésperas da impressão do primeiro volume de sua principal obra (tal como a que serve de epígrafe a esta Parte II), recordava aquele: “Demais: quando me lembro do trabalho que tenho tido em juntar documentos, quasi desde a minha infancia (tal que me faltara hoje o animo para começal-o segunda vez), e dos estudos históricos a que me tenho dedicado, sinto quasi a convicção de que [se] os meus trabalhos se perdessem, ficaria a nossa historia ainda por depurar de erros, – quem sabe por quanto tempo...”.<sup>21</sup> Ou seja, se há uma criação deveras autoral nessas referências – posto que, além das cartas, as passagens do prefácio e do prólogo até aqui

<sup>20</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. op. cit.*, sem ano, p. X-XI. O prólogo da segunda edição, reeditado nesta terceira impressão, da qual me valho, não sofreu alteração alguma em relação ao texto original de 1877.

<sup>21</sup> Carta a D. Pedro II, Madrid, 8 de julho de 1853. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa, op. cit.*, p. 206.

expostos também seguem linhas semelhantes – menos evidente parecem ser os contatos de memória de Varnhagen no que diz respeito às pesquisas que realizou. Entre o prefácio de 1857 e o prólogo publicado vinte anos depois, o que se pode notar é a construção de um “histórico” da *Historia geral do Brazil* (as citadas cartas da década de 1850 são reveladoras). Além disso, alargando retrospectivamente este recorte, os anos de pesquisa (sobre os quais já se falou aqui anteriormente) que precederam a publicação da obra são marcos de uma construção do perfil de historiador de Varnhagen. Mais que o divulgador de sua obra, neste e em outros escritos, forjava ele uma identidade.

Neste sentido, para ordenar teoricamente as questões até aqui colocadas, tomarei um termo particular. Paul Ricoeur apresenta, ao final de *Tempo e narrativa*, a noção de *identidade narrativa*, a primeira entre as resistentes aporéticas do tempo frente à poética da narrativa por ele sugerida.<sup>22</sup> Em outras palavras, um “limite” a ser considerado no exame das soluções que as tramas da narratividade fornecem às análises das concepções fenomenológicas e cosmológicas sobre o tempo, desenvolvidas pelo filósofo, posteriormente redimensionadas em sua hermenêutica da condição histórica.<sup>23</sup> O que interessa, por ora, é a mencionada noção proposta por Ricoeur. Depois de concluir sua série de contrastes e entrecruzamentos entre noções de tempo (cósmico, histórico, ficcional), ele conclui que um “rebento” desses movimentos de comparação e aproximação pode ser percebido como um dos diversos efeitos de sentido da narrativa. Diz Ricoeur:

“O frágil rebento oriundo da união da história e da ficção é a *atribuição* a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar *identidade narrativa*. O termo ‘identidade’ é aqui tomado no sentido de uma categoria da prática. Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: *Quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor?* Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta só pode ser narrativa”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo III. trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997 [1985], p. 417-464.

<sup>23</sup> Cf. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007 (ver, especialmente, p. 357-421).

<sup>24</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo III. *op. cit.*, p. 424 (itálico do autor).

Portanto, a identidade chamada *narrativa* vale-se justamente da narração para indicar e permitir que se nomeie o *quem* da ação. Por outro lado, ainda a partir das proposições do filósofo francês, essa identidade tampouco é estática, não por acaso trata ela do sujeito da ação. Ao contrário do sujeito idêntico a si mesmo (*idem*), deve-se compreender a identidade da qual se fala aqui como *ipse*: si mesmo.<sup>25</sup> Ela escapa ao modelo de um sujeito fixo, que padece do conflito entre o Mesmo e o Outro, porque a *identidade narrativa* baseia-se na ipseidade, sendo constantemente refigurada pelas configurações narrativas as mais diversas.<sup>26</sup> Esta noção é também pertinente pelo que segue: “A noção de identidade narrativa mostra ainda a sua fecundidade no fato de que ela se aplica tanto à comunidade quanto ao indivíduo. Podemos falar da ipseidade de uma comunidade, como acabamos de falar da de um sujeito individual: indivíduo e comunidade constituem-se em sua identidade ao receberem tais narrativas, que se tornam para um e outro a sua história efetiva”.<sup>27</sup>

Em um avanço do prefácio às seções finais da *Historia geral do Brazil*, creio ser possível apreender e expor de uma maneira mais precisa a discussão até este momento esboçada sobre uma idéia de identidade narrativa em Varnhagen que posteriormente, espero, conduzirá à discussão de uma “identidade historiadora” passível de ser pensada, dentro dos limites da leitura que ora se apresenta. Para tanto, partirei da última questão entre aquelas anteriormente colocadas e que encerra o breve item introdutório desta segunda parte: seria a *Historia geral*, em alguma medida, “autobiográfica”?

## 1.2 Falar de si: do começo ao fim, do filho ao pai, um tempo presente

A escolha por iniciar o exame do texto da *Historia geral* através de um olhar atento aos seus traços autobiográficos evidentemente não é fortuita já que há, no mínimo, relações semânticas e de gênero narrativo, por um lado, entre as noções de autoria e autoridade – que abrange a discussão desta Parte II como um todo – e, de outro, as freqüentes aproximações e semelhanças que vinculam gênero biográfico e as chamadas “escritas de si”, termo comum nos estudos das últimas décadas.<sup>28</sup> Todavia, antes de aprofundar essas relações, opto por solicitar um exemplo quase alegórico de resposta à última indagação apresentada. Ela não

<sup>25</sup> Ver também: DOSSE, François. “L’âge herméneutique (II): la pluralité des identités”. In: *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005, p. 327-446.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 425.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>28</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

deve induzir à conclusão de que essa pergunta tem caráter retórico, mas funciona, a meu ver, como uma importante aproximação prévia às dúvidas que se seguirão.

A seção LIII da *Historia geral*, na edição de 1857, foi assim intitulada: “Minas de ferro. Varnhagen é o executor dos projectos d’elrei”.<sup>29</sup> O referido nome próprio não se relaciona ao autor da obra, mas ao seu pai, o engenheiro Friedrich Ludwig Wilhelm de Varnhagen. Antes de merecer o protagonismo nessa seção, o pai do historiador aparecia na seção precedente como um dos nomes dignos de serem recordados na divisão dedicada aos “escriptores” vinculados ao contexto da imprensa régia. Próximo de nomes como Januário da Cunha Barbosa e o viajante Saint-Hilaire, entre outros, Varnhagen, comentava de um periódico científico relativo ao Brasil e publicado na Alemanha,

“em que foram impressos trabalhos de Varnhagen e Feldner, dos quaes elle [Eschwege, alvo da crítica do historiador nessa passagem] ás vezes aproveitou nas duas obras mencionadas; não citando senão quando queria ter o gosto de contradizer, em virtude de observações reiteradas feitas posteriormente. Feldner, havendo passado em 1819 com uma commissão diplomatica a Vienna, falleceu na Europa pouco depois (1823), e os seus escriptos foram publicados pelo naturalista Olfers. Varnhagen só veio a fallecer em 1842, e grande parte de seus trabalhos e observações, sobre as provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro, existem ainda manuscritos (em allemão) em nosso poder, sem autorisação para publical-os por ora. [...] e Varnhagen, havendo no Brazil grangeado mais confiança e mais amigos que ambos, já por seus conhecimentos geraes em litteratura e humanidades, ja pelo seu character mais affectuoso e social, possuindo entre outras prendas a de bom pianista, ja talvez mais que tudo por haver-se casado com uma senhora bem aparentada do paiz, com os dotes de energia, actividade e perseverança que possuia, correspondeu amplamente a essa confiança, segundo se verá na secção seguinte”.<sup>30</sup>

São traços biográficos bastante significativos aqueles que recebe o pai do historiador. Ainda que esteja inserido em uma das divisões da obra cujas informações são mais gerais, dada a sua própria característica temática (cujo objetivo era o de tratar do conjunto de escritores), o espaço de Friedrich de Varnhagen está consideravelmente sublinhado. Suas virtudes, seus conhecimentos e dotes artísticos, sua personalidade são, enfim, incorporados ao texto, sem qualquer gradação, como se poderia supor, em função do íntimo parentesco com aquele que parece converter, sem maiores pudores, sua memória filial em história nacional. Na seção seguinte, então, o filho deixava claro seu argumento:

<sup>29</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil*. op. cit., 1857, p. 357.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p. 347-348.

“E não é culpa de quem escreve, e sim para elle muita honra, que essa gloria indisputavel reverta em favor proprio. Tributar justiça devida á memoria de quem tão bem serviu é dever do historiador, e mal delle se os receios de passar por immodesto superam em tal momento aos nobres sentimentos de piedade filial! – Trate de provar quanto assevera, já que a tarefa é tão melindrosa; e, narrando só a verdade, não se cubra de pejo nem de hypocrisia, quando não fez profissão do voto de humildade”.<sup>31</sup>

Nestes termos, ficava estabelecida a preponderância do “dever do historiador” que, segundo o autor da *Historia*, sobrepunha-se aos afetos do filho. Como se depreende da própria narrativa de Varnhagen, embora não tenha sido o empreendimento de exploração das minas de ferro um trabalho individual, o fio condutor da descrição é o personagem do engenheiro alemão. E não se trata de uma subdivisão de menor dimensão ou importância. São dezesseis páginas inteiramente dedicadas ao tema dos primórdios da fundição de ferro no Brasil.

Ao examinar os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen por meio da análise da construção de dois personagens (seu pai, propriamente, e José Bonifácio de Andrade e Silva), Temístocles Cezar aponta alguns aspectos que vão ao encontro da proposta de se verificar os matizes que interferiam particular e decisivamente na “identidade historiadora” varnhagueniana expressa em sua escrita. Desde o início, como afirma o autor, este episódio, a inserção do pai do historiador oitocentista como personagem de sua *Historia*, envolve uma questão de identidade que evoca os dois membros da mesma família: “enquanto Francisco Adolfo de Varnhagen, que poderia ser português para sempre, optou pela nacionalidade brasileira, seu pai adotou a nacionalidade portuguesa. Duas atitudes opostas, mas que participam de um mesmo movimento: a busca por uma nacionalidade, a identificação com uma nação”.<sup>32</sup> Recordando os adjetivos utilizados por Varnhagen para descrever sua “individualidade” de autor, no prefácio da *Historia geral*, pode-se aludir à preeminência dessa particularidade. Ao aprofundar a leitura da saga desenvolvida com o intuito de ressaltar o protagonismo e fazer justiça ao Varnhagen pai, destaca Cezar: “Varnhagen organiza a história de seu pai a partir das mesmas categorias que o auxiliam a criar sua própria identidade. Ele também trabalha de modo árduo pela nação e, como seu pai, foi, não poucas vezes, em sua

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, p. 358-359.

<sup>32</sup> CEZAR, Temístocles. “Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen”. *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2005, p. 207-240 (citação p. 209). Conforme o historiador, os comentadores da obra de Varnhagen raramente tratam como um objeto de análise o episódio da inserção do pai do autor da *Historia geral do Brasil* como um personagem desse livro. Entre os poucos que o levam em consideração, Cezar destaca Pedro Calmon, que levanta o caráter identitário então envolvido.

auto-análise, vítima de intrigas e da inveja de seus compatriotas ou críticos nacionais e estrangeiros”.<sup>33</sup>

Tanto no caso de Friedrich de Varnhagen como no de José Bonifácio – este, um personagem consideravelmente secundário na *Historia geral do Brazil* – fatores temporais e de autoridade estavam implicados.<sup>34</sup> “Não é possível contar a história de seu tempo sem estar nela, seja ele ou o pai. Como historiador do tempo presente, Varnhagen escreve a história a partir dele mesmo, como se fosse o centro da escritura, da história. Foi ele quem viu isto e escutou aquilo. Foi ele quem encontrou tal fonte, ou que guardou tal documento”.<sup>35</sup> Do prefácio organizador (além de propositivo) da obra, e da leitura que esperava o autor, às seções finais, *presentistas*, em que o falecido pai emerge como um personagem da *Historia* e um membro da nação a qual burocraticamente não pertencera (teria pertencido em algum termo?), percebe-se o desenhar das noções que intento analisar. Varnhagen está presente do início ao fim em sua obra.<sup>36</sup> Considerando-se, por exemplo, as pesquisas por ele desenvolvidas que foram examinadas na Parte I desse estudo e, do mesmo modo, as revisões e ampliações para a reedição de sua *Historia geral*, pode-se perceber interessantes jogos de sentido em que a autobiografia varnhageniana, sua “identidade historiadora”, como tenho chamado, emerge a cada passagem de seus textos. Essa identidade narrativa, longe de ser estática ou estar bem delineada no Brasil do século XIX, estava em constante adaptação, tal qual o momento político em que o historiador trabalhava e executava sua operação historiográfica.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p. 215.

<sup>34</sup> A postura de Varnhagen frente à figura de José Bonifácio, assim como os historiadores do século passado a perceberam, é detalhada no artigo supracitado. Cf. *Idem, ibidem*, p. 216-232. Para uma história dos conceitos de nação e civilização em José Bonifácio, bem como uma interessante descrição da experiência histórica no contexto de independência do Brasil, ver: ARAUJO, Valdeí Lopes de. “Como transformar portugueses em brasileiros: José Bonifácio de Andrade e Silva”. *Revista Intellectus*, ano 5, v. 1, 2006. Disponível em: [www2.uerj.br/~intellectus](http://www2.uerj.br/~intellectus). ISSN 1676-7640.

<sup>35</sup> CEZAR, Temístocles. “Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen”. *op. cit.*, p. 234.

<sup>36</sup> Para uma breve síntese das discussões recentes acerca da experiência do presente e distância temporal nas reflexões dos historiadores, ver: LEDUC, Jean. *Les historiens et le temps. Conceptions, problématiques, écritures*. Paris: Seuil, 1999, p. 57-90.

<sup>37</sup> Segundo Alice Canabrava: “A tomada de consciência, após a independência política, correspondia ao desabrochar da nação, a qual Varnhagen se propõe projetar em sua inteireza territorial e política. A perspectiva é apreciada quando o regime monárquico atingia sua culminância. As primeiras inspirações, no sentido de escrever uma História do Brasil, surgiam no momento histórico do advento de Pedro II, a concretização da idéia pertenceu aos anos 40 e 50, ou seja, situou-se nas coordenadas do tempo em que o regime monárquico alcançava a estabilidade político-administrativa, firmada a ascendência da classe agrária dominante”. Embora não compartilhe da opinião expressa por Canabrava, no mesmo artigo, acerca do caráter da *Historia geral do Brazil*, definida pela autora como uma obra “político-administrativa”, acredito que sua descrição do contexto em que a *Historia* foi produzida importa à presente à análise. Deve-se assegurar, contudo, que a autora não é a única que assim interpreta o livro de Varnhagen. Cf. CANABRAVA, Alice. “Varnhagen, Martius e Capistrano de Abreu”. In: *III Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros*, Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do

Uma identidade recorrente, a todo momento retomada. Mal encerrara o prefácio, lá estava Varnhagen reintroduzido à *Historia*, logo nas primeiras páginas de sua primeira seção. Falava ele da história de um novo império entre as nações civilizadas:

“[...] Tal é o assumpto da Historia geral do Brazil que nos propomos escrever, se as fôrças nos não faltarem para levar ávante nosso empenho. De mui tenros annos levantámos a essa ardua tarefa nosso pensamento, desejosos de prestar este serviço ao paiz em que nascemos. Começamos por colligir notas e documentos; trabalho improbo que nos consumiu muitos annos; mas que era indispensavel para se apurar a verdade em muitos factos, desconhecidos uns, outros transtornados ou offuscados pelo tempo. Á medida que avançavam proficuamente nossas pesquisas, que encontravamos novos materiaes para o projectado edificio, cobravamos maiores receios, ao conhecer que o mesmo edificio reclamava de dia para dia mais habil architecto; pois que, sem alargar as proporções nem perder de vista a indispensavel condição da unidade, convinha aproveitar bem a crescente profusão de materiaes, e sobretudo ligal-os com não inadequado cimento. Ao antigo projecto da mocidade, seguia-se o desanimo e o abandono de tudo, quando impulso mais poderoso veiu suster nossas locubrações.....”<sup>38</sup>

Philippe Lejeune, depois de definir seu *pacto autobiográfico* como a afirmação, no texto, dessa identidade [a identidade do *nome*: autor-narrador-personagem], diz que: “as formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar *sua assinatura*. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade”.<sup>39</sup> No mesmo texto, Lejeune afirma que “todas as questões de *fidelidade* (problema de “semelhança”) dependem, em última instância, da questão da *autenticidade* (problema da identidade) que gira também em torno do nome próprio”.<sup>40</sup> E desse modo

---

Sul, 1980, p. 215-235 (citação p. 220). Cabe citar a definição de “historia geral” no *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Antonio de Moraes Silva: “é a de um só povo, ou nação, mas incluindo todas as suas idades, e todos os ramos da sua administração, e por isso comprehende a historia politica, religiosa, litteraria, militar, etc.”. SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Quinta edição, aperfeiçoada e accrescentada de muitos artigos novos, e etymologias. Dois tomos. Lisboa: Typographia de Antonio Jose da Rocha, 1844, p. 128 (Tomo segundo).

<sup>38</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil, isto é, do descobrimento, colonisação, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um socio do Instituto Historico do Brazil, natural de Sorocaba*. Tomo primeiro, Rio de Janeiro, em caza de E. e H. Laemmert, 1854, p. 10-11.

<sup>39</sup> LEJEUNE, Philippe. “O pacto autobiográfico”. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. org. Jovita Maria Gerheim Noronha, trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008 [1975], p. 13-47 (citação p. 26).

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.

retorno àquela idéia sugerida na abertura desse item, qual seja, efetuar uma leitura que busca as marcas autobiográficas varnhagenianas na *Historia geral do Brazil*.

Evidentemente, essa hipótese de leitura não deve ser levada em seu sentido literal, até mesmo porque, seguindo Lejeune, a diferença entre os nomes do personagem e do autor exclui a possibilidade de autobiografia, pois há o rompimento da identidade que justifica o *pacto autobiográfico*, e, obviamente, a *Historia geral* possui um número imenso de personagens, mas apenas um autor.<sup>41</sup> Valho-me das revisões que o mesmo estudioso que inspirou esta chave de leitura faz de suas proposições: “Empreguei de fato a palavra autobiografia para designar, no sentido amplo, qualquer texto regido por um pacto autobiográfico, em que o autor propõe ao leitor um discurso sobre si, mas também uma realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta ‘quem sou eu?’ consiste em uma narrativa que diz ‘como me tornei assim’”.<sup>42</sup> Creio que neste percurso até agora traçado, que foi da noção de *identidade narrativa*, indicada por Ricoeur, àquela que define o *pacto autobiográfico* proposto por Lejeune, os paralelos construídos encaminham ao próximo passo: intentar uma aproximação àquela que venho chamando de “identidade historiadora” de Varnhagen.<sup>43</sup>

Um último comentário sobre estes registros autobiográficos mais evidentes na *Historia geral do Brazil*. Se entre o prefácio em que “fala de si” e as seções finais nas quais convoca seu pai a ingressar na história do Brasil Varnhagen constrói temporalidades as mais diversas – como a seguir pretendo analisar – é possível afirmar que são os imperativos do tempo presente oitocentista que se fazem notar. Segundo Reinhart Koselleck, em sua análise antropológica, “o primeiro dado de experiência quando se pergunta pelo tempo dos processos históricos é, portanto, a unidade. Os acontecimentos são vividos em um primeiro momento como surpreendentes e irreversíveis, do que qualquer um tem experiência em sua própria biografia”.<sup>44</sup> Em Varnhagen, como se destacou até aqui, essa experiência está marcada e demarcada no seu *tempo do autor*, isto é, “o momento preciso em que ele escreve. Trata-se do tempo de D. Pedro II, cuja fidelidade e suporte são evidentes no trabalho de Varnhagen, sobretudo na *Historia geral*. Mas é também, o tempo cronológico de sua vida: as etapas de

<sup>41</sup> *Idem, ibidem*, p. 29.

<sup>42</sup> LEJEUNE, Philippe. “O pacto autobiográfico (bis)”. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. op. cit.*, [1986], p. 48-69 (citação p. 54).

<sup>43</sup> Em uma nova visita ao seu texto, datada de 2001, Lejeune dialoga com a noção de Ricoeur: “Hoje sei que transformar sua vida em narrativa é simplesmente viver. Somos homens-narrativas. A ficção significa inventar algo diferente dessa vida. Li Paul Ricoeur (embora, às vezes, tenha dificuldade em compreendê-lo), sei que a identidade narrativa não é uma quimera”. Cf. LEJEUNE, Philippe. “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. op. cit.*, [2005], p. 70-85 (citação p. 74).

<sup>44</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo. Estudios sobre la historia*. Barcelona: Paidós, 2001, p. 36.

sua carreira profissional e de sua vida privada”.<sup>45</sup> É no presente do autor que se institui muitas das demais noções de tempo varnhagenianas, é nele (naquele presente) que se constitui, de maneira irregular, uma identidade e é também lá que uma autoridade própria começa a referir novos começos.<sup>46</sup> Este é o tema do próximo eixo dessa análise.

---

<sup>45</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture del'histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. op. cit.* p. 559-560 (Tomo II, itálico do autor). A noção de *tempo do autor* é sugerida por Cezar.

<sup>46</sup> Ao trabalhar com as contribuições dos estudos sobre a essência da noção de autoridade, de Hannah Arendt e Myriam Revault, Pascal Payen escreve o seguinte: “a noção de autoridade é definida, em todo caso, em relação àquela da fundação, a partir das tradições romana, depois cristã, e em outra com essa de começo: o poder de uma autoridade é de permitir novos começos”. Cf. PAYEN, Pascal. “Introduction. Les Anciens en figures d'autorité”. In: FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal (org.). *Les Autorités. Dynamiques et mutations d'une figure de référence à l'Antiquité*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2007, p. 7-22 (citação p. 8).

## 2. Falar por si, falar de outros: do tempo presente aos tempos passados

O *tempo do autor* de Varnhagen era o tempo de D. Pedro II. Monarquista declarado, como se viu, nos raros momentos em que o historiador remete ao futuro, este fala inarredavelmente em um projeto imperial, ou seja, em um “futuro presente”, ou um “futuro passado”, a depender da perspectiva.<sup>47</sup> Cuidadoso, não perdia a oportunidade de esclarecer junto ao Imperador quaisquer dúvidas quanto à fidelidade política que guardava:

“Não poderia aqui explicar uma a uma todas as razões que tive para dar certos toques, para empregar taes ou taes frases na Historia Geral. Assim v. gr. na pag. 412 (do Tomo 2º) há duas palavras que parecem desfavorecer, e sem embargo estão ahí de intento e depois de muita reflexão. Era necessário começar por não me constituir adulator, para melhor encaminhar commigo o leitor a crer o que logo depois digo em tópicos mais melindrosos e essenciaes à *heroicidade*. Como *chronista* poderei ser mais adulator ou panegyrista, como historiador produziria effeitos negativos. Creio que faço justiça ao Sr. D. Pedro 1º”.<sup>48</sup>

As duas palavras que supostamente desfavoreceriam D. Pedro I, como aponta Claro Ribeiro de Lessa na *Correspondência Ativa* de Varnhagen, seriam “nem sempre grave” e “às vezes caprichoso”. Contudo, o que gostaria de destacar nesse registro explicativo em forma de missiva é a atribuição que o remetente faz ao papel do historiador. Este não é um adulator e seu leitor deveria ser conduzido a acompanhá-lo sob este aparte neste *contrato de leitura*.<sup>49</sup> Acerca disso, cabe lembrar as considerações de Luiz Costa Lima que, retomando Luciano de

<sup>47</sup> No ano de publicação do segundo tomo da *Historia geral do Brazil*, em carta enviada ao Imperador, comentando acerca de seu *Memorial Orgânico*, já citado aqui, escreve Varnhagen: “Sobre este ponto nada mais digo quando V. M. I. sabe tudo, e quando não desconhece que o empenho principal que me guiou a penna do *Memorial Orgânico* foi o de promover desde já com a maior segurança possível a unidade e a integridade do Imperio futuro, objecto constante do meu cogitar”. Cf. Carta a D. Pedro II, Madrid, 14 de julho de 1857. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, *op. cit.*, p. 246 (itálico no original). A expressão “futuro passado” é uma paráfrase àquela de Koselleck. Ao explicitar sua tese sobre o movimento de temporalização da história que, segundo ele, pode ser percebido em uma análise que compreende os séculos XVI e XIX, verifica que as mudanças na hierarquia entre religião e política influenciaram uma nova temporalidade, por sua vez, própria da modernidade. Seguindo o autor, foi-se das profecias à idéia de prognóstico. Se as profecias apocalípticas destruíam o tempo, com os prognósticos o tempo ganha configurações diversas, cabendo àqueles capturar este último. Cf. KOSELLECK, Reinhart. “O futuro passado dos tempos modernos”. In: *Futuro passado*. *op. cit.*, p. 21-39.

<sup>48</sup> Carta a D. Pedro II, Madrid, 14 de julho de 1857. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, *op. cit.*, p. 246-247 (itálicos no original).

<sup>49</sup> De acordo com Paul Ricoeur: “Com efeito, do autor é que parte a estratégia de persuasão que tem como alvo o leitor. É a essa estratégia de persuasão que o leitor responde acompanhando a configuração e apropriando-se da proposta do mundo do texto”. Deve ser mencionado: Ricoeur destaca que, “do mundo do texto” ao “mundo do leitor”, são as variantes da *comunicação* que se estabelece do autor àquele que lê os fatores que determinam, por exemplo, a distinção da narrativa histórica. Cf. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo III*. *op. cit.*, p. 277. O termo ou noção de contrato de leitura é proposto por Philippe Lejeune e será retomado mais adiante.

Samósata e seu tratado intitulado *Como se deve escrever a história* (165 d.C.), ocupa-se dos contatos da retórica com a historiografia antiga. A partir de passagens em que Luciano defende aquela noção de que deve o historiador conhecer a diferença entre o que escreve e o panegírico, afirma Costa Lima: “A crítica veemente a que Luciano submetia os historiadores se tornava mais freqüente porque – outra vez, com a exceção da *Poética* aristotélica – os antigos se contentavam em caracterizar os gêneros poéticos pelo ornamento e pelo seu excesso”.<sup>50</sup> No Oitocentos, o lugar da escrita histórica e os esforços para caminhar da eloquência à crítica convocavam à discussão e agregavam outros pontos abertos pelo “ocaso” da *historia magistra vitae*.<sup>51</sup>

Três anos antes, em contrapartida, Varnhagen retomava outra definição (atenta não ao executor, mas justamente à resolução formal do seu trabalho) através de um *post editum* – uma nota tardia de edição – publicado ao final do primeiro tomo da sua *Historia*:

“Uma coisa é a Historia Geral (ainda quando não resumida) de um Estado, e outra são as actas das suas cidades e villas; os annaes e fastos das suas provincias; as chronicas dos seus governantes; as vidas e biographias de seus cidadãos benemeritos. Aquella não impede que nestas se trabalhe, e em cada qual tem a narração proporções convenientes”.<sup>52</sup>

Tanto os argumentos sobre as propriedades do historiador como os enquadramentos que uma chamada “história geral” deveria ter fazem parte do discurso, ainda que não discutidos em profundidade por Varnhagen.<sup>53</sup> Chama a atenção, através da leitura de sua *Historia*, o quanto eles indicam a necessidade de se estabelecer algumas nuances relativas às questões por que passava a escrita da história no Brasil do século XIX, já intermitentemente retomadas ao longo da presente análise. Ser historiador, escrever a história: um ofício e práticas

<sup>50</sup> LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 96. O autor propõe uma leitura da questão retórica tendo por base, além do texto de Luciano, escritos de Cícero, Aristóteles, Dionísio e Quintiliano, além de leituras modernas.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 120-125. Não é demais citar o comentário de Varnhagen, no prólogo à segunda edição da *Historia geral*, em 1877: “Cada dia nos convencemos mais de que a historia é um ramo da critica, não da eloquencia [...]”. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª Ed. Integral. *op. cit.*, sem ano [1877], p. XII.

<sup>52</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil, op. cit.*, 1854, p. 478.

<sup>53</sup> De acordo com José Honório Rodrigues, ao inventariar os gêneros históricos na história do Brasil: “A história geral desde Frei Vicente do Salvador, Rocha Pitta, Abreu e Lima, Rio Branco, Galanti, Rocha Pombo até Pedro Calmon, afora as estrangeiras e a didática (especialmente os mais representativos, José Pedro Xavier Pinheiro, J. M. de Macedo e João Ribeiro) constitui capítulo da nossa história da historiografia brasileira”. Cf. RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil – Introdução metodológica*. 1º volume, 2ª edição, revista, aumentada e ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p. 190.

consideravelmente pouco precisos, ao menos nos moldes e no contexto a partir dos quais Varnhagen pretende desenvolver o seu trabalho.<sup>54</sup>

Encontrar as devidas proporções de uma História Geral não parecia ser tarefa de fácil resolução, apesar de Varnhagen dar indicações de possuir nítidas concepções. Além do assumido enlace ao poder imperial, que emerge nos textos de historiador de maneira ampla, a então recente movimentação disciplinar da história, ao mesmo tempo em que legitimava, acabava por criar incongruências e limitações. Atas, anais, crônicas e biografias fazem parte dos interesses de Varnhagen, mas em nada disputam com a grande obra dedicada ao Imperador. A *Historia* é outra coisa. O historiador deve dominar e ser capaz de atribuir, na leitura ou escrita dessas formas narrativas, “proporções convenientes”. Diferentemente da antiga marcação instauradora no salto dos anais à escrita da história, associada à Cícero, não significava ir de uma a outra fórmula, mas dominá-las sob um novo regime.<sup>55</sup>

Já em 1843, uma década antes da primeira edição da *Historia geral*, ao comentar de suas pesquisas nos arquivos da Torre do Tombo com seu amigo Januário da Cunha Barbosa, dizia Varnhagen: “Lá virá tempo em que eu não tenha arquivos e então o organizar dos documentos, a redação histórica será o meu cuidado. – Estes documentos soltos não os quero enviar por que é necessário para terem curiosidade mesmo na Revista unil-os e combinal-os em doutrinas que façam tal ou qual corpo”.<sup>56</sup> Ora, a partir da opinião citada, é possível observar que o ofício do historiador, se deveria dar conta da ordenação dos recursos documentais, não se resumia a tal atividade. A “curiosidade” da história não está simplesmente nos documentos, mas na ordem que lhe é dada pelo historiador.

---

<sup>54</sup> Tal qual ressalta Taíse Silva: “Como paradigma dos problemas que envolvem a tarefa historiadora no século XIX Varnhagen alude à problemática da indefinição do estatuto de suas práticas, estando ele como historiador mais próximo do que chamaríamos contemporaneamente de literato ou erudito. [...] Sua *História geral* configuraria uma narrativa caleidoscópica, a partir da qual é possível agrupar e reagrupar diversos elementos, formando imagens de uma *História*, a cada leitura, diversa de si mesma”. Cf. SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. “A erudição ilustrada de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1877) e a passagem da historiografia das belas letras à história nacional: breve análise histórica”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 114-136 (citação p. 115).

<sup>55</sup> Em *Do Orador*, redigido em 55 a.C., falava Cícero: “Pois a história não era mais que a confecção de anais. Com esse objetivo e para guardar a memória oficial é que, do começo dos acontecimentos e Roma até o pontífice máximo Públio Múcio, o pontífice máximo punha por escrito todos os acontecimentos de cada ano e escrevia-os numa tábua branca que expunha em sua casa, para dar ao povo a possibilidade de conhecê-los: é o que ainda se chama de grandes anais”. Apud. HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 145. Conforme Hartog, “A história sai dos anais, que não são mais que o desenvolvimento da primeiríssima crônica elaborada pelo pontífice máximo. [...] Porque o pontífice? Porque ele era, por sua função, um mestre do tempo: do mesmo modo que fixava o calendário, tinha ‘o poder de preservar em sua *tabula* a memória dos acontecimentos’ [...]”. *Idem*, p. 180. Ver: LE GOFF, Jacques. “Calendário”. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. trad. Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Universidade Federal de Campinas Unicamp, 1994, p. 485-533.

<sup>56</sup> Carta ao Cônego Januário da Cunha Barbosa. Lisboa, 14 de março de 1843. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa, op. cit.*, p. 103.

De todo modo, Varnhagen não esteve isento da crítica que ele mesmo direcionava àqueles que o precederam no que tange à definição do que viria a ser, formalmente, o registro escrito produzido pelo historiador. Capistrano de Abreu, segundo Maria da Glória de Oliveira, veria resquícios de crônica em Varnhagen. Desprezar a forma da crônica foi um gesto que atravessou o século.<sup>57</sup> Conforme sugere a autora, “o que parece estar em questão no rechaço à crônica, presente tanto no plano de Martius quanto na crítica de Capistrano a Varnhagen, é o problema da adequação deste modo de escrita a uma representação especificamente ‘histórica’ do passado. Em ambos, a depreciação deste gênero de relato justifica-se pela sua incapacidade de conferir coerência, unidade e inteligibilidade aos acontecimentos narrados”.<sup>58</sup>

Uma última observação, que remete à abertura deste segundo ponto da análise e deve encaminhar aos dois próximos que se seguem e constituem o foco dessa Parte II: a biografia na economia do texto da *Historia geral do Brazil*. Ela, a biografia, outro dos gêneros citados por Varnhagen como instrumento de comparação na definição de sua obra, é citada na última seção efetivamente narrativa dessa, onde a figura de Pedro I encerra a *Historia* com a transcrição de uma carta por esse escrita quando de sua abdicação, em 1831, três anos antes de vir a falecer.<sup>59</sup> Anuncia Varnhagen: “Paremos por em quanto aqui. A independência e o imperio ficam proclamados; e este com bandeira, escudo d’armas, ordem de merito, laço e hymno nacional”.<sup>60</sup> Na seqüência, alega o historiador que o término de sua narração dava-se naquele ponto em função dos limites documentais e dos “resguardos que se devem aos vivos [e que] pediriam uma redacção que não ataria bem com a imparcialidade que guardamos pelo passado”.<sup>61</sup> Ainda comenta que embora não atreva-se a avançar no tempo em uma história

<sup>57</sup> Ver o interessante estudo de Eduardo Sinkevisque sobre a obra de Rocha Pita, onde busca escapar e fazer a crítica da recepção romântica oitocentista desse autor. Cf. SINKEVISQUE, Eduardo. “Breve relação sobre o Tratado Político (1715) de Sebastião da Rocha Pita ou uma notícia dividida em quatro anatomias”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, São Paulo: Unicamp/IEL, n. 36, 2º semestre, 2000.

<sup>58</sup> Esta análise da crítica de Capistrano de Abreu à escrita varnhageniana constitui uma excelente abordagem historiográfica dessa questão. OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. op. cit., p. 76-86 (citação p. 78).

<sup>59</sup> Para uma interessante análise de contexto desse período em que a obra de Varnhagen é interrompida, ver: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. “Portugueses ou brasileiros?”. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 65-119.

<sup>60</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil*. op. cit., 1857, p. 442.

<sup>61</sup> *Idem*. Nesta passagem, Varnhagen anuncia que se prepara para a redação de uma história geral dos primeiros anos do império, que se confirmou com sua póstuma *História da Independência*, só publicada pela primeira vez no ano de 1916, na *Revista do IHGB*. Ver: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “História da Independência do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metropole, compreendendo, separadamente, a dos successos occorridos em algumas provincias até essa data”. *Revista do IHGB*, 1916/1917, 79, p. 5-598. As características particulares relativas aos testemunhos que serviram ao historiador na elaboração dessa obra merecem uma análise particular. Eliete Tiburski desenvolve atualmente, no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, uma dissertação de mestrado intitulada *Gonçalves de Magalhães e Francisco Adolfo de Varnhagen: a constituição de uma história do tempo presente no século XIX* na qual se dedica a analisar o referido trabalho

contemporânea, “não nos despedimos de a seguir estudando, colligindo novos materiaes para ella, e desde já escrevendo algumas biographias de individuos fallecidos, e cuja vida nem apresente pontos melindrosos, nem careça de todo de futuros esclarecimentos”.<sup>62</sup> Assim, o último personagem da *Historia geral* não ganharia ali uma biografia, mas uma “modesta *Chronica de D. Pedro I*”.<sup>63</sup> Portanto, gêneros tais, história geral e biografia, guardavam seus relevos efetivamente diversos. Da mesma forma, pode-se inferir que se a história não poderia resumir-se à crônica (ou seja, às reduções apressadas e desvinculadas de seu contexto), tampouco o gênero biográfico, em casos determinados, seria merecedor desse tratamento por parte do pesquisador.

Ademais, quem seriam, enfim, os biografados dessa *Historia*? Entre os tantos nomes citados na obra, quais aqueles que receberiam tratamento biográfico, isto é, mais que uma menção, teriam suas vidas incorporadas à história do Brasil projetada por Varnhagen? Quais as dimensões biográficas da mesma e a que estariam elas relacionadas? Afinal, depois de iniciar esse estudo partindo do final – ainda que tenha pretendido, a todo momento, ligar o começo e o fim da obra ao seu presente, aquele do seu autor – proponho-me a perseguir, na temporalidade definida por Varnhagen, alguns significativos episódios biográficos, a meu ver, decisivos na compreensão de sua “identidade historiadora” e do contrato de leitura, parafraseando Philippe Lejeune, que aquele propõe ao leitor. De acordo com Lejeune, a análise que definiria a autobiografia, seu objeto de estudo, “é tanto um modo de leitura quanto um tipo de escrita, é um *feito contratual* historicamente variável”.<sup>64</sup> Lejeune destaca que as variações temporais de códigos que orientam qualquer leitura, tais como o nome do autor, os títulos e os subtítulos, assim como os prefácios, entre outros, exigem uma análise histórica, sem a qual a problemática da autobiografia e de suas fórmulas correlatas (a biografia é uma delas) não poderia ser devidamente trabalhada. E é aqui que me distancio parcialmente deste uso instrumental que fiz da noção de pacto autobiográfico.

---

póstumo atentando, entre outros aspectos, às peculiaridades da produção de uma história do tempo presente e suas implicações no Brasil do século XIX. É interessante observar, ainda, que no prefácio da *História da Independência* Varnhagen pontua novamente a diferença de gênero narrativo que tomei como fio condutor parcial para chegar às inserções biográficas na *Historia geral*. Nesse prefácio, escreve o autor: “Quanto ao methodo adoptado na exposição, foi a propria experiencia que no-lo aconselhou. Não escrevemos annaes, escrevemos uma Historia, e os saltos continuados a uma e outra provincia, deixando interrompido o fio dos successos importantes e capitaes, produzia confusão e não permittia que os proprios das provincias fossem convenientemente explicados”. *Idem*, p. 28. Para uma análise dos problemas que envolviam a escrita de uma história contemporânea no Brasil do Oitocentos, ver: CEZAR, Temístocles. *L’écriture del’histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen*. *op. cit.* p. 62-100 (tomo I).

<sup>62</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil*. *op. cit.*, 1857, p. 442.

<sup>63</sup> *Idem* (itálico no original).

<sup>64</sup> LEJEUNE, Philippe. “O pacto autobiográfico”. *op. cit.*, p. 46 (itálico do autor).

O objetivo dos próximos dois eixos dessa exposição é menos o de destacar o nome do autor e sim investigar como este, convertido em narrador, opera as noções de tempo que deslocam os personagens da *Historia geral do Brazil* para outros períodos históricos que não o presente oitocentista. Quebrar o pacto autobiográfico e retomar a noção oferecida por Ricoeur, perseguir a *identidade narrativa* varnhagueniana, que passa a contar as vidas de outros personagens. Agrego, por ora, às indagações supracitadas as seguintes: que diálogos podem ser estabelecidos entre as dinâmicas da operação historiográfica de Varnhagen e os episódios eminentemente biográficos de sua principal obra? Quais as noções de autoridade que configuram as construções biográficas dessa e, simultaneamente, instauram personagens históricos e, por conseguinte, marcos e eventos sob noções temporais, ou seja, representações do passado? Usos da biografia ou abusos de uma historiografia comprometida com a política? Ou melhor, para encerrar, escolhas disciplinares ou jogos com a memória?

## 2.1 *Ver e dizer* – evidência, tempo e autoridade

O Brasil foi descoberto por Vasco da Gama.<sup>65</sup> Pedro Álvares Cabral o acompanhava, mas o verdadeiro mérito pertenceria àquela figura na *Historia geral do Brazil*: “Desta fôrma a Vasco da Gama, que dirigiu os rumos dos pilotos de Cabral, é que se deve verdadeiramente o feliz achamento desta terra, – achamento, que, se não se effectuára por esta primeira expedição que o seguiu, não poderia deixar de ter logar num dos annos immediatos, desde que a navegação da India se tornou frequente”.<sup>66</sup> Assim o Brasil lançava-se como espaço na imagem que o personagem ajudava a criar.<sup>67</sup> Como se dava esse movimento? Lúcia Maria Paschoal Guimarães comenta que, reconhecendo os interesses comerciais da dinastia de Avis em relação ao comércio de especiarias, o autor da *Historia geral* demarca o papel de Vasco da Gama, “hipótese que é comprovada por um testemunho até então inédito, a que Varnhagen tivera acesso nas pesquisas que realizou na Torre do Tombo: as *Instruções* de viagem do capitão-mor Pedro Álvares Cabral”.<sup>68</sup> A autora conclui ainda que “a fonte revela que os rumos dos pilotos da frota fora traçado de acordo com a recomendações circunstanciadas de Vasco

<sup>65</sup> Para uma contextualização do período: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. “Conquista e colonização da América Portuguesa”. In: LINHARES, Maria Yeda. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996, p. 15-77.

<sup>66</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil*. *op. cit.*, 1854, p. 17.

<sup>67</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “O espaço habitado”. In: *A memória, a história, o esquecimento*. *op. cit.*, p. 156-162.

<sup>68</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Francisco Adolfo de Varnhagen. História geral do Brasil”. In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Um banquete no trópico 2*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 77-96 (citação p. 81).

da Gama, em última análise o grande responsável pela formidável descoberta”.<sup>69</sup> De fato, o processo de inserção do personagem, como em muitos outros casos presentes na obra, é justamente esse: determinado documento encontrado poderia vir a decidir o ingresso de um nome à história ou estimular seu esquecimento. Entretanto, não é possível afirmar que Gama seja um exemplo de biografado no texto da *Historia geral*. Não resta a menor dúvida de que compõe um argumento e uma importante marcação da obra, mas o que supõe uma biografia, isto é, a prática de narrar uma vida, não corresponde ao espaço que a ele se garante.

Em meio a vastidão de nomes inseridos nas páginas, são as interpolações eminentemente biográficas que serão objeto da presente leitura a partir de agora. Quem seriam aqueles cujas vidas compreenderiam as “proporções convenientes” que os esquadros varnhagenianos ajuizavam para sua *Historia*, além de seu pai? Um primeiro exemplo, sem dúvida, seria Américo Vespúcio:

“Amerigo Vespucci, que, segundo ha pouco vimos, acompanhou a primeira destas expedições que correram para loeste a parte septentrional da nossa costa, e que depois visitou por duas vezes o littoral, desde o cabo de S. Roque para o sul, foi naturalmente o primeiro europeu que navegou por toda a extensão da fronteira marítima do actual imperio do Brazil, e foi tambem o primeiro que por si proprio se inteirou da grande extensão continental que hoje se chama America do Sul, e que sem injustiça se poderia chamar *America*, como os geographos, estranhos á Hespanha e á patria daquelle navegador, propozeram [...]”.<sup>70</sup>

O interesse de Varnhagen e os registros das suas incessantes pesquisas sobre a vida e os trabalhos de Vespúcio levam a discussões que guardam polêmicas e dúvidas historiográficas que adentraram o século XX e fazem parte de uma história da historiografia.<sup>71</sup> Ter sido o primeiro a costear o território brasileiro garantia ao viajante a inserção de sua vida na temática

<sup>69</sup> *Idem*.

<sup>70</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 26-27.

<sup>71</sup> RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. Alguns trabalhos do historiador sobre o tema: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Amerigo Vespucci. Son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie et ses navigations, avec une carte indiquant les routes*. Lima: Imprimerie du Mercurio, 1865; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails, par F. A. de Varnhagen*. Vienne: chez les Fils de Carl Gerold, 1869; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin et le reste des documents et éclaircissements sur lui. (Avec les textes dans les mêmes langues qu'ils ont été écrits par FAV)*, 1869; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Ainda Amerigo Vespucci: novos estudos e achegas, especialmente em favor da interpretação dada a sua primeira viagem em 1497-98, as costas do Yucatan e Golfo Mexicano*. Vienna, Imprensa di filho de Carlos Gerold. Edição por conta do A. 1874. Agradeço à Marina Corrêa da Silva de Araujo o auxílio com essas informações.

da “descoberta do Brasil”. No entanto, ele não seria um mero “dado” levantado das fontes disponíveis, mas um personagem a ser construído na grande narrativa sobre o Brasil:

“Amerigo Vespucci, de simples socio de uma casa de commercio que era, chegou, por sua habilidade e applicação, a cosmographo ou a engenheiro cosmographo, como hoje diriamos; o, no sentir do grande Colombo, que se mostra seu amigo, era homem honrado. Não vemos, pois, justas razões para nos conspirarmos tanto contra o nome que o uso adoptou, no intento de designar a companheira da bella Europa, da Asia opulenta, e da adusta Africa. Os que se rebellam, clamando contra a injustiça deste nome, e accusando a memoria do homem intelligente e activo, que prestou importantes serviços á civilização, commettem nesse mesmo acto de rebeldia outra injustiça; e quando querem que os contemporaneos conquistem o nome de *Colombia* para a quarta parte da terra, propõem, não diremos com alguns que uma utopia, mas quem sabe se uma nova injustiça. Sabemos que o nome dado áquellas terras pelo ousado Genovez foi de *Indias*, ao qual Castella accrescentou depois a qualificação de *occidentales*. E a designação de Indias Occidentales nos perpetuaria melhor a obra de Colombo, e o seu genio perseverante numa grande idéa, e lembraria continuamente á humanidade como deve ella respeitar o engenho, ainda em seus grandes erros; porquanto destes se pode tanto chegar á verdade, como ao conhecimento della se chega, nas sciencias exactas, partindo ás vezes de hypotheses gratuitas”.<sup>72</sup>

Vespúcio era um homem honrado. À primeira vista uma simples avaliação moral do biografado, em seguida o historiador explicitava o motivo para a nada lacunar exposição de seus traços pessoais e méritos de ofício. Mais que um breve retrato ou crônica de uma existência, a biografia de Vespúcio fazia parte de uma questão historiográfica. Em última análise, o registro narrativo de uma correção cronológica, um esforço no sentido da busca pela “verdade” e de dar limites à “injustiça” histórica. Reconstruir o percurso do personagem era um meio de atingir tais pretensões. Por outro lado, não se tratava de restringir sua presença à ordenação temporal da *Historia geral do Brazil*. As pesquisas sobre Cristovão Colombo e Américo Vespúcio constituíam um campo de interesse particular de Varnhagen, que se concretizaram, como apontou Clado Ribeiro de Lessa, em monografias publicadas na década de 1850, período em que aquele atuou diplomaticamente em Madri, e se desdobraram em outras publicações nas duas décadas que se seguiram.<sup>73</sup>

Além disso, há uma questão de fundo na inserção biográfica ora tratada, a meu ver, importante. Arno Wehling, antes de tentar uma classificação sistemática da vasta obra de

<sup>72</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil*, op. cit., 1854, p. 27-28.

<sup>73</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*, op. cit., p. 84.

Varnhagen, cita Sílvio Romero (1851-1914), que insere esses trabalhos sobre as viagens de descobrimentos no campo das pesquisas sobre a “História Geográfica da América”.<sup>74</sup> Wehling sugere uma outra ordenação, segundo ele, mais abrangente em relação àquela criada pelo crítico sergipano, na qual, entre os trabalhos históricos varnhaguenianos, poderia-se supor conteúdos para seções de “obras de abordagem política e geo-políticas” e “edições críticas de documentos históricos”, onde certamente estariam relacionadas as análises sobre Vespúcio.<sup>75</sup> Neste sentido, Temístocles Cezar, ao investigar as relações entre história e geografia no Brasil do século XIX, destaca o problema que se impunha no referente às fontes que legitimariam o saber geográfico no período. “Da mesma forma que para a produção historiográfica e literária, a geografia não pode deixar de considerar os textos de viagem como fontes. Ela encontra neles os primeiros traços, rotas, desenhos, indicações morfológicas e climáticas da superfície do Brasil, marcas – reais ou naturais, supostas ou simplesmente inventadas – das divisões de fronteira”.<sup>76</sup> Seguindo essas observações, não é demais reforçar que a construção desse saber guardava enfáticos interesses políticos e, assim, não poderia operar apenas em âmbito nacional.<sup>77</sup>

Considerando a conjugação de questões como as que foram mencionadas e, especialmente, partindo do próprio texto da *Historia geral*, em sentido mais amplo, pode-se dizer que o espaço biográfico garantido a Vespúcio envolve aspectos um tanto mais diversos. Não restam dúvidas de que a admiração de Varnhagen teve algum peso em sua incorporação, mas creio ser oportuno matizar, por exemplo, a idéia de que seria ela uma simples exceção ao estrangeiro no conjunto da obra, em meio ao “desfile dos heróis portugueses”, como interpreta José Carlos Reis.<sup>78</sup> Afirma o autor: “Varnhagen, Cabral em terra, põe então, retoricamente, a

<sup>74</sup> WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 50.

<sup>75</sup> *Idem*.

<sup>76</sup> CEZAR, Temístocles. “A geografia servia, antes de tudo, para unificar o Império. Escrita da história e saber geográfico no Brasil oitocentista”. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, 2005, p. 79-99 (citação p. 89). Cezar, tratando de Varnhagen, comenta, ainda, que este, “antes de se tornar historiador profissional hesitava entre a história e a geografia”. *Idem*. Ver também: CARLOS, Lilian Beatriz. *Uma relação a dois: a história e a geografia nos primeiros anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Dissertação de mestrado em história. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

<sup>77</sup> Aponta Manoel Guimarães, ao analisar a produção do IHGB: “Se pensarmos que, num momento de constituição da Nação, também a definição de sua identidade físico-geográfica é parte do projeto mais amplo, podemos entender o porquê de o instituto reservar espaço tão amplo ao tratamento do assunto”. Cf. GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27 (citação p. 23).

<sup>78</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 38. Segundo Francisco Iglésias, ao comentar os trabalhos de Varnhagen: “Trata não só da história de seu país como de temas que o apaixonam – Américo Vespúcio e suas viagens, sobre o qual publicou vários pequenos títulos, folhetos ou artigos”. Cf. IGLÉSIAS, Francisco. *Os historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000, p. 80.

questão de sua propriedade: pertencia aos portugueses? E responde: pertencia, sim, desde 1494, isto é, antes de ter sido descoberta, pelo Tratado de Tordesilhas, assinado por portugueses e espanhóis diante do papa. Varnhagen até reconhece que não foi Cabral o primeiro a ter chegado ao Brasil. Ele foi precedido por alguns navegantes espanhóis: Américo Vespúcio, Vicente Pinzon, Diogo de Lepe. Entretanto, a vinda desses não tivera consequências”.<sup>79</sup> É inegável a noção de tempo histórico defendida por Varnhagen, aquela que liga um passado supostamente brasileiro à história portuguesa.

Contudo, em que implicava, do ponto de vista do discurso sobre o conhecimento histórico da época, estudar e dar a conhecer as viagens que antecederam à tomada territorial levada a cabo pelos portugueses? Não estaria aí comprovada, apesar dos mais evidentes interesses políticos envolvidos, um alargamento da concepção espaço-temporal do campo da pesquisa histórica em formação no Brasil e suas trocas com outros saberes?<sup>80</sup> Conhecer Vespúcio, para Varnhagen, parece ser um meio de, paralelamente, dar conta de uma descrição histórico-geográfica – que certamente não era tão óbvia como, em retrospecto, pode parecer – e de um âmbito de investigações que por vezes não se conformavam em responder às restrições de uma imprecisa idéia de nação e de história nacional. Tal como François Hartog introduz sua discussão acerca de uma retórica da alteridade nas *Histórias* de Heródoto:

“Dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*. Por exemplo, existem gregos e não-gregos. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema. Não se tinha antes senão uma pura e simples não-coincidência. Daí para frente, encontramos desvios, portanto uma diferença possível de ser assinalada e significativa entre os dois termos. Por exemplo: existem gregos e bárbaros. Desde quando a diferença é dita e transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita. Começa então esse

<sup>79</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. op. cit.*, p. 38-39.

<sup>80</sup> Paul Veyne, questionando os limites que se auto-impuseram os historiadores no que tange às unidades de tempo e lugar, comenta os exemplos dos pesquisadores da geografia. Conforme Veyne, ao condicionarem-se a tais unidades, aqueles acabaram por se tornar vítimas de uma história contínua e factual. Em suas palavras: “O abandono das unidades dá, à história, uma liberdade de corte, de criação de *itens* novos, que é uma fonte de renovação infinita. Devemos, mesmo, desejar que a história contínua se torne a parte menor da história, ou não seja senão o quadro de trabalhos de erudição. Com efeito, se as unidades de tempo e lugar são abolidas, a unidade do enredo torna-se o essencial; ora, é raro que os cortes tradicionais forneçam enredos coerentes e interessantes. Os geógrafos renunciaram, há muito, a recortar as regiões de acordo com as fronteiras políticas; dividem-nas em função de critérios legitimamente geográficos”. Cf. VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 231. Pedro Moacyr Campos introduz seu apêndice à obra *Iniciação aos estudos históricos*, de Jean Glénisson, dedicado à historiografia brasileira, tratando dessa questão, em meados do século passado (em termos diferentes daqueles levantados por Veyne). Ver: CAMPOS, Pedro Moacyr. “Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX”. In: GLÉNISON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. trad. Pedro Moacyr Campos. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1983, p. 250-293.

trabalho, incessante e indefinido como o das ondas quebrando na praia, que consiste em levar do outro ao próprio”.<sup>81</sup>

Por diversos motivos, Vespúcio não está casualmente inserido na *Historia geral do Brazil*. Narrar sua vida e suas viagens, assim como fazer a análise crítica de suas cartas e defender seu pioneirismo, significava circunscrever e ocupar, simultaneamente, um período histórico e um círculo de discussões eruditas sobre a temática das navegações. Desta maneira, a partir das considerações de Hartog: “Descrever é ver e fazer ver mas, muito rapidamente, a consideração da descrição como presença do taxonômico na narrativa leva-nos a ajuntar que descrever é também saber e fazer saber – ou ainda, fazer ver um saber. Mas, no interior de uma narrativa particular, a descrição tem ainda uma outra função. Esse saber que ela faz ver não se encontra justaposto à narração dos acontecimentos, pois a descrição tem sua eficácia na própria narrativa”.<sup>82</sup>

\*\*\*

Depois do navegador, chega-se a outro importante episódio biográfico: aquele que envolve os irmãos Martim Afonso e Pero Lopes de Sousa. Anteriormente expus a análise dos textos biográficos publicados na *Revista do IHGB*, quando intentava propor respostas à indagação relacionada aos usos da biografia na constituição de fontes e demarcação dos arquivos em Varnhagen. Agora, a proposta é visualizar por onde se expandem essas vidas na *Historia geral*:

“Para commandar esta fôra escolhido Martim Affonso de Sousa, que ao depois se fez celebre na Asia, obrando prodigios de valor. Contava então apenas trinta annos; mas ja por seu juizo havia merecido a honra de fazer parte dos conselhos do rei. A amizade e o parentesco que com elle tinha o védor da Fazenda D. Antonio de Attaide, depois conde da Castanheira, deviam contribuir muito para a escolha; mas quem como nós teve a occasião de conhecer tão cabalmente o dito Castanheira, por toda a sua correspondencia privada e de officio, incluindo a que ao depois por annos entreteve com o mesmo Martim Affonso em serviço na Asia, não póde, por um só instante, suspeitar que, no animo do conde, a amizade preponderasse ao zelo pelo Estado, tratando-se de um empregado deste. Além de quê, não era o conde da Castanheira exclusivo no conselho; – e não se atreveria a fazer ao Soberano

<sup>81</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 229.

<sup>82</sup> *Idem*, p. 270.

qualquer recommendação, quando não tivesse o apoio de Antonio Carneiro, e de Pedro d’Alcaçova Carneiro, que eram tambem ministros mui influentes no Estado”.<sup>83</sup>

Essa passagem corresponde à apresentação de Martim Afonso no texto de Varnhagen. Chama a atenção como este constrói o personagem, a princípio, através das cartas de Castanheira, em contraposição ao que se sabe acerca do histórico profissional do dito biografado. Neste caso, tendo por base a leitura da biografia que fora publicada em 1843 na *Revista do IHGB*, pode-se perceber algumas diferenças entre um texto exclusivamente biográfico e aquele de uma história geral. Depois de breves apontamentos cronológicos nas páginas do periódico, rematados por notas de rodapé – como foi visto anteriormente – e singelos elogios de caráter mais pessoal apenas ao final da notícia, aqui a figura de Martim Afonso é construída e convocada de maneira diferente. Usando menos fontes e tendo como argumento de autoridade a opinião de Castanheira, na *Historia geral* ele não faz mais que assegurar seu cargo público e, no fundamental, a feliz situação de ser irmão de um importante escritor coetâneo aos acontecimentos:

“Com Martim Affonso vinha tambem nesta armada seu irmão Pero Lopes de Sousa, moço honrado e de grandes brios e valor, e igualmente muito bem conceituado perante o mesmo conde de Castanheira. Á penna de Pero Lopes devemos hoje tudo quanto de mais averiguado sabemos dessa expedição, que se apresentou diante do Cabo de Santo Agostinho no ultimo Janeiro de 1531, depois de haver tido alguns dias de demora, para se refazer de mais mantimentos, na Ribeira grande, porto da cidade capital do archipelago de Cabo Verde”.<sup>84</sup>

Não é sem razão que ambos merecem aprofundamentos pessoais. Personagens de Varnhagen, mais que isso, em função do diário de navegação de Pero Lopes, localizado, criticado e publicado pelo primeiro, com suas respectivas notícias biográficas, eles ajudam a narrar um período que, de acordo com o visto até aqui, tornou-se conhecido e reconhecido pela publicação de Varnhagen, ocorrida em 1839. Incluir detalhes de suas personalidades ganha, assim, múltipla relevância. A primeira delas, aprimorar a demonstração da fonte. A citação de uma das cartas trocadas entre Castanheira e Martim Afonso, que vem em nota de rodapé na obra, indica mais uma:

<sup>83</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 44.

<sup>84</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 45.

“A Martim Affonso escrevia de Pero Lopes o C. da Castanheira, em 1538: “Pero Lopes, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos affirmo muito honrado. E digo vo-lo assim porque póde ser que por sua pouca idade vos pareça que terá bons principios, mas que não sera ainda de todo bem assentado nisso, como vo-lo eu aqui digo que é ainda menos do que o que delle cuido”<sup>85</sup>.

Pode-se dizer que sublinhar as virtudes de Pero Lopes corresponderia a valorizar, mais uma vez, a preciosa fonte publicada, principal recurso para o estudo da primeira grande expedição portuguesa do período quinhentista em sua colônia. Neste sentido, anuncia-se mais uma das pertinências biográficas, pois a exploração do documento projeta os biografados ao que se pode considerar o limite entre as remissões pessoais e o conjunto temático de determinada seção.

“Para não deixarmos de aproveitar a minima eventualidade no pouco que sabemos do que então se passou nesta paragem, cujas menores circunstancias hoje interessam a todo o Imperio, transcreveremos fielmente quanto nos transmittiu um dos nautas, que logo veremos donatario de Itamaracá, Santo Amaro e Santa Catharina. É Pero Lopes quem prosegue, em seu estylo, tão ingenuo como pittoresco: ‘Como fomos dentro (da bahia de Janeiro) mandou o capitão (Martim Affonso) fazer uma casa forte com cerca por derredor; e mandou sair a gente em terra e por em ordem a ferraria, para fazermos cousas de que tinhamos necessidade [...]’<sup>86</sup>.

E segue-se a este excerto a longa citação das passagens do diário. Pero Lopes é criticado em seu estilo, e é sob as observações frequentes que suas intervenções ocupam lugar na *Historia* de Varnhagen. É por seu relato que se conhece as movimentações em meados do século XVI. Todavia, é a narração varnhagueniana que convida o leitor a *ouvir* e *ver* por meio do personagem:

“Foi a aldeia de Piratininga que Martim Affonso escolheu para fundar a colonia ou a villa sertaneja, cujo governo militar confiou a João Ramalho, com o pomposo titulo de guarda-mór do campo. Eis a origem europea da actual cidade de São Paulo. Ouçamos agora o que nos diz Pero Lopes de Sousa, testemunha de vista durante os primeiros quatro mezes de vida das ditas duas colonias: ‘Repartiu o capitão mór a gente nestas duas villas, e fez nellas officiaes; e poz tudo em boa ordem e justiça; do que a gente toda tomou muita consolação, com verem povoar villas, e ter leis e sacrificios, celebrar matrimonios e

<sup>85</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 45, nota 2.

<sup>86</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil, op. cit.*, 1854, p. 49.

viver em comunicação das artes; a ser cada um senhor do seu; e investir as injurias particulares; e ter todos os outros bens da vida segura e conversavel'. Nestas poucas palavras se encerram os pontos capitaes respectivos a qualquer sociedade constituída. Vemos as colonias e as suas competentes autoridades; vemos o reconhecimento das leis; vemos as praticas, assim do que respeita ás consciencias, pelas ceremonias dos sacrificios religiosos, como ao estado social pela celebração dos matrimonios; vemos garantida a segurança individual e a propriedade, e sem valhacouto as tropelias e injurias. Para nada faltar, como bem essencial na vida 'segura e conversavel', diz-nos Pero Lopes que ja viviam os colonos em 'comunicação das artes'".<sup>87</sup>

São vestígios da crônica que permeiam a *Historia geral* e atuam em uma dupla tarefa: atribuir à narrativa a *cor local* da época, porém, em especial, autenticar a pesquisa documental que favoreceu a feitura da obra.<sup>88</sup> A cor local seria, assim, um meio de, pela narrativa, "viajar no tempo", deslocar o leitor para o período desenhado na escrita em suas propriedades particulares. Esta é uma noção importante para se pensar o gênero biográfico na escrita da história oitocentista, pois, como aponta Alice Gérard, muitos dos historiadores narrativistas citados acima refletiram sobre a idéia de grande homem e seu papel na representação exposta em seus escritos. Para citar alguns comentários de Gérard, Thierry simpatizava com as vítimas da história, Cousin, por sua vez, afirmava que os vencidos sempre haviam errado e nomes como Guizot e Barante defendiam a liberdade individual contra o fatalismo absoluto. Ou seja, alterações na maneira de se escrever a história traziam à baila os debates acerca do lugar do grande homem e suas formas de descrição e participação.<sup>89</sup>

Desta maneira, "para reproduzir a cor, o historiador deve se submeter a uma outra exigência (que se torna uma característica da narrativa científica moderna): aceitar apagar a si mesmo como autor".<sup>90</sup> Sem dúvida, esta não é uma característica preponderante da narrativa verificada na *Historia geral*. Varnhagen não anula seu lugar de narrador mesmo em meio ao

<sup>87</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 56.

<sup>88</sup> Como explica Temístocles Cezar: "Derivada da técnica pictorial do século XVII, associada de um modo ou de outro às metáforas provenientes dos domínios da pintura, do desenho, da paisagem, a *cor local* é um recurso narrativo que encontra suas primeiras teorizações no contexto do romantismo e do romance histórico. Walter Scott (1771-1832), René Chateaubriand (1768-1848), Augustin Thierry (1795-1856), Prosper Barante (1782-1866) e Victor Cousin (1792-1867) são referências importantes desse movimento". Cf. CEZAR, Temístocles. "Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX". *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, 2004, p. 11-34 (citação p. 20).

<sup>89</sup> GÉRARD, Alice. "Le grand homme e la conception de l'histoire au XIX siècle". *Romantisme*, n. 100, 1998-2, p. 31-48. Ressalto que as relações estabelecidas neste ponto dizem respeito apenas aos autores citados por Cezar e Gérard. Como já foi dito anteriormente, não há, em Varnhagen, uma caracterização precisa do que viria a ser o grande homem e nem mesmo é o caso dos biografados aqui tratados, Martim Afonso e Pero Lopes de Sousa. Além disso, os narrativistas franceses foram importantes para, sobretudo, a primeira geração do IHGB.

<sup>90</sup> CEZAR, Temístocles. "Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX". *op. cit.*, p. 21.

misto de gêneros que se percebe ao longo do texto. Vestígios da crônica de séculos anteriores, por exemplo, não são capazes de fazer “desaparecer” sua autoria em trânsito pelos diversos momentos em que parece buscar a cor local. De que forma se resolve tal aspecto? Uma provável resposta pode ser pensada a partir do episódio biográfico apresentado. A pretensão de transpor a barreira temporal e pretender vislumbrar a incipiente colônia portuguesa na primeira metade do século XVI apresenta-se de maneira nítida, mas é pela visão e voz mediadora de Varnhagen que se chega às “vozes” das testemunhas. Foi ele quem viu o diário de Pero Lopes e quem o faz *dizer*. Nesse caso, a biografia impõe-se, pois há um jogo de trocas recíprocas entre o que o documento permite que se narre e o que somente o historiador pode considerar verídico naquele.<sup>91</sup> Narrar uma vida é pertinente tanto do ponto de vista da cor local quanto do esforço em autorizar o personagem enquanto testemunho. Assim, a reflexão que ingressa no texto, motivada pelo modo como a morte de Pero é descrita, é emblemática do espaço biográfico a ele garantido:

“Lá se foi com uma armada; e, quando ja de volta, encontrou nas ondas a sepultura, perto da ilha de Madagascar, segundo se crê. Faltou pois Pero Lopes do mundo desgraçadamente para a sua glória e para o bem da sua familia, no momento em que sua perda era a todos mais sensível. Depois de haver elle lobrigado a trilha que o devia conduzir ao templo da glória, depois que a esposa cedendo a seu carinho, havia nelle, e, só nelle, posto toda a sua esperança de gozosa felicidade e o de um bello renome para seus filhos, depois que as esperanças da patria começavam a desabrochar em favor deste jovem pundonoroso... Tudo illusão! Em verdade nada pode haver de mais triste, de mais cruel do que uma prematura morte. – Quão differente se nos apresenta o fim do ancião illustre, cuja falta successiva de fôrças phisicas o tem ido pouco a pouco desprendendo do mundo, onde havendo sempre cuidado de robustecer com o estudo, cada dia mais, sua razão, vê na morte o sello da immortalidade de seu nome no porvir, ganha pelos serviços que teve tempo de legar aos seus semelhantes – á humanidade. A desventurada viuva (e bem desventurada que não foi esta a única perda que soffreu) de Pero Lopes ainda a chorava vinte e tantos annos depois, e quase não podia acreditar que seu marido se houvesse deste mundo ido de todo, sem lhe haver dito o ultimo adeus”.<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> “Pensar o tema da cor local como um recurso narrativo para a história passa pela questão do estatuto de veracidade do texto histórico”. Cf. CEZAR, Temístocles. “Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX”. *op. cit.*, p. 20.

<sup>92</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 143.

O *lugar do morto* seria o mesmo entre aquele que descreve e testemunha.<sup>93</sup> Penso a partir de Michel de Certeau: “Substituto do ser ausente, prisão do gênio mau da morte, o texto histórico tem um papel performativo. A linguagem permite a uma prática situar-se com relação ao seu *outro*, o passado. Com efeito, ele mesmo é uma prática. A historiografia se serve da morte para articular uma lei (do presente). Ela não descreve as práticas silenciosas que a constroem, mas efetua uma nova distribuição de práticas já semantizadas”.<sup>94</sup> Certamente, Pero Lopes de Sousa é mais que um nome próprio na *Historia geral*. O que poderia somar uma morte anônima, torna-se “a morte que faz o acontecimento”.<sup>95</sup> A percepção da morte como uma prática que se coloca entre o presente e o passado, no caso aqui visto, corresponderia a ordenar o tempo. Contudo, não simplesmente pela narração da vida e da morte, mas pela “atestação biográfica” de uma testemunha.<sup>96</sup>

Por isso, a testemunha precisava ser criticada de ponta a ponta, do exame documental à narrativa: “quando a história finalmente conseguiu, no século XIX, definir-se como ciência, a ciência do passado, ela não conhecia mais do que ‘documentos’. As ‘vozes’ tinham-se transformado em ‘fontes’ e, ao final dessa transformação, as ‘testemunhas’ chegaram mesmo a acreditar que deviam assemelhar-se a historiadores”.<sup>97</sup> Em Varnhagen, como os termos estavam mais vinculados aos primeiros esforços de disciplinarização, a tentativa de contenção das testemunhas era ambígua. Essas eram documentos, porém estes sustentavam ainda suas vozes. Estas, por sua vez, deveriam ser conhecidas, mas também coordenadas. E embora fosse mais seguro lidar com as testemunhas do passado (a póstuma *História da Independência do Brasil* e os comentários de Varnhagen anteriormente citados indicam algo neste sentido), ainda assim elas colocavam problemas diversos. A atestação biográfica nem sempre era autobiográfica, como no caso de Pero Lopes.<sup>98</sup>

<sup>93</sup> Sobre a carência oitocentista de mortos a reverenciar no Brasil, ver: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Magestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, n. 388, jul./set., 1995, p. 542.

<sup>94</sup> CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 108. Ver também: CERTEAU, Michel de. “O inominável: morrer”. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis RJ: Vozes, 1994, p. 293-303; RICOEUR, Paul. “A morte em história”. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. *op. cit.*, p. 373-380.

<sup>95</sup> Cf. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, *op. cit.*, p. 379.

<sup>96</sup> *Idem*, p. 175. Ricoeur, ao mapear as noções que configuram a figura da testemunha, investiga as características dessa, levantando a noção geral de percebê-la como uma narrativa autobiográfica. A experiência testemunhal, bem como sua confiabilidade frente à factualidade da realidade passada em questão são elementos que “ligam o testemunho pontual a toda a história de uma vida”. *Idem*, p. 173.

<sup>97</sup> HARTOG, François. “A testemunha e o historiador”. trad. Patrícia Chittoni Ramos. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 11-41 (citação p. 12, aspás do autor).

<sup>98</sup> Para outra reflexão acerca da noção de testemunho e de sua crítica, ver: PROST, A. *Douze leçons sur l'histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, p. 59-64.

\*\*\*

Um personagem que se destaca no texto *Historia geral do Brazil* e coloca-se como um importante contraponto aos exemplos anteriores é aquele de Diogo Álvares, o já mencionado Caramurú. Sua inserção biográfica assim se dá:

“Favorecendo os Padres foi que Diogo Alvares prestou serviços pelos quaes merece que neste logar lhe dediquemos algumas linhas. Morador na Bahia desde o anno de 1510, ahi resistira a todas as inconstancias dos gentios; porque tendo-se criado entre elles desde moço, talvez fôra já outro gentio em tudo, menos na côr da pelle e no pouco que ainda se lembraria da sua lingua. Tinha muitos filhos, e estava assim aparentado por afinidade, ao modo da terra, com muitos da cabilda a que se agregára. A tradição, em harmonia com alguns documentos, faz-nos crer que, em certa conjunctura, vendo-se em grande aperto e ameaçado do gentio, usou de um ardil que o salvou, e foi causa de receber dos indios a alcunha de *Caramurú*, por que ficou sendo conhecido. Vejamos qual foi este ardil, e deixemos de parte a questão secundaria de averiguar se teve logar por occasião do primeiro desembarque do colono e quando elle ainda seria muito moço, ou se depois, como imaginamos nós, quando foi arrojado com o donatario Coutinho na costa da ilha de Itaparica. Diz a tradição que, achando-se Diogo Alvares na praia, armado de uma espingarda, e vendo-se cercado de muitos gentios, julgou que os amedrontava disparando um tiro, e que tão bom effeito surtiu, que o julgaram munido de um poder sobre-humano, e estiveram logo por tudo quanto quiz. O nome *Caramurú* é o de certa enguia electrica, isto é, o de um peixe comprido e fino como uma espingarda, que pelas suas virtudes de fazer estremecer, e pelo attributo de damnar e ferir, poderia ser applicado ao tremendo instrumento (oriundo tambem agora do mar) e por uma facil e insensivel ampliação ao seu portador. Delle *Caramurú* se valeram muito os primeiros missionarios e o mesmo Thomé de Sousa, para angariar a si os Barbaros visinhos, com ajuda do temor que se lhes chegou a inspirar”.<sup>99</sup>

Diogo Álvares é um nome cuja comprovação vem da tradição.<sup>100</sup> É ela quem descreve a cena que tenta explicar a alcunha autóctone do personagem, filologicamente analisada na *Historia geral*. O personagem, immortalizado pelo poeta Durão, perdia o seu carácter mais literário e

<sup>99</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 202-203.

<sup>100</sup> Janaína Amado propõe uma interpretação das diversas facetas desse personagem desde as primeiras descrições entre os cronistas do século XVI, passando pela sua incorporação à poesia seiscentista e pela obra de Santa Rita Durão no XVIII, pelas inserções na obra de Rocha Pita, a *História da América Portuguesa* (1730) – que serão alvo de duras críticas de Varnhagen no século XIX. Cf. AMADO, Janaína. “Diogo Álvares, o Caramurú, e a fundação mítica do Brasil”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p. 3-39.

ingressava na história do Brasil quinhentista. Varnhagen ressalta que haviam documentos, mas é a voz do tradicional aquela que será o instrumento de comparação em sua argumentação. Pode-se pensar que, neste caso, o favorecimento da cor local teria falado em conjunção à voz ajuizada do historiador. Todavia, não fora assim tão simples. Tal como acentua Manoel Guimarães: “as antiguidades nacionais, valorizadas como dissemos a partir do começo do século XIX, sempre estiveram existindo em sua materialidade nos lugares onde pretensamente serão ‘descobertas’ ao longo do Oitocentos. Contudo, não foram captadas como antiguidades senão quando um olhar modernamente constituído pode incorporá-las como parte da tradição e do passado dessas sociedades nacionais”.<sup>101</sup>

Diante desse impreciso olhar, de que forma Varnhagen busca trabalhar com a suposta veracidade da tradição? Propondo uma genealogia da presença de Diogo Álvares, esta situada entre a tradição e os documentos. Não uma genealogia em busca de “mil acontecimentos agora perdidos”, mas que colocasse em acordo a autoridade do historiador e o que diziam os vestígios do passado.<sup>102</sup> O historiador havia publicado, em 1848, na *Revista do IHGB*, um estudo intitulado *O Caramurú perante a Historia*, onde escrevera o seguinte: “Formado assim um verdadeiro *mytho heroico*, propaga-se tomando corpo de geração em geração, e frequentes vezes se tem até fundido no nome de um só indivíduo os casos notáveis ocorridos a diferentes pessoas. O povo não está á espera de que apareçam chronistas e historiadores com esta cathegoria para publicar um factio que lhe aguça a curiosidade”.<sup>103</sup> Assim, Varnhagen percorre as referências escritas sobre o indivíduo que teria sintetizado o dito “mito heróico”. Retorna, entre outros, ao diário de Pero Lopes, a Gabriel Soares de Sousa, passando por Rocha Pita, sendo este último um registro a ser colocado parcialmente em suspenso, dadas as “galas da invenção” que nele haveriam.<sup>104</sup> De acordo com Maria da Glória de Oliveira: “Varnhagen não contradita a tradição acerca da existência de Diogo Álvares, sobre a qual afirma não ter qualquer dúvida”.<sup>105</sup> Em sua análise das críticas varnhaguenianas e na reconstrução factual que se segue na dissertação, ressalta a autora: “Em outras palavras, ao

<sup>101</sup> GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Reinventando a tradição: sobre antiquariado e escrita da história”. *Humanas*, Porto Alegre, v. 23, n. ½, 2000, p. 111-143 (citação p. 116).

<sup>102</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. trad. Roberto Machado. 20ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 15-37 (citação p. 20).

<sup>103</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “O Caramurú perante a historia. Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen”. *Revista do IHGB*, tomo X, 1848, p. 129-152 (citação p. 129-130, itálico no original).

<sup>104</sup> *Idem*, p. 146.

<sup>105</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. “A depuração do fabuloso”. In: *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p. 93-101 (citação p. 100).

atribuir diferentes graus de exatidão no estabelecimento dos fatos históricos, ele alferia a verdade e a falsidade por meio do absoluto *poder de veto* concedido às fontes”.<sup>106</sup>

Desse modo, é interessante observar como as noções de mito e tradição são conjugadas na construção historiográfica do biografado tanto no trabalho publicado no periódico do IHGB quanto na *Historia geral do Brazil*. No que diz respeito ao mito e à tradição, é difícil distanciar-se da discussão geral que, de fato, é a linha a partir da qual venho conduzindo a leitura da presença biográfica nessa última, qual seja, a invenção da autoridade na identidade historiadora em Varnhagen. Apesar da diminuição da margem divisória com os ecos do tradicional – embora não seja o único momento na obra em que esses são mencionados – não se tratava simplesmente de uma glorificação da tradição, idéia freqüentemente associada ao romantismo.<sup>107</sup> Por este diálogo reafirmavam-se parâmetros factuais e epistemológicos, como observou Maria da Glória de Oliveira, e também garantias de ratificação aos recursos críticos apropriados pelo autor da *Historia geral* em suas publicações anteriores (lembre-se que tanto Gabriel Soares como Pero Lopes tiveram seus escritos publicados por Varnhagen). A história como prática e as relações dos historiadores com o tempo encontravam-se nas redefinições referentes aos padrões do texto histórico e do estatuto desse, que só poderia ser verificado no diálogo com as diversas formas de representação do passado e suas diferenças. Seguindo Michel de Certeau: “Sem dúvida, essa é a razão pela qual a história tomou o lugar dos mitos ‘primitivos’ ou das teologias antigas desde que a civilização ocidental deixou de ser religiosa e que, de maneira política, social ou científica, ela se definiu por uma práxis que envolve, igualmente, sua relação consigo mesma e com outras sociedades”.<sup>108</sup>

Este episódio biográfico na obra de Varnhagen incentiva a reflexão atenta, justamente, aos meios pelos quais o texto de história ganha legitimidade no século XIX. É preciso trabalhar não somente com os recursos narrativos dos historiadores, mas também com as nuances temporais coadunadas em sua escrita da história, que, enfim, lhe atribuem a mencionada credibilidade. A partir de suas práticas, o historiador toma de empréstimo e cria

---

<sup>106</sup> *Idem* (itálico da autora).

<sup>107</sup> Cabe mencionar a correção que Hannah Arendt faz à corriqueira relação: “Hoje, a tradição é algumas vezes considerada como um conceito essencialmente romântico, porém o Romantismo não faz mais que situar a discussão da tradição na agenda do século XIX; sua glorificação do passado apenas serviu para assinalar o momento em que a época moderna estava prestes a transformar nosso mundo e as circunstâncias em geral a tal ponto que uma confiança inquestionada na tradição não era mais possível”. Cf. ARENDT, Hannah. “A tradição e a época moderna”. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5ª edição, trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 43-68 (citação p. 53).

<sup>108</sup> CERTEAU, Michel de. “A história como mito”. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. op. cit., 54-64 (citação p. 55).

as ordens do tempo alinhadas em seus textos de maneiras variadas. Daí a importância de se refletir, por exemplo, acerca das impressões advindas de críticos como Hayden White. Conforme o autor: “Trata-se apenas de uma hipótese, mas parece possível que a convicção do historiador de ter ‘encontrado’ a forma de sua narrativa nos próprios eventos, em vez de tê-la imposto a eles, tal como faz o poeta, seja uma consequência de certa falta de autoconsciência lingüística que obscurece a extensão em que as descrições dos eventos *já* constituem interpretações de sua natureza”.<sup>109</sup> Sabina Loriga destaca, por sua vez, que análises tais como as levantadas por White incentivaram os historiadores a se afastarem da literatura e daqueles que se dedicaram ao exame da dimensão narrativa da história (o que seria, para Loriga, um dos limites ao trabalho com o gênero biográfico no campo do conhecimento histórico, foco de suas investigações).<sup>110</sup>

Levando em conta os exemplos até aqui analisados, antes de propor respostas a indagações como a acima citada ou retomar os seus efeitos, seria interessante avançar mais detidamente no âmbito dos debates vinculados à autoridade daquele que se ocupa em fabricar a história. Américo Vespúcio, Martim Afonso e Pero Lopes de Sousa, assim como Diogo Álvares são personagens incorporados à narrativa histórica varnhageniana a partir de questões que, de um modo ou de outro, atingem discussões relacionadas à capacidade do historiador de produzir uma representação que se encaminhe para um conhecimento sobre o passado. Por meio do texto de Varnhagen é possível averiguar como se dava, em meados do século XIX, o esforço historiador em efetuar essa representação e se fazer crer através dela. Ao investigar as cartas de Vespúcio e tomá-lo como um personagem, fornecer detalhes da vida e da morte de Pero Lopes ou desmistificar a existência do Caramurú, o autor da *Historia geral* articulava *evidências* e situava, no tempo e no espaço, *autoridades*. Seja pela inserção nos embates pelos precursores na descoberta do país, seja nas longas citações de uma fonte coeva ou no diálogo cruzado entre os documentos e a tradição, o que estava implicado era uma concepção particular de tempo.

Partirei de uma breve definição de duas das noções supracitadas. A primeira dentre elas é a de evidência. François Hartog destaca que desde os antigos, a idéia acerca da evidência da história sofreu variações. Começando pela evidência como visão (Tucídides), passando pela associação entre visão e audição (Heródoto) e pelas *auctoritas* medievais, até

---

<sup>109</sup> WHITE, Hayden. “O texto histórico como artefato literário”. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Ensaios de Cultura 6. trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1994, p. 98-116 (citação . 112, itálico do autor).

<sup>110</sup> LORIGA, Sabina. “Des possibilités d’une histoire biographique”. Comunicação apresentada na conferência proferida em 25 de setembro de 2006 no IFCH/UFRGS. Texto cedido pela autora.

chegar aos historiadores românticos e liberais e suas buscas pela genealogia da identidade e tentativas de narração, falar em evidência histórica implicara adaptações que atravessaram os textos aos quais retornam os historiadores ainda hoje.<sup>111</sup> Para Michelet, por exemplo, “o historiador não é somente esse mergulhador, visitante dos mortos e dos arquivos, esse viajante em olhar-participante, ele deveria ainda ter orelha, pois a história fala”.<sup>112</sup> Um outro exemplo desse período: “para homens como Thierry, a história também falava, mas a intervenção deveria limitar-se (sobretudo após 1830) a *deixar* falar os documentos”.<sup>113</sup> Com Fustel de Coulanges (1830-1889), o que era visível passará a ser considerado ilusão: “como observador, o historiador define apenas a posição que ocupa negativamente: ele diz onde ele não deve estar, não onde ele está. Apesar de tudo, no momento em que ele escreve *A cidade antiga*, essa ascense metodológica é então virada contra o presente. Trata-se de denunciar as maldosas imitações da Antigüidade para melhor defender a liberdade moderna”.<sup>114</sup>

Considerando esses mapeamentos do olhar historiador sugeridos por Hartog, desde as primeiras escolhas até os posicionamentos próprios do Oitocentos, é possível tecer alguns comentários que convocam novamente as análises até agora expostas. A biografia, um gênero narrativo, em Varnhagen é também um meio de trabalho com as fontes. Como afirmou Sabina Loriga, no século XIX, uma função heurística estava vinculada ao gênero biográfico.<sup>115</sup> A constituição dos arquivos e das testemunhas passava por pesquisas dessa ordem. Operar as evidências por meio da leitura de cartas de Vespúcio, viajar tendo como guia os escritos de um senhor de engenho ou opor as vozes da tradição e os registros escritos sobre determinado nome são meios de ordenar o tempo e autoridades. A autoridade do arquivo, de determinada testemunha ou desse sinônimo da própria autoridade que é a tradição, como destaca Hartog, sem dúvida, define um tempo, aquele que o trabalho de Varnhagen não se cansa de alinhar, mas somente quando construído em contraposição a diversas temporalidades.<sup>116</sup>

Assim, para avançar na compreensão dessas relações, outros esclarecimentos se fazem necessários. Em primeiro lugar, contarei com as definições de Hannah Arendt no que diz respeito às noções antiga e moderna de autoridade. Para a autora, entre os antigos e o mundo

---

<sup>111</sup> HARTOG, François. “L’oeil de l’historien et la voix de l’histoire”. In: HARTOG, François. *Évidence de l’histoire. Ce que voient les historiens*. Paris: Éditions de l’École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2005, p. 135-151.

<sup>112</sup> *Idem*, p. 145.

<sup>113</sup> *Idem*.

<sup>114</sup> *Idem*, p. 149.

<sup>115</sup> LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249 (citação p. 228).

<sup>116</sup> HARTOG, François. “Tempos do mundo, história, escrita da história”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história. op. cit.*, p. 15-25.

moderno, houve uma mutação significativa nas formas da autoridade, o que causou mal-entendidos de várias ordens. Antes de qualquer outra definição, a tese de Arendt consiste em sustentar que não há fortes paralelos entre a idéia de autoridade antiga e o que se entende pela mesma palavra na modernidade. Segundo ela:

“Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida com alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesmo fracassou. A autoridade, por outro lado, é incompatível com a persuasão, a qual pressupõe igualdade e opera mediante um processo de argumentação. Onde se utilizam argumentos, a autoridade é colocada em suspenso. Contra a ordem igualitária da persuasão ergue-se a ordem autoritária, que é sempre hierárquica. Se a autoridade deve ser definida de alguma forma, deve sê-lo, então, tanto em contraposição à coerção pela força como a persuasão através de argumentos”.<sup>117</sup>

As diferenças matizadas por Arendt são fundamentais na compreensão do termo entre seu surgimento com os gregos e suas posteriores adaptações históricas. Contando com essas precisões semânticas, torna-se mais compreensível a idéia de que, de fato, o questionamento da noção de autoridade é um indício de que sua apreensão antiga foi de algum modo abandonada. Arendt explica que a perda da autoridade foi apenas o último momento de um processo que atingiu duramente a tradição e a religião.<sup>118</sup> Não é fortuito, pensando a partir das contribuições acima, que as experiências históricas e historiográficas, sobre as quais falam historiadores como Reinhart Koselleck, visivelmente alteradas nos últimos séculos, resultem dos diferentes estatutos desses três elementos: autoridade, tradição e religião.<sup>119</sup>

Em meio a estas questões, Pascal Payen ressalta que, por ser uma categoria política, é necessário que a noção de autoridade seja contextualizada.<sup>120</sup> O autor propõe um oportuno mapeamento dessa noção, reconstituindo a autoridade antiga, tal como tratou Arendt, e dá continuidade buscando perceber como, por exemplo, nas querelas entre antigos e modernos, o significado da categoria desloca-se e passa a atuar no caminho das alterações de caráter efetivamente temporal (no sentido de afetar as experiências e ordenamentos temporais).<sup>121</sup> Ao averiguar esses usos da idéia de autoridade em diferentes momentos, o autor cita o caso dos

<sup>117</sup> ARENDT, Hannah. “O que é autoridade?”. In: *Entre o passado e o futuro. op. cit.*, p. 127-187 (citação p. 129).

<sup>118</sup> *Idem*, p. 130.

<sup>119</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo. Estudios sobre la historia. op. cit.*, p. 68-82.

<sup>120</sup> PAYEN, Pascal. “Introduction. Les Anciens en figures d’authorité”. *op. cit.*, p. 8.

<sup>121</sup> *Idem*, p. 11-17.

antiquários, que buscavam sua legitimidade jogando a autoridade para o passado (por eles dominado).<sup>122</sup> Por fim, Payen destaca a relação existente entre autoridade e escrita. Conforme o historiador, “a escrita é, com o tempo, o segundo produtor de autoridade”.<sup>123</sup>

Escrita e tempo como produtores de autoridade é uma perspectiva a ser considerada na compreensão dos jogos entre presente e passado na *Historia geral do Brazil* e na obra de Varnhagen como um todo. O modo como os índios, personagens coletivos, são geralmente apresentados fornece forte indício desse ponto acima levantado:

“Nos selvagens não existe o sublime desvelo, que chamamos patriotismo, que não é tanto o apego a um pedaço de terra, ou bairrismo (que nem sequer elles como nomades tinham bairro seu), como um sentimento elevado que nos impelle a sacrificar o bem estar e até a existencia pelos compatriotas, ou pela glória da patria, com a só idéa de que a posteridade será grata á nossa memória, e a ella adjudicará neste mundo a immortalidade, [...]”.<sup>124</sup>

Mais adiante, segue Varnhagen:

“De taes povos na infancia não ha historia: ha só ethnographia. Nem a chronica do seu passado, se houvesse meio de nos ser transmittida, mereceria nossa attenção. Mais do que tratando-se da biographia de qualquer varão, ao depois afamado por seus feitos, os contos da meninice e primitiva ignorancia do ao depois heroe ou sabio. A infancia da humanidade na ordem moral, como a do individuo na ordem physica, é sempre acompanhada de pequenez e de miserias. – E sirva esta prevenção para qualquer leitor estrangeiro que por si, ou pela infancia de sua nação, pense de ensoberbecer-se, ao ler as pouco lisongeiras paginas que vão seguir-se”.<sup>125</sup>

Temístocles Cezar, ao investigar as questões que envolviam o lugar dos índios na escrita da história oitocentista, retoma os posicionamentos de Varnhagen com relação ao tema. Além de analisar os efeitos da assumida posição anti-romântica e anti-indianista varnhageniana – que o levará a diversas polêmicas – Cezar observa que, ao estudar e defender a pesquisa etnográfica ao longo de praticamente toda a sua trajetória, o objetivo de Varnhagen era desconstruir os argumentos indianistas e a tese sobre o direito de propriedade perante o

---

<sup>122</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>123</sup> *Idem*, p. 20.

<sup>124</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 98.

<sup>125</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 108.

território.<sup>126</sup> Ainda conforme o historiador, “a atitude de Varnhagen em relação aos índios pode sem dúvida ser compreendida a partir de sua inserção em uma querela não assumida e não declarada no seio da cultura histórica do Brasil no século XIX, mas nem por isso inexistente, entre Antigos, Modernos e Selvagens”.<sup>127</sup> Nesse debate, particularidade do Novo Mundo, seriam os índios pouco a pouco deslocados para “um passado distante, supostamente histórico”, transformando, a partir de argumentos de autoridade da “ciência histórica”, uma complexa questão política da época.<sup>128</sup>

O exemplo acima descrito agrega-se, a meu ver, àqueles que o antecederam. Todas as inserções biográficas trabalhadas neste eixo da presente análise corroboram, afinal, uma concepção de história que intenta construir sua autoridade ampliando, descrevendo, contrapondo e mesmo suprimindo temporalidades. A narrativa historiográfica varnhageniana não trabalha, em definitivo, com o que ela “encontrou” no passado. Ela articula-se no e do presente, demarca suas distâncias, insinua proximidades e, sobretudo, pretende impor-se por meio do diálogo com “formas de tempo ativas”, utilizando uma expressão de Hartog.<sup>129</sup> Daí podemos deduzir que os caminhos da história não são assim tão evidentes. Entre *ver* e *dizer* e *saber* e *fazer ver um saber*, tentando responder à indagação do mesmo historiador francês, a história como conhecimento disciplinado percorreu caminhos imprecisos e delicados. Talvez os aspectos epistemológicos e políticos implicados nesses casos biográficos até aqui expostos expliquem os motivos pelos quais esses personagens foram ressaltados em suas particularidades enquanto nomes mais conhecidos tenham sido sinalizados na *Historia geral* a partir de descrições um tanto mais discretas. Seria o “distinto” Thomé de Souza um “evidente” representante da nação, cuja breve passagem abaixo daria conta suficientemente bem de sua importância?

“Para governador geral foi escolhido Thomé de Souza, filho natural d’uma das primeiras casas do reino, distinto por seus grandes dotes governativos, e pelo valor e prudencia que provára em muitas ocasiões difficeis na Africa e na Asia. Quatorze annos antes ja este capitão merecia grande conceito ao Conde da Castanheira, quando (escrevendo a Martim Affonso) dizia delle que partia para a India que ‘cada vez lhe ia achando mais qualidades boas, tendo sobre todas a de

<sup>126</sup> CEZAR, Temístocles. “Anciens, Modernes et Sauvages, et l’écriture de l’histoire au Brésil au XIX siècle. Le cas de l’origine des Tupis”. trad. Dominique Boxus. *Anabases* 8, 2008, p. 43-65.

<sup>127</sup> *Idem.*

<sup>128</sup> *Idem.*

<sup>129</sup> HARTOG, François. “Tempos do mundo, história, escrita da história”. *op. cit.*, p. 15.

ser sisudo’. – Para a colonia que ia fundar possuía ainda a de saber fazer-se querer: – a de ser superior sem deixar de ser companheiro”.<sup>130</sup>

E o mesmo ocorria com relação ao “bravo” Estácio de Sá, fundador da atual cidade do Rio de Janeiro, que em luta contra os invasores franceses perdeu a vida e teve sua morte descrita como transcrito abaixo?

“Infelizmente recebeu na refrega uma frechada o bravo Estacio de Sá, e da ferida veiu a morrer um mez depois. Assim perdeu a vida assenteado como o padroeiro (cujo dia era em que foi ferido) da cidade que fundára, e a que dera nome, e da qual os symbolos do martyrio do mesmo padroeiro vieram a ser insignias ou armas. Escriptores pagãos considerariam a Estacio de Sá como a victima innocente votada em holocausto aos deuses infernaes, para aplacar suas iras contra os novos colonos. A resignação manda-nos curvar a cabeça ante os decretos do Altíssimo, e a justiça com que escrevemos obriga-nos a declarar que á sollicitude deste primeiro capitão e ao seu esforço, prudencia e animo religioso deve a cidade o contar a fundação do primeiro quartel de 1565, sem que nenhum revez interrompesse seu progressivo desenvolvimento neste seculo e no seguinte”.<sup>131</sup>

Ao que parece, diversas formas ativas de tempo emergem nas páginas da *Historia* de Varnhagen: ora aparecem na mescla de gêneros narrativos (história, crônica, biografia etc.), ora revelam-se no discurso presentista (a memória ao pai, as dificuldades em escrever uma história da Independência ou uma biografia de D. Pedro I) ou nos embates eruditos (como nas pesquisas sobre Vespúcio), além de serem alguns desses estratos temporais ordenados e caracterizados através dos modelos críticos que se fortaleciam no século XIX (verificações de vestígios tais quais o diário de Pero Lopes, trocas com a tradição ou a defesa da etnografia indígena).<sup>132</sup> Todavia, eram as indagações do presente que interpolavam dúvidas epistemológicas e diligências políticas, tradições do passado e contexto contemporâneo, tempo e autoridade. Agora que alguns paradigmas dos usos da biografia mais diretamente relacionados às definições do texto do historiador e da disciplina histórica em geral foram

<sup>130</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 193.

<sup>131</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 254.

<sup>132</sup> Ver o estudo de Iris Kantor sobre a produção histórica das academias setecentistas. Além de demonstrar que a pesquisa historiográfica já era realizada naquele período, este trabalho fornece pistas relacionadas à mescla de gêneros percebida, ainda que negada, no texto varnhageniano. KANTOR, Iris. *Esquecidos e renascidos: historiografia acadêmica luso-americana, 1724-1759*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.

examinados, serão os personagens das lutas com os holandeses que encaminharão a leitura de outros tempos dentro do tempo no Brasil oitocentista.

## 2.2 *Dizer e fazer ver* – o gênero biográfico e a retórica da nacionalidade

Em carta escrita no dia 2 de dezembro de 1852, comentava Varnhagen ao Imperador: “A Historia do Brazil está já em 1654. Capitularam os Hollandezes e foram-se embora. A esta celebre guerra de trinta annos dediquei tres capítulos, e creio mais que sufficientes para não ser aqui, só porque haja mais historiadores, mais minucioso do que antes ou depois”.<sup>133</sup> Contudo, mesmo trabalhando no sentido de garantir certa unidade à obra, seu autor não foi capaz de conter a riqueza das fontes e seu interesse pelas guerras contra os “invasores” franceses e holandeses, características dos anos finais do século XVI e boa parte do seguinte.<sup>134</sup> Será, sem dúvida, na narração desses combates e na descrição de seus vultos que o historiador mais profundamente explorará um tema específico e o gênero biográfico.<sup>135</sup>

Logo no início de sua narrativa, Varnhagen já apresenta um de seus heróis, Felipe Camarão, cujos estudos dedicados a averiguar sua naturalidade, também de autoria varnhageniana, já foram aqui analisados. Na primeira edição da *Historia geral* sua entrada ocorre assim:

“Nas primeiras escaramuças da nova campanha os nossos levavam sempre a melhor; e então começaram a ser organizados em guerrilhas, cujos chefes tinham o nome de patente de *capitães de embuscada*. De uma dessas guerrilhas foi chefe célebre Indio Poty, ao diante mais conhecido por D. Antonio Filippe Camarão; o qual veiu, por seus distinctos serviços, a ser pelo rei agraciado com a mercê do habito de Christo, a patente de capitão mór dos Indios, e a tença annual de quarenta mil réis. Este Indio célebre era filho do Ceará, e fôra d’ahi

<sup>133</sup> Carta a D. Pedro II, Madrid, 2 de dezembro de 1852. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa, op. cit.*, p. 193. É interessante observar que Varnhagen faria comentário semelhante na própria *Historia geral*, citando depois, em nota de rodapé, a referência indireta a Guizot: “D’ora em diante os nossos annaes vão sendo mais copiosos em factos, e começaremos a ser mais concisos; seguindo a maxima de um dos primeiros escriptores de nossos dias de que é principalmente junto ao berço das nações que mais cumpre ao historiador demorar-se, contemplando-as”. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 357.

<sup>134</sup> RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil. op. cit.*, p. 37-77.

<sup>135</sup> Para um estudo de contexto, ver: SOUZA, Laura de Mello e; BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *1680-1720 - O Império Deste Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 41-81.

trazido, com todos os bravos de sua escolta, pelo capitão Martim Soares, apenas teve noticia do perigo de Pernambuco”.<sup>136</sup>

A partir daí, o protagonista – líder dos índios aliados aos portugueses – retornará ao texto diversas vezes. É possível afirmar que, como em nenhum outro momento da *Historia geral*, as premissas do antigo regime de historicidade despontam na exposição dos personagens. Nestas passagens, que ultrapassaram em muito as três seções pretendidas por Varnhagen, de simples incorporação de atores sociais, por vezes severamente críticas ou apressadas, o que se percebe é a incursão de verdadeiros heróis. A *historia magistra vitae* que, como já se disse, perdeu sua força desde o final do século XVIII, parece ter sua fórmula retrabalhada neste determinado ponto do livro. Segundo pontua Benito Schmidt, “essa fórmula remonta a Cícero, mas os gregos já a praticavam desde o século IV a.C., senão no século V a.C., com Tucídides.”<sup>137</sup> É importante lembrar que, apesar desse declínio, foi exatamente este o *tópos* que orientou a escrita da história no interior do IHGB, tal qual se buscou reforçar na primeira parte desse trabalho.

A *historia magistra vitae* processa-se especialmente pela função de demonstrar os exemplos e também os contra-exemplos identificados ao longo do tempo. Por isso, se Camarão era um modelo positivo, Calabar ocuparia o padrão exatamente oposto:

“Dois annos haviam decorrido, e os Hollandezes não adiantavam um passo, e se achavam reduzidos á posse do Recife e de um forte na Ilha de Itamaracá, quando um acontecimento inesperado veio a reforçal-os. Foi a fuga para elles de Domingos Fernandes Calabar, receoso ‘de ser preso e castigado asperamente pelo Provedor André de Almeida, em virtude de alguns furtos graves que havia feito. Pelos conselhos e direcção deste homem atrevido e reprehendedor, os Hollandezes mudaram muito seu systema de guerra, amoldando-o mais ao paiz, e opondo ás ciladas outras ciladas. Por insinuação sua foi de surpresa atacada Olinda, em quanto os habitantes se achavam á missa; saqueada Igarassú; e bravamente acomettido o forte do Rio Formoso”.<sup>138</sup>

Chama a atenção que o mencionado mau exemplo do personagem não era inicialmente carregado em suas características pessoais, mas pelo mal que causara aos portugueses e espanhóis (posto que, até o ano de 1640, Portugal e Espanha formavam um único império)

<sup>136</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 362.

<sup>137</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografia e regimes de historicidade”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 57-72 (citação p. 58).

<sup>138</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 366-367.

quando passou a apoiar os holandeses nas disputas bélicas. A interpretação de Varnhagen se encaminha para o antagonismo entre um suposto protótipo de identidade nacional que se demarcava no seiscentos, ao qual Calabar havia contrariado.<sup>139</sup> Somente quando os efeitos que as ações do desertor passam a se desenhar é que o historiador tende a definir seus traços mais individuais: “Facil e natural se apresentava ja o ataque do Arrayal do Bom Jesus. Como porêm se aproximava semana santa, o Calabar, sempre amigo das ciladas, lembrou a conveniencia de se aprazar esse ataque para a quinta feira de endoenças, quando os nossos deveriam estar occupados com as cerimonias religiosas”.<sup>140</sup>

Entretanto, não seriam estes os únicos exemplos. Além de Felipe Camarão, André Vidal seria outro herói nacional a ser recordado: “Nestas correrias se distinguia o joven Parahibano André Vidal, que depois veiu a representar tão importante papel na restauração de Pernambuco. Chegou Vidal, em companhia de Sebastião de Souto, por terra até a Parahiba, destruindo mais de quarenta mil arrobas de assucar. Desta correria saíu o valente Parahibano com uma chuçada no peito”.<sup>141</sup> Como se pode notar, são os personagens que não só conduzem, mas acabam por organizar a narrativa tanto no tempo quanto no espaço. É provável que Varnhagen retorne tão freqüentemente aos percursos individuais até mesmo para que tal ordem se sustente em meio ao excesso de informações que se sucedem nas descrições dos acontecimentos relacionados às lutas.<sup>142</sup>

O hipotético sentimento nacionalista do século XVII atinge praticamente todos os nomes mencionados. O militar italiano Bagnuolo, no Brasil a serviço do rei espanhol, por exemplo, acusado de traição e covardia por seus coetâneos, teve contra si, na opinião de Varnhagen, o fato de não ser um membro da União Ibérica: “O maior peccado que tinha Bagnuolo (sejamos francos) era ser estrangeiro, para os Brasileiros e Portuguezes, e tambem

---

<sup>139</sup> Esta constatação é levantada pela grande maioria dos leitores do legado varnhageniano, estou apenas destacando, do ponto de vista de meu objeto de análise, tal característica geral da dita obra. Cito, como exemplo, o comentário de Nilo Odália: “Nesse trabalho de construção e convencimento, não bastam as belas palavras de um patriotismo que se julga sadio, nem a exaltação pura e simples, ainda que ela exista, de um sentimento nacional, ainda apenas entrevisto. O papel do historiador é o de demonstrar que – sob o legado caótico da colônia, uma Nação existe, ainda informe e inacabada, mas apresentando já uma característica, a de ser o fruto de uma conquista que lhe permite oferecer os elementos primordiais para que sua construção apareça aos olhos de todos como a decorrência de sua própria história”. Cf. ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 48.

<sup>140</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 367-368.

<sup>141</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 375.

<sup>142</sup> Um exemplo desses retornos. Ao comentar a morte de um dos comandantes, segue Varnhagen: “Sua morte foi muito sentida “pelo bem que sempre procedera, e grande valor que mostrára em muitas ocasiões, havendo sido sete vezes ferido. Era natural de Pernambuco. Teve por successor na Companhia que commandava, o insigne Parahibano, ora promovido a capitão, André Vidal de Negreiros, de quem ja temos feito menção, e ao qual, dentro de poucos annos, Pernambuco veiu a dever, talvez mais que a nenhum outro chefe, sua restauração”. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 388.

para os Castelhanos. É já tempo de sermos mais generosos com esse Italiano que, com poucos recursos, tantas vezes expoz a sua vida pela nossa patria”.<sup>143</sup> De outra feita, a sutil crítica à idéia de independência, quando transposta para o período, no mesmo sentido do que ora se trata aqui, ganha contornos positivos, como na passagem em que o historiador oitocentista fala na figura de Amador Bueno:

“Se acreditamos a tradição que no seculo passado recolheu um monge beneditino filho da Provincia, houve até o pensamento de independencia; e ao tratar-se de o realizar não se levou a effeito pela abnegação de Amador Bueno, a quem foi offerecida a corôa. O credito em que era tido na provincia este grande homem se collige das seguintes palavras da eloquente representação, com que no anno immediato o recommendavam ao rei, ‘como homem rico e poderoso, bem entendido, capaz e merecedor de todos os cargos em que V. M. o occupar, porque nos que de fôra encarregado deu sempre verdadeira conta e satisfação’”.<sup>144</sup>

No entanto, no contexto das invasões holandesas, nenhum personagem será mais admirado por Varnhagen do que Maurício de Nassau, um nome que de certa forma ordena parte da temporalidade do evento trabalhado.<sup>145</sup> Nas palavras daquele:

“A mencionada Companhia Occidental e os Estados Geraes conheceram a necessidade de mandar ao Brazil um chefe habil e prudente, que reunisse, como um vice-rei, a autoridade militar e civil, e tratasse com justiça e igualdade conquistados e conquistadores. Com aplauso geral foi para tal cargo lembrado o illustre Mauricio de Nassau, primo do Principe de Orange, e ja afamado na Europa por seus feitos distinctos, sobretudo militares. A acertada administração desse primeiro principe das casas reaes da Europa que poz pés no continente Americano merece um especial logar na historia da

<sup>143</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 379.

<sup>144</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 408. O monge beneditino a quem se refere Varnhagen é Frei Gaspar de Madre Deus, como o mesmo indica em nota de rodapé. Um outro exemplo da idéia de nação deslocada para o século XVII por Varnhagen é o que se segue: “Ora os esforços espontaneos dos Maranhenses e Cearenses acabavam de ser coroados de triunfantes resultados, quando nenhum exito haviam produzido, nem as tropas e navios do conde da Torre, nem as diplomacias de Montalvão. Não era pois de admirar que a muitos Brasileiros, residentes quer na extensão que decorre do Rio Grande do Norte até o Rio Real, quer no territorio fóra do dominio hollandez, o amor da patria indicasse que lhes cumpria tentar esforços semelhantes para de todo sacudir do seu paiz o jugo estranho. Pensamentos taes que estão no coração de todos, não tem autor determinado. Necessitam só de uma alma grande que delles se apodere e lhes dê impulso”. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 3.

<sup>145</sup> Ver: BONNET, Jean-Claude. “La métamorphose de la gloire”. In: BONNET, Jean-Claude. *Naissance du panthéon. Essai sur le culte des grands hommes*. Paris: Fayard, 1998, p. 29-49.

civilização do nosso territorio, e justo é que a elle dediquemos, exclusivamente as duas seguintes secções”.<sup>146</sup>

O historiador segue em tom laudatório:

“– Tal é a condição humana! Um só homem, um só nome, um centro prestigioso pode muitas vezes operar em nossos animos o que não conseguiriam os mais heroicos estímulos da glória e da ambição. Nesta parte a historia é melhor mestra da humanidade que o raciocínio dos philosophos, que, sem conhecimento practico do homem, pretendem dar preceitos para o governo dos homens”.<sup>147</sup>

Temístocles Cezar lembra que este último trecho foi suprimido na segunda edição da *Historia geral do Brazil*. Conforme o autor, “poderia-se pensar também que essa supressão teria relação com a dissolução da noção de *historia magistra vitae* na historiografia brasileira daquela época”.<sup>148</sup> Essas alterações no texto praticadas por Varnhagen apontam para mudanças particulares na disciplina histórica e, como indica Cezar, no regime de historicidade em um sentido mais amplo. Por isso, é importante questionar os motivos pelos quais, no caso específico das descrições e análises das lutas com os holandeses, se utiliza o historiador de referências como a seguinte: “Esta pequena divisão desprotegida não desanimou no meio da orfandade, comparavel á do exercito dos dez mil na Persia quando perdeu os seus chefes. Luiz Barbalho foi o Xenofonte que dirigiu a trabalhosa retirada, sendo para lamentar que não nos deixasse, como o caudilho atheniense, a narração dos serviços que então lhe deveu a patria”.<sup>149</sup> Qual seria a circunstância para a crença varnhagueniana, conforme alguns autores costumam verificar, na guerra como um elemento nacional aglutinador?

Não constitui o objetivo dessa análise buscar respostas para a inclusão das remissões de antigos e modernos na *Historia geral* e seus efeitos na operação historiográfica do autor, o que certamente constituiria outro estudo. A intenção aqui é menos abrangente. Todavia, considerando-se Tucídides, autor da conhecida *História da Guerra do Peloponeso*, e também o mais importante nome vinculado à biografia entre os antigos, Plutarco, e suas *Vidas Paralelas*, o que haveria de semelhante ou ilusória familiaridade na escrita sobre as lutas em Varnhagen? Por que seus “illustres” tornam-se mais marcantes nesse assunto em especial? O

<sup>146</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 375.

<sup>147</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 376.

<sup>148</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture del'histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. op. cit.*, p. 566 (Tomo II).

<sup>149</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1854, p. 394.

que motivaria o historiador a estudar suas vidas e tomar partido deste ou daquele nome, como no caso abaixo:

“Tinha-a André Vidal de Negreiros, filho da Parahiba, e que já em secções precedentes deixámos conhecido por notaveis feitos de guerra, em consequencia dos quaes foi successivamente promovido por distincção até o posto de tenente de mestre de campo, que podemos dizer de tenente coronel; pois que ainda que a alguns postos da milicia se davam nomes differentes dos de hoje, eram elles quasi os mesmos, e se haviam de todo introduzido no Brazil durante esta guerra. E bem que não faltassem escriptores, que, contradizendo ás vezes sua afirmativa com os proprios factos que narravam, quizessem, em parte por disfarce politico, outorgar toda a gloria a João Fernandes Vieira, chamando-lhe ja Valerozo Lucideno, ja Castrioto lusitano, nós apelamos unicamente para os factos comprovados, e ao examinal-os o leitor julgará se, dando a palma a André Vidal, no mais minimo sentenciamos com paixão. Lisongeiro nos é sem duvida ter de exaltar a memória de um illustre patricio; mas no caso actual, em que para enaltecer a um heroe, ha que deixar um tanto deprimido outro, até agora injustamente exaltado em demasia, não o executáramos se a consciencia guiada pela justiça, nos não alentára a ponto de conhecer que nos não cega a grande sympathia que temos pelas virtudes do heroe parahibano, que não hesitamos apresentar como digno até de figurar em uma epopéa nacional. Na historia da civilisação das nações em particular, como na da humanidade em geral, ha sempre grandes caracteres ou grandes intelligencias que são os precusores ou verdadeiros creadores do pensamento de novas eras; e ao historiador cumpre o descortinal-os. Muitas vezes contemporaneamente essas grandes capacidades, esses grandes homens, viveram confundidos com as turbas, ou foram por estas ou pelos poderosos da terra perseguidos ou desprezados, se tiveram bastante coragem e dignidade para não adular estes nem aquellas; mas a verdade triunfa por fim, e o galardão posthumo é tanto maior, quanto mais clamorosa foi a injustiça dos antepassados. O martyrio tambem dá a palma da gloria. Pela nossa parte, que começámos por tributar a Raymundo Lullio, a Colombo e a Diogo de Gouvea o louvor devido ao talento, – ás vezes a uma só idéa fecunda, não poderiamos aqui deixar de reivindicar a gloria que cabe, em nosso entender, ao modesto parahibano André Vidal, que mais de uma vez derramou seu sangue pela patria. Em presença dos factos, taes como são contados pelos proprios apologistas de Fernandes Vieira, nos convenceremos de que, se houve naquelle mesmo seculo, por motivos politicos e razões de estado, necessidade de proclamar os seus serviços como superiores aos de Vidal, hoje ha que tributar a este a justiça devida, e concordar que, abstrahindo da protecção do governo, exercida disfarçadamente pelo governador Antonio Telles, a elle principalmente foi pela maior parte devido o exito da insurreição de Pernambuco”.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 3-4.

A passagem, embora longa, é de grande valia na tentativa de respostas a indagações como as que a precederam. Varnhagen desenvolve uma reflexão contundente, marcada pelo projeto de uma historiografia nacional no qual estava envolvido, mas também reveladora de seus pressupostos críticos nas pesquisas biográficas. Há, inclusive, como se pode notar, uma pequena revisão bibliográfica, dado que o autor da *Historia geral* cita duas importantes obras relativas aos eventos que narra: *Valeroso Lucideno* (1648), de Manuel Calado, e *Castrioto Lusitano* (concluído em 1675), de Rafael de Jesus. Esta última, como ressalta José Honório Rodrigues, muito criticada por Varnhagen, corresponde à biografia de João Fernandes Vieira, personagem ao qual busca Varnhagen atribuir o devido mérito, garantindo a Vidal de Negreiros a láurea histórica.<sup>151</sup> A correção biográfica do passado, tendo em vista uma visão histórica justa e correta da nação, é baseada no argumento de que se, à época dos acontecimentos, havia a necessidade de promover determinado personagem, caberia à história oitocentista corrigir tais equívocos, sem que se negasse o orgulho no elogio de um “illustre patricio”. Ao atentar a tais aspectos, a tônica *magistra* perde em parte seu sentido de encarregar o presente de fixar paralelos com o passado.

Tucídides, como ressalta Jeanne Marie Gagnebin, “escreve no presente sobre o presente para instruir o futuro, confiante que da história do passado possa-se aprender para o presente, pois a natureza humana continua inalterada, isto é, sempre presentes a obedecer ao desejo de poder, sacrificando o interesse geral aos interesses particulares e egoístas. Inaugura, assim, a figura da *Historia Magistra Vitae*, desenhando estes quadros renascentistas nos quais um historiador sóbrio e sábio, de pé no segundo plano, olha para um jovem príncipe que decifra as regras da vida política nos antigos livros de história”.<sup>152</sup> Jacqueline de Romilly, ao analisar os relatos de batalhas na obra do mesmo autor antigo, diz: “o relato de batalha, por conseguinte, distingue-se do relato em geral. Apresenta, é claro, a mesma unidade, a mesma ausência de tudo o que for anedótico, individual ou acessório”.<sup>153</sup>

As considerações das duas autoras citadas já deflagram diferenças agudas entre os relatos de Varnhagen e o consagrado escrito de Tucídides. A *Historia geral* é escrita seguramente do presente, de um presente específico e ditador de sua forma e da ordem dos discursos nela engendrados, porém quer tratar do passado e servir ao presente, pragmática e

<sup>151</sup> RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil. op. cit.*, p. 54-55.

<sup>152</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O início da história e as lágrimas de Tucídides”. *Margem*, São Paulo, 1, 1992, p. 9-28 (citação p. 23).

<sup>153</sup> ROMILLY, Jacqueline de. *História e razão em Tucídides*. Brasília: UnB, 1998, p. 82.

pedagogicamente. Da mesma forma, ao contrário da *Historia* tucidideana, os relatos de batalha são carregados de referências individuais e anedóticas, como no exemplo que segue:

“A outra vez podia trazer acaso ainda peores consequencias. Intentou-se aleivosamente contra a vida de Fernandes Vieira, que chegou a ser ferido em um hombro; e querem alguns que fossem nisso cumplices, senão cabeças, os seus rivaes, que não se atrevendo a apresentar-se em pessoa, trataram covardemente de endossar o crime e o perigo d'elle a braços innocentes e alheios ás suas paixões. Não somos grandes entusiastas de Fernandes Vieira; mas neste momento se fomos partidarios dos seus rivaes, nos separariamos d'elles, desde que por seu lado havia quem empregava taes meios para chegar a seus fins. Felizmente André Vidal foi alheio a taes planos e antes sendo, desde que se apresentou, o verdadeiro chefe, deixava que Fernandes Vieira apparecesse como tal. E o certo é que quaesquer transtornos em momentos tão criticos podiam até fazer variar a sorte da guerra. Por isso tratava André Vidal sempre de apaziguar as rivalidades, persuadindo a todos como o soffrimento é o segundo valor dos homens, e como muitas vezes e conquista com a paciencia e a resignação o que de todo se perderia com um vivo acomettimento. Praz-nos ao menos acreditar que nenhum patricio respeitavel tomou parte no attentado, e que elle foi obra de certa gente que sempre damnam as causas a que se associam”.<sup>154</sup>

É possível que o excesso de conduções individuais correspondam às imposições das fontes com as quais contava o historiador. Varnhagen, em mais uma contrariedade na comparação a Tucídides, duvida da oralidade presente nos documentos. Falando da insurreição na Bahia, ocorrida em meio aos acontecimentos das lutas, declara: “Effectuada pois a junção de todas as forças, e deixando agora de parte os dialogos de comedia que os escriptores contemporaneos, e alguns modernos tambem, poseram em boca principalmente de Vidal e de Fernandes Vieira, desde logo se combinou o modo como havia que proceder ao ataque destes tres pontos occupados”.<sup>155</sup> Nestes termos, é preciso verificar mais acuradamente as supostas aproximações entre a escrita de Varnhagen e os modelos dos antigos. A pergunta deve recair nas motivações para as tão significativas participações dos heróis promovidos pelo historiador, como os já mencionados Camarão e André Vidal, além de outros que se revelam ao longo das seções, tais os casos de Salvador Correa de Sá e Benevides e Henrique Dias.<sup>156</sup>

<sup>154</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 14-15.

<sup>155</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 11.

<sup>156</sup> Exemplos de passagens em que Benevides e Dias são incorporados à narrativa: “Alguns navios desta armada seguiram para o Rio de Janeiro, com Salvador Correa de Sá e Benavides que bem que ja nomeado governador de Angola, ia feito capitão mór do Rio, com o auxilio de oitenta mil cruzadas de donativos que juntou nesta ultima praça, preparou para soccorrer Angola uma regular expedição, concorrendo elle á sua parte com quatro navios.

“Favorecei, ao menos a memoria, de vossos heroes, de vossos escriptores, de vossos artistas, e a vossa nação terá artistas, terá escriptores e terá heroes. E se não podeis levantar os padrões, ao menos entretanto commemorai os seus nomes pelos outros muitos meios de que dispondes: commemorai esses nomes nos dos barcos de guerra, e até nos das proprias motrizes das vias ferreas!”.<sup>157</sup> Em passagens como essa, Varnhagen evidencia sua preocupação: a nação precisa de heróis. Provavelmente, seria a marca de um uso político da tradição plutarqueana. A nação brasileira necessitava de seus grandes homens e caso fossem eles “brasileiros” tanto melhor. Vislumbrar a civilização de um indígena, como no caso de Camarão, é, com certeza, um acordo que atribui sentido para a obra:

“D. Antonio Filippe Camarão (traduzindo-se este apelido do de *Poty* que levava como selvagem, e que significa o mesmo), unido á causa da civilisação desde o estabelecimento da capitania do Ceará, não cessára jamais de prestar serviços importantes, ja contra os Francezes na costa do norte, ja contra os Hollandezes na Bahia e em Pernambuco, ja contra os proprios selvagens. Ao vê-lo no fim da vida tão bom christão, e tão diferente do que fôra, e do que haviam sido no mato os seus pais, não ha que argumentar entre os homens com

---

Essa importante colonia d’Africa, principal viveiro d’escravos para o Brazil, estava ja quasi de todo em poder dos Hollandezes, senhores da sua capital, desde que haviam ficado quasi inutilizados os ultimos esforços feitos em 1645 para restaural-a, fallecendo, em maio do anno seguinte, o governador do Rio, Francisco de Souto Maior, a quem fora a empreza commettida. A nova tentativa foi mais feliz: Salvador Correa apresentou-se primeiro em Quicombo, a pretexto de que ia construir um presidio, afim de proteger os Portuguezes que estavam disseminados pelo sertão; julgando porém favoravel o ensejo, fez-se de vela para Loanda, onde não havendo os Hollandezes querido entregar-se, desembarcou e os atacou bravamente, com o que os obrigou a capitular no dia 15 d’agosto de 1648”. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 19. “Henrique Dias era bravo, fogoso e ás vezes desabrido; e mais valente para obrar, que apto para conceder. Naturalmente loquaz, desconhecia o valor do segredo e discrição nas emprezas; mas era dotado de coração benevolo e uma alma bemfazeja. – Do seu companheiro Camarão ja dissemos quanto sabiamos. Com profunda magoa nos cabe aqui dizer que de nenhum desses chefes conhecemos o jazigo, que nenhum delles tem no paiz uma estatua, nem ha representantes vivos que de cada qual leve o nome! O mesmo dizemos acerca dos illustres restauradores do Maranhão Antonio Muniz Barreiros e Antonio Teixeira de Mello. Este recebeu como primeiro premio do seu serviço (talvez depois de ser chamado á Corte) a sentença de 12 de Dezembro de 1646 obrigando-o a pagar ao donatario de Taduitapera (Alcantara) quatro mil cruzados de perdas e damnos por haver obrigado os seus colonos aos trabalhos de guerra! – Ja o consciencioso Berredo (§926) lamentava a injustiça da patria para com os herdeiros de Teixeira de Mello, quando se provára judicialmente sua illustre procedencia. – Resta desses heroes só a historia: mas o estudo e a leitura da historia alcança a tão poucos!.... Pela nossa parte, confessamos que teriamos orgulho de apresentar hoje em dia ás outras nações alguns herdeiros dos poucos grandes homens que figuram no nosso passado; tanto mais quando opinamos que a aristocracia hereditaria tem por si o apoio da razão; pois uma vez que, particularmente, do que se alcançou cabedades votando-se ao commercio, ou a qualquer industria braçal ou mental, respeitamos a propriedade transmitida aos filhos e netos, não concebemos que igualdade de justiça haja de excluir do goso da hereditariedade a certas recompensas publicas *ganhas* pelo que, em vez de terem dedicado a vida a juntar dinheiro, a gastaram mais nobremente servindo a patria, á custa de seu sangue, do seu cogitar, e até da sua propria fazenda.... O que devéras ama a glória, mais sacrificios fará por adquiril-a, quando a veja no futuro por todas as formas perpetuada, e quando a patria recompense nos filhos sua abnegação, e lhes assegure a propriedade das honras, que elles em vez de dobrões juntaram. Contendo-nos porém nestes desaforos, que poderiam degenerar em dissertações de publicistas, digamos em resumo quanto se passou na entrega da praça”. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 31.

<sup>157</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 21.

superioridades de gerações; sim deve abysmar-nos a magia da educação, que, ministrada embora á força, opera taes transformações que de um Barbaro prejudicial á sociedade, se pode conseguir um cidadão util a si e á patria. – O illustre commendador Camarão era mui bem inclinado, commedido e cortez, e no falar mui grave e formal; e consta que não só lia e escrevia bem, como que não era estranho ao latim. – Era um typo do soldado modesto, que combate pela patria na idéa de não ter feito mais do que o seu dever”.<sup>158</sup>

Da mesma forma, se Fernandes Vieira não merecia tantos elogios, André Vidal necessitava de Plutarco para que recebesse o devido louvor:

“E deixando que os louros da victoria ornem a frente dos nossos principaes caudilhos, justo é que delles nos occupemos, e demos a cada um, com toda a imparcialidade historica, o quinhão de justiça e de consideração que lhe caiba. Estudando bem os factos João Fernandes Vieira não aparece decididamente tão grande homem, como em detrimento dos seus camaradas, nol-o quizeram apresentar seus panegyristas. Era astuto, mas vão, e excessivamente ambicioso, juntando a isto o chegar a ser escravo da cobiça; e bem que se mostrasse desprendido de quanto possuia e muito esmoller, parecia assim obrar com o intuito de lograr mais. Segundo os Hollandezes rebellou-se porque lhes devia o que não podia pagar; e se disto pode duvidar-se, é com tudo certo que o mesmo Fernandes Vieira lucrou administrando o engenho e os fundos do seu bemfeitor, o Hollandez Jacob Stachouwer. Era Fernandes Vieira de aspecto melancolico, testa batida, feições pontudas, olhos grandes, mas amortecidos, e de poucas falas, excepto quando se occupava de aí; pois desconhecia a virtude da modestia, ainda na velhice. André Vidal era homem tão superior que necessitara um Plutarcho para apreciar-o. Em quando empredeu, sempre com muito esforço e valor, não levára a mira no premio, nem talvez nesse mesmo fantasma da gloria que tantas vezes nos embriaga; tudo fez por zelo e amor ao Brazil, ou por caridade christã. Sua abnegação a bem da patria chegou ao excesso de consentir que circulassem, sem a minima reclamação, essas infindas narrações contemporaneas desta campanha, que sempre lhe atribuiram um papel tão secundario. Quanto possuia era primeiro dos bons soldados do que seu. E tinha o raro merito de saber grangear amigos, sem lhes offender se quer o melindre por agradecidos. Do seu sincero animo religioso nos deixou prova na capella da Senhora do Desterro, perto de Guaiana, por elle instituida ‘em louvor dos muitos beneficios e victorias que por intercessão da mesma Senhora alcançou dos inimigos.’”<sup>159</sup>

<sup>158</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 22.

<sup>159</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 29-30.

A comprovação dos usos da biografia viria com a publicação, em 1871, da *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. No longo prefácio à obra, onde ressoa um ar polemista por parte do historiador, Varnhagen responde a uma série de críticas que teria recebido em função das ressalvas que fizera às fontes por ele utilizadas na escrita da *Historia geral*. No entanto, o que interessa ressaltar é a seguinte explicação presente no prólogo:

“Achávamos, por motivos de serviço publico, no Rio de Janeiro, e acidentalmente em Petrópolis, e ainda estava por decidir a titânica luta que o Brasil sustentou no Paraguai, e nem sequer as armas aliadas haviam vencido o Humaitá e éramos testemunhas dos desfalecimentos de alguns, quando, com o assentimento de vários amigos, nos pareceu que não deixaria de concorrer a acoroçoar os que já se queixavam de uma guerra de mais de dois anos, o avivar-lhes a lembrança, apresentando-lhes, de uma forma conveniente, o exemplo de outra mais antiga, em que o próprio Brasil, ainda então insignificante colônia, havia lutado, durante vinte e quatro anos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações naquele tempo mais guerreiras da Europa. Tal foi o estímulo que tivemos para nos lançarmos, antes do tempo prometido, à redação da história especial dos mencionados vinte e quatro anos de luta, incluindo também os precedentes, em que se haviam passado os preliminares dela; [...]”<sup>160</sup>

Como não esconde Varnhagen, a publicação possuía uma clara finalidade: estimular os combatentes envolvidos na Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim, arranjada a partir do que já havia escrito em suas patrióticas seções dedicadas às invasões na *Historia geral*, somando-se àquelas mais informações extraídas de alguns novos escritos e mapas por ele reunidos, o livro foi impresso. O modo como são tratados os personagens é extremamente semelhante ao que se desenvolve na obra geral. Padre Antônio Vieira é citado novamente como uma testemunha confiável.<sup>161</sup> Os ganhos do governo de Nassau são descritos e elogiados.<sup>162</sup> Estabelece-se a comparação entre a figura de Luiz Barbalho e Xenofonte fazendo uso basicamente das mesmas palavras e argumentos.<sup>163</sup> Algo a ser destacado é a correção quanto à naturalidade de Felipe Camarão, cujas novas pesquisas do historiador revelaram equivocada aquela atribuída na *Historia geral*.<sup>164</sup>

<sup>160</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Cidade do Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1872], p. 11-12. Houve uma segunda edição da obra já no ano de 1872.

<sup>161</sup> *Idem*, p. 76.

<sup>162</sup> *Idem*, p. 206-213.

<sup>163</sup> *Idem*, p. 236.

<sup>164</sup> *Idem*, p. 350.

Outra particularidade da *História das lutas* é a citação feita por Varnhagen de um documento em que os conjurados de Pernambuco, no ano de 1645, contrários ao domínio holandês, referem-se à localidade como “nossa pátria”, detalhe observado por Arno Wehling.<sup>165</sup> Para este: “Varnhagen foi o primeiro historiador a chamar a atenção para o fato de que a palavra ‘pátria’ foi utilizada pelos líderes da insurreição Pernambucana, em seu Manifesto, sem entrar em considerações sobre sua precisão semântica, associando-a implicitamente ao sentido nacionalista moderno”.<sup>166</sup> De acordo com Wehling, apesar da constatação de que a criação da nação, para o autor da obra, fosse um compromisso dos homens da sua época, ele identificava traços regionais de patriotismo nas reações anti-holandesas e na literatura arcádica do século XVIII.<sup>167</sup>

Ao final do livro, nos elogios aos heróis, Varnhagen rememora que André Vidal, por todos os seus méritos, exigia um Plutarco para dar devido trato a sua biografia.<sup>168</sup> E essa repetida opinião permite que se recupere aqui a segunda analogia com os antigos acima indicada. Que função o nome do autor das *Vidas Paralelas* assumia no discurso varnhagueniano? François Hartog elaborou um estudo dedicado à investigação das recepções da obra plutarqueana em diferentes épocas. Segundo este, de certa forma, Plutarco ocupa a distância entre antigos e modernos e suas *Vidas* representam um legado de exceção.<sup>169</sup> “Não há outro Plutarco entre os Antigos: escreve-se biografias, antes e depois dele, compõem-se tratados morais, numerosos, mas o projeto de vidas, concebidas como paralelas, é único”.<sup>170</sup> Ao verificar o lugar ocupado pelas *Vidas* na economia da obra do autor antigo, Hartog ressalta ainda que elas não se tratavam de história, mas de filosofia moral, a biografia consistia em um convite à vida filosófica, seguindo o padrão (vinculado a Pitágoras) de converter o leitor em espectador, ou seja, o leitor deve executar ativamente o papel de avaliar as vidas e tirar suas conclusões.<sup>171</sup> Ainda a partir do historiador francês, a biografia seria um caminho diferente entre os recursos disponíveis para o desenvolvimento da filosofia moral em Plutarco. Portanto, este não deve ter sua figura dividida entre filósofo e biógrafo.<sup>172</sup>

<sup>165</sup> *Idem*, p. 287.

<sup>166</sup> WEHLING, Arno. “Varnhagen, história e diplomacia”. In: SILVA, Alberto da Costa e (org.). *O Itamaraty na cultura brasileira*. Brasília: Instituto Rio Branco, 2001, p. 40-55 (citação p. 45, nota 15).

<sup>167</sup> *Idem*, p. 45.

<sup>168</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. *op. cit.*, p. 389.

<sup>169</sup> HARTOG, François. “Um Ancien chez les Modernes: Plutarque”. In: HARTOG, François. *Anciens, Modernes, Sauvages*. Paris: Galaade, 2005, p. 99-147.

<sup>170</sup> *Idem*, p. 101.

<sup>171</sup> *Idem*, p. 104. Para uma avaliação um pouco diferente do conjunto da obra de Plutarco, ver: SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco Historiador*. São Paulo: EDUSP, 2006.

<sup>172</sup> HARTOG, François. “Um Ancien chez les Modernes: Plutarque”. *op. cit.*, p. 106-107.

Para além da longa e detalhada investigação desenvolvida por Hartog, creio que as pontuações supracitadas descrevem um pouco o desenho daquela obra entre os modernos e, sobretudo, sua importância entre os antigos. Na precisa apropriação em Varnhagen e seus heróis de guerra, tal como alude Hartog, no século XIX, “no grande homem há necessariamente um grande patriota, grande por ter escrito uma página gloriosa da biografia da nação”.<sup>173</sup> Varnhagen, em sua concepção pragmática da história, não esperaria que os grandes homens do Oitocentos tomassem a iniciativa de escrever suas páginas e, por isso, lá estava ele, disposto a lembrá-los de que não estavam sós no campo de batalha, fosse no passado, fosse no presente.

---

<sup>173</sup> *Idem*, p. 138.

### 3. Da comparação ao paralelo: disciplinar o passado, construir o presente

É bastante nítido que o heroísmo varnhagueniano era diferente daquele vislumbrado na Antiguidade ou mesmo nos séculos que imediatamente precederam a sua obra.<sup>174</sup> Da mesma maneira, seus grandes e ilustres homens não eram próximos àqueles pintados por Plutarco ou pelos iluministas do século XVIII.<sup>175</sup> Não seria a retórica presentista calcada nos discursos e orações fúnebres, como no caso de Tucídides, por exemplo, mas a inclusão concreta, ao longo de toda a narração, de personagens do passado construídos por meio de documentos. A temática da guerra seria apropriada em sentido bastante particular na experiência oitocentista presentificada por Varnhagen. A filosofia moral de Plutarco, igualmente, não era convocada em suas bases mais sólidas, pois fazer dos homens envolvidos em uma guerra do passado motivações para aqueles do presente não visava uma aproximação entre as duas temporalidades senão no que diz respeito à concepção de história em Varnhagen, ou seja, acima de tudo, pragmática e nacional.

Os biografados presentes na *Historia geral do Brazil* exercem atividades e funções epistemológicas. Conhecer uma vida pode significar a relevância ou o abandono de determinado assunto ou de crítica documental. Ela, uma vida, pode ocupar o lugar da testemunha, pode, por meio de sua cor local, dar fé de determinado período ou conjunto de acontecimentos. Já que Varnhagen não contava com a condição de Tucídides, de “estar lá”, e poder “ver com os próprios olhos”, algumas das vidas que aquele incorpora ao texto fazem as vezes de *vicarious witness*.<sup>176</sup> Um biografado pode favorecer um diálogo com a tradição e, desse modo, aperfeiçoar uma idéia de história.

A biografia participa da formação disciplinar da história em sua plenitude. Ela é, sobremaneira, um recurso narrativo. Ela está nos arquivos, nos métodos e técnicas, nos textos elaborados pelo historiador. Até mesmo os povos “sem história”, condenados ao exame etnográfico, escapariam de uma leitura absolutamente estatística por meio de um biografado exemplar. Varnhagen primeiro compara e depois, quando julga oportuno, sugere paralelos em um jogo de memória, mas sobretudo com a história. Tal como aponta Fernando Nicolazzi:

“Um regime de historicidade onde a consciência do passado depende, não apenas de uma narrativa transmitida oralmente sem grandes preocupações de veracidade e que se transforma com o tempo, mas de

<sup>174</sup> Ver: DOSSE, François. “L’âge héroïque”. In: *Le pari biographique. Écrire une vie. op. cit.*, p. 133-149.

<sup>175</sup> *Idem*, p. 164-211.

<sup>176</sup> HARTOG, François. “A testemunha e o historiador”. *op. cit.*, p. 16.

toda uma estrutura material de inscrição dos vestígios e indícios do passado em um apelo à permanência e à estabilidade; do modo por meio do qual tal estrutura é organizada, delimitada e trabalhada; da capacidade retórica, tanto na forma de eloquência como na de argumentação, daquele que escreve, de maneira que, a partir dos documentos mesmos, chegue a um relato próprio seu, na construção da sua autoridade; um regime de historicidade como esse não pode mesmo atribuir apenas à memória as marcas de seu passado”.<sup>177</sup>

De um regime de historicidade moderno, descrito por Nicolazzi, a regimes de autoridade variados, constituídos entre o final do século XVIII e seguindo-se por todo o século XIX, o gênero biográfico, como Plutarco, é um “antigo entre modernos”. Nesses regimes de autoridade reside comumente, como analisa Pascal Payen, a importância e a ambivalência que marca a presença de autores antigos nos escritos modernos.<sup>178</sup> Seja como um instrumento retórico, seja como uma sugestão estilística, o modo como modelos antigos são operados na modernidade é elemento determinante na caracterização dos usos da história em seu contexto de disciplinarização.

Por isso é preciso fixar a diferença entre as noções de paralelo e de comparação entre antigos e modernos, tal como explicitadas por Hartog, e a paráfrase que intitula este derradeiro item. O paralelo, segundo Hartog, é o instrumento por excelência da *historia magistra vitae*, de uma noção de tempo cíclica.<sup>179</sup> Ele é o recurso que permitiria aos antigos presentificar o passado por meio da imitação.<sup>180</sup> Com as chamadas “querelas” entre antigos e modernos, o paralelismo teria perdido sua força, estabelecendo a comparação como um mecanismo de ordem dos tempos mais apropriado a uma idéia de tempo que progride e evolui. O conjunto de explicações acima sintetizados auxiliam na reflexão que diz respeito às autoridades que se justificam ou mesmo emergem no século XIX e nas suas particulares noções de tempo. Em Varnhagen, a biografia é um meio de comparar e configurar épocas e até fazê-las convergir para o presente. Desse modo, o paralelo que o historiador visa estabelecer no caso das guerras dos séculos XVII e XIX não quer tornar o primeiro presente por meio da história, mas fazer uso, no segundo, daquele passado convertido em história.

<sup>177</sup> NICOLAZZI, Fernando. “História: memória e contramemória”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 217-234 (citação p. 222).

<sup>178</sup> PAYEN, Pascal. “La constitution de l’histoire comme science au XIX siècle et ses modèles anciens: fin d’une illusion ou avenir d’un héritage?”. Comunicação apresentada na conferência proferida em 2008 no IFCH/UFRGS. Texto cedido pelo autor, p. 11.

<sup>179</sup> HARTOG, François. “Conclusion: du parallèle à la comparaison”. In: HARTOG, François. *Anciens, Modernes, Sauvages. op. cit.*, p. 197-219.

<sup>180</sup> *Idem*, p. 198.

Nas seções que se seguem após a guerra, na *Historia geral*, há pouco o que ressaltar sobre o gênero biográfico. A proximidade temporal parece alterar em alguns casos a necessidade ou a obrigatoriedade das explicações relacionadas aos personagens.<sup>181</sup> Eles são citados e agregados à narrativa sob outras óticas que não aquela que se viu nos exemplos selecionados e trabalhados ao longo dessa segunda parte do presente estudo. O “mordaz Gregorio de Mattos” e personagens coletivos recorrentes, como os jesuítas, são criticados por Varnhagen.<sup>182</sup> Análises mais gerais tratam do Santo Ofício, dos autores setecentistas e da administração pombalina e dos “letrados do Brazil” que seguiam para Portugal em busca de formação e conhecimentos.<sup>183</sup> Alguns de seus biografados na *Revista do IHGB* aparecem, mas apenas como personagens invocados pelo assunto apresentado, sem maiores detalhamentos biográficos, como no caso dos astrônomos Antonio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda.<sup>184</sup> Talvez uma rara exceção pode ser observada no espaço dedicado a Santa Rita Durão:

“Fazendo menção de tantos escriptores que illustram então o Brazil, fôra grave falta não tributar neste logar homenagem a um illustre Brasileiro, que seguindo, por via differente, os passos de José Basilio, presenteou a sua patria com a epopea do descobrimento e colonisação do Brazil, á qual podéra com razão haver intitulado *Braziliada*. Fr. José de Santa Rita Durão foi o poeta epico a que nos referimos, e *Caramurú* o nome por ele escolhido para a sua epopéa, que publicou em Lisboa em 1781, tres annos depois de haver recolhido a Portugal; donde, ao doutorar-se em Coimbra, tivera que fugar-se para evitar a perseguição, por haver-se envolvido em assumptos politicos, sendo alias regrante de Santo Agostinho”.<sup>185</sup>

Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e mesmo Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, são brevemente citados, sobretudo quando da entrada em questão de suas condenações (sendo a chamada Inconfidência Mineira, como se sabe, um assunto delicado, nos quadros da história narrada por Varnhagen).<sup>186</sup> Outro de seus biografados, o bispo Azeredo Coutinho, é brevemente elogiado.<sup>187</sup> O dicionarista Moraes

<sup>181</sup> LEDUC, Jean. “A quels temps écrit-on l’histoire?”. In: LEDUC, Jean. *Les historiens et le temps. Conceptions, problématiques, écritures*. Paris: Seuil, 1999, p. 207-243.

<sup>182</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. op. cit.*, 1857, p. 85-89; 138-139.

<sup>183</sup> *Idem*, p. 179-184; 252-253.

<sup>184</sup> *Idem*, p. 253-258.

<sup>185</sup> *Idem*, p. 262.

<sup>186</sup> *Idem*, p. 272-280. Ver: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Magestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, n. 388, jul./set., 1995, p. 522.

<sup>187</sup> *Idem*, p. 289.

merece uma pequena menção biográfica, assim como Southey e Januário da Cunha Barbosa.<sup>188</sup>

Desse modo, chega-se aos momentos finais da obra e retorna-se ao seu autor, seu pai e o império de D. Pedro I, e às glórias de D. Pedro II, pois este tornara possível o longo empreendimento de seu “fiel súdito”, Francisco Adolfo de Varnhagen. Sua *Historia* deveria bem servir, enfim, a este contexto, o presente em que ela tem seu início e seu fim. Um registro interessante é que o historiador abre o prólogo à segunda edição da obra, em 1877, com uma citação de Tocqueville, onde este conclama às investigações das origens nacionais. Ao pretender legitimar uma vez mais a relevância de seu trabalho, comentava logo após à citação: “estas poucas linhas de autoridade insuspeita servirão de carta de recommendação para aquelles que imaginem de menos interesse o estudo da nossa historia, nos tempos coloniaes, sob regimen differente do que adoptou o imperio independente e liberal”.<sup>189</sup> Ao contrário de Tocqueville, que, como sugere Marcelo Jasmin, cria mais na sua capacidade de julgar os fatos do que de narrá-los, Varnhagen estava certo de que contava com as duas habilidades.<sup>190</sup> E tão interessante quanto esta menção a Tocqueville é o registro de uma missiva, com data também no ano de 1877, em que comenta com José Carlos Rodrigues, redator da revista *Novo Mundo*, editada em Nova Iorque, algumas críticas que recebera o historiador em artigo publicado no referido periódico. Tratava-se de oposições à defesa de André Vidal frente a João Fernandes Vieira que, como se analisou aqui, foi uma tarefa de Varnhagen. Depois de uma longa réplica ao dito autor do artigo que apresentava contrariedades às suas opiniões, escreveu o historiador:

“Apello para centenares de passagens de minha *Historia Geral* afim de que decidam se acaso sou dos que, por mal entendido amor pela terra em que nasci, ou pelos filhos della, deixo de tributar a devida justiça aos benemeritos e abnegados amigos do Brazil, vindos ao mundo do outro lado do Atlantico... Sim Snrs.: é certo que por amor pela justiça devida ao verdadeiro mérito, e não convenientemente tributado, levantei pendão em favor de André Vidal, que estava considerado como de méritos mui inferiores a Fernandes Vieira, de quem já hoje é em todo o caso *posteo ao par*... Se, porem, no meu desempenho, fui mas além do que devia, como os antepassados

<sup>188</sup> *Idem*, p. 341; 346.

<sup>189</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª Ed. Integral. *op. cit.*, p. IV.

<sup>190</sup> JASMIN, Marcelo. “Historiografia e liberdade em *L’Ancien Régime et la Révolution*”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996, p. 93-122.

durante mais de dois séculos praticaram com Vieira em prejuízo de Vidal, deixo ‘ai posteri la sentenzia’”.<sup>191</sup>

A *Historia geral* era seu testemunho de autoridade incontestada, no limite, sua “autobiografia”, sua “identidade historiadora”.<sup>192</sup> Seu herói galgara o posto que lhe era merecido, também por sua obra.<sup>193</sup> Tal como nas epopéias homéricas, os “deuses” atuam, factual e individualmente, sobre os destinos dos heróis: “pode observar-se uma diferença ainda mais chocante nas relações entre os heróis e os deuses. Ainda que as decisões fundamentais sejam tomadas no Olimpo, na *Ilíada* os deuses intervêm episodicamente, na *Odisseia* Atena guia Ulisses e Telémaco passo a passo”.<sup>194</sup> A *Historia geral do Brazil*, um “templo dos tempos” varnhagenianos.

---

<sup>191</sup> Carta a José Carlos Rodrigues. Vienna, ..... de abril de 1877. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa, op. cit.*, p. 485-486.

<sup>192</sup> Pedro Lessa, no discurso por ele proferido na sessão solene, ocorrida em 17 de fevereiro de 1916, em homenagem ao centenário de nascimento de Varnhagen, registrava críticas à tomada de partido do falecido historiador oitocentista, ainda que em tom condescendente: “Ninguém contesta a exactidão das descrições, decalcadas com o maximo cuidado sobre os documentos, e sobre o estudo pessoal de logares que foram alguns dos theatros principaes da guerra. Mas, aqui se nos deparam igualmente annotações de ordem secundaria, concernentes a certos juizos ou commentarios, em que Varnhagen revela exaggerada predilecção ou injustificada antipathia por certas personagens desse período historico. Uma das victimas, geralmente apontadas, da injustiça do historiador brasileiro é João Fernandes Vieira, cujo amor ás riquezas e excessiva ambição são censuradas acrimoniosamente”. Ata: “Sessão solenne especial, em 17 de fevereiro de 1916, commemorativa do centenario do nascimento do Visconde de Porto Seguro”. *Revista do IHGB, op. cit.*, Tomo 80, 1917, p. 613-666 (citação p. 659).

<sup>193</sup> “Graças à epopéia, e através dela, a guerra de Tróia, que durante dez anos envolveu aqueus e troianos, pôde tornar-se esse acontecimento ‘axial’ à margem da história: inicialmente grega, a seguir romana, finalmente ocidental. Hoje questionada, na verdade recusada (como ‘Guerra de Tróia’), ela foi durante séculos um ponto de referência compartilhado. Tucídides reconheceu nela a primeira investida de envergadura que os gregos empreenderam ‘em comum’. O que, em suma, os constituiu como ‘gregos’”. Cf. HARTOG, François. “A fábrica da história: do ‘acontecimento’ à escrita da história. As primeiras escolhas gregas”. *História em Revista*, v. 6, dezembro/2000, p. 7-19 (citação p. 8, aspas do autor).

<sup>194</sup> FINLEY, M. I. “Aedos e heróis”. In: FINLEY, M. I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1982, p. 25-47 (citação p. 31).

## Considerações finais

“Da reunião de documentos à redação do livro, a prática histórica é totalmente relativa à estrutura da sociedade.”

Michel de Certeau<sup>1</sup>

“Existem aí dois tipos de ausência, duas relações com o tempo, duas estratégias de conhecimento, duas formas de escrita. Michelet está do lado da memória, no sentido em que Péguy a entende; Fustel está do lado da história. O primeiro transpõe e torna a transpor a fronteira do passado e do presente ou o rio dos mortos; o segundo começa por estabelecer o corte, e depois se esforça por esquecer o presente (com os resultados que se imaginam).”

François Hartog<sup>2</sup>

Através da biografia, hoje, os historiadores podem propor questões importantes relacionadas ao próprio conceito de história, ao espaço que esse conhecimento ocupa (ou deveria ocupar) na sociedade e, sobretudo, às possibilidades e limites na elaboração de uma narrativa que trata de uma vida. É, na opinião daqueles que se dedicam ao estudo do gênero biográfico, um problema central, como expressa, por exemplo, Giovanni Levi: “A meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humanas”.<sup>3</sup>

No caso de Varnhagen, a biografia poderia ser uma fonte histórica, um meio de se orientar nos arquivos, uma forma de escrever. Um biografado poderia ser tanto o autor de um importante documento histórico como um personagem de suas histórias. Era um meio de transpor a barreira do tempo e do espaço, falar de um passado distante como se fosse próximo e do presente como se estivesse seguramente distante. Era uma forma de dar vida, mas também de fazer desaparecer. De fato, suas notícias biográficas e biografados em geral estavam inseridos no projeto de uma

---

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas*. trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995 [1974], p. 17-48 (citação p. 25).

<sup>2</sup> HARTOG, François. *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*. trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p. 19.

<sup>3</sup> LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 167-182 (citação p. 168).

historiografia nacional que se configurava ao longo das quase quatro décadas em que o historiador escreveu biografias e obras históricas. Se elas auxiliaram na formulação da temporalidade da nação, não há riscos em afirmar que acabaram por estabelecer *tempos da pesquisa* histórica varnhaguenianas. Tal qual seus textos históricos, suas notas biográficas, mesmo quando sucintas ou copiadas diretamente dos arquivos, atuavam no lento movimento de legitimação da historiografia, argumento que a consciência histórica do século XIX não cessava de recuperar. A biografia era, enfim, uma maneira de ordenar evidências.

O que chamei de *tempos da pesquisa* não deve, contudo, ser entendido como um preceito individualista e centrado na figura de Varnhagen. Esse tempo, que se organiza, mais ou menos, entre as primeiras edições do historiador, em 1839, e se estende até a publicação da primeira edição de sua *Historia geral do Brazil* (1854-1857), insere-se e relaciona-se com os trâmites da pesquisa histórica, no mesmo período, no país que se constituiria como pátria e objeto de estudo de Varnhagen e nas outras partes do mundo por onde passou e deixou sua marca. Nessa perspectiva, no caso brasileiro, os trabalhos do IHGB são determinantes e reveladores para a grande maioria dos estudos historiográficos dedicados ao Oitocentos. Embora saibamos que a pesquisa histórica, no Brasil, não tivera seu início com a fundação do órgão imperial e tampouco deva tal afirmação ser presumida a partir do discurso de seus membros, não restam dúvidas de que os meios de disciplinarização do conhecimento histórico desde então constantemente colocados em questão ainda merecem ser revisitados de maneira crítica. Disso depende um mapeamento mais eficaz da história da história no Brasil.

Da mesma forma, desde a publicação do *Florilegio da poesia brasileira*, passando pela *Historia geral*, pela *Historia das Lutas*, chegando até outros diversos trabalhos desenvolvidos pelo historiador entre a década de 1850 e os anos 1870, ainda pouco conhecidos, certos *tempos da escrita* foram compostos e regidos por Varnhagen em seus textos. A biografia serve para corrigir equívocos sobre as vidas dos poetas do passado, funciona como um meio de diálogo com a tradição e, em especial, como um discurso de convencimento para um momento de crise. Pela biografia, um personagem íntimo pode virar um ator na história nacional, ao mesmo tempo em que autores de história bem mais próximos são convertidos em documentos a serem severamente criticados. Os tempos da escrita varnhaguenianos são plurais e ambíguos. Biograficamente, eles fixam alguns testemunhos e emudecem outros, ora fazem elogios, ora rebaixamentos.

Varnhagen não era ainda e exatamente um Michelet, cujo livro seria ele mesmo. Porém, do ponto de vista da sua “identidade historiadora”, passível de ser mapeada por meio de suas idas e vindas em busca dos mortos nos arquivos, sua obra não renega as vontades do autor e seus cultos, não dos grandes homens do passado, mas dos seus grandes no presente que o historiador queria ditar, aquele presente do arquivo por ele avaliado, ou mesmo do espólio de seu pai.<sup>4</sup> Ele também não poderia vir a ser tido como precursor de um Fustel de Coulanges. O historiador não se afastava do presente, como que antevendo os fracassos que tal empreitada tenderia a projetar. “A história remete o historiador para a historicidade da condição humana e para a sua própria”.<sup>5</sup>

“Creio que Varnhagen escrevia a fim de ter uma identidade: ser brasileiro. Não um brasileiro qualquer, mas um dos grandes. Aliás, ele nunca escondeu, da mesma maneira que os metódicos da escola de Gabriel Monod, que escrevia a partir de um ‘ponto de vista’, no caso ‘brasileiro’”.<sup>6</sup> Como diz Michel de Certeau, a história não escapa à sociedade em momento algum de sua fabricação. O historiador não consegue esconder-se do seu tempo, nem mesmo dos tempos que cria. Varnhagen parecia mesmo querer ser brasileiro. A idéia de identidade carrega, de fato, no mais das vezes, seja no século XIX, seja nos dias de hoje, um tom cerimonial. Creio que pensar a respeito dessas noções identitárias e questioná-las é uma das raras constantes úteis à história. Beatriz Sarlo, em seu recente ensaio crítico à cultura da memória, é um bom exemplo disso: “os combates pela história também são chamados agora de combates pela identidade. Nessa permutação do vocabulário se refletem a primazia do subjetivo e o papel a ele atribuído na esfera pública”.<sup>7</sup> O tom religioso da palavra *templos*, que foi aqui utilizada, tanto para falar de arquivos como de obras, pode ser entendido como análogo à noção de “identidade historiadora”, uma noção que apareceu ao longo desse trabalho não para ser necessariamente negada, mas, sobretudo, questionada, como devem ser os termos que tendem a impor usos da/na história. Um esforço no sentido de fazer dela um exercício de liberdade, não uma missão sacerdotal.

<sup>4</sup> HARTOG, François. “Michelet, a história e a ‘verdadeira vida’”. trad. Temístocles Cezar. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, p. 13-20. Ver: RICOEUR, Paul. “La distance temporelle et la mort em histoire”. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick (orgs.). *Historicités*. Paris: Éditions La Découverte, 2009, p. 13-27.

<sup>5</sup> PROST, Antoine. “Como a história faz o historiador?”. trad. Benito Bisso Schmidt. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 14, dezembro, 2000, p. 7-22 (citação p. 19).

<sup>6</sup> CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. *Topói – Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207 (citação p. 193).

<sup>7</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 23.

## Referências bibliográficas

### Fontes Primárias:

a) Biografias escritas por Varnhagen e publicadas na *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro:

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, 1840, Tomo II, p. 388-394;

Salvador Corrêa de Sá Benevides, 1841, Tomo III, p. 100-112;

João Fernandes Vieira, 1843, Tomo V, p. 88-96;

Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, 1843, Tomo V, p. 241-248;

Martim Afonso de Souza, 1843, Tomo V, p. 248-256;

Francisco de Mello Franco, 1843, Tomo V, p. 367-373;

Gaspar Gonçalves de Araujo, 1843, Tomo V, p. 373-376;

Pero Lopes de Sousa, 1843, Tomo V, p. 376-379;

Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, 1845, Tomo VII, p. 387-389;

Fr. José de Santa Rita Durão, 1846, Tomo VIII, p. 276-283;

Euzebio de Mattos, 1846, Tomo VIII, p. 540-543;

Antonio José da Silva, 1847, Tomo IX, p. 114-124;

Manoel Botelho de Oliveira, 1847, Tomo IX, p. 124-126;

Vicente Coelho de Seabra, 1847, Tomo IX, p. 261-264;

João de Brito Lima, 1848, Tomo X, p. 116-119;

Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, 1848, Tomo X, p. 240-244;

Thomaz Antonio Gonzaga, 1849, Tomo XII, p. 120-136, 1850, Tomo XIII, p. 405, 1860, p. 405 e 1867, Tomo XXX, p. 425-426;

Bento Teixeira Pinto, 1850, Tomo XIII, p. 402-405;

Ignacio José de Alvarenga Peixoto, 1850, Tomo XIII, p. 513-516;

Domingos Caldas Barboza, 1851, Tomo XIV, p. 449-460;

Antonio de Moraes e Silva, 1852, Tomo XV, p. 242-245;

Jorge de Albuquerque Maranhão, 1862, Tomo XXV, p. 353-361;

D. Antonio Filippe Camarão, 1967, Tomo XXX, p. 419-428; p. 501-508;

Francisco José de Lacerda e Almeida, 1873, Tomo XXXVI, p. 177-184;

Antonio Pires da Silva Pontes Leme, 1873, Tomo XXXVI, p. 184-187.

b) *Histórias:*

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil, isto é, do descobrimento, colonisação, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Por um socio do Instituto Historico do Brazil, natural de Sorocaba.* Tomo primeiro, Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert, 1854.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Historia geral do Brazil. Isto é do seu descobrimento, colonisação, legislação, desenvolvimento, e do imperio, escripta em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, e dedicada a sua magestade imperial o senhor D. Pedro II.* No Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert, Madrid: Imprensa de J. del Rio, Tomo segundo, 1857.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal.* 3ª Ed. Integral, (4ª ed.), 5 tomos, São Paulo: Melhoramentos, sem ano.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654.* Cidade do Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1872].

## c) Obras de síntese literária:

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da poesia brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sôbre as letras no Brazil.* Tomos I, II e III, Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946 [1850-1853].

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. "O Caramurú perante a historia. Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen". *Revista do IHGB*, tomo X, 1848, p. 129-152.

## d) Correspondência:

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa.* Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961.

## e) Demais fontes de referência consultadas:

ABREU, João Capistrano de. "Sobre o Visconde de Porto Seguro (1882)". In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal.* 3ª Ed. Integral. Tomo II, sem ano, p. 435-444.

ABREU, João Capistrano de. Capistrano de. "Necrologio de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro". In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal.* 3ª Ed. Integral. Tomo I (4ª ed.). São Paulo: Melhoramentos, sem ano, Tomo I [1878], p. 502-508.

BARBOSA, Januário da Cunha. "Discurso". *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 3ª edição, Tomo I, 1908 [1839], p. 9-17.

GARCIA, Rodolpho. "Ensaio bio-bibliographico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro". In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil.*

- Antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª Ed. Integral. Tomo I, sem ano, p. 436-452.
- GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Discurso sobre a história e a literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.
- MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. “Como se deve escrever a história do Brasil”. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 3ª edição, Tomo VI, 1908 [1844], p. 389-411.
- MATTOS, Raymundo José da Cunha. “Dissertação acerca do systema de escrever a historia antiga e moderna do Brasil”. *Revista do IHGB*, 26, 1863, p. 121-143.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza*. Quinta edição, aperfeiçoada e accrescentada de muitos artigos novos, e etymologias. Dois tomos. Lisboa: Typographia de Antonio Jose da Rocha, 1844.
- SISSON, S. A. *Galeria dos brasileiros ilustres*. Brasília: Senado Federal, 2 volumes, 1999.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns commentarios por Francisco Adolpho de Varnhagen*. Terceira edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- SOUZA, Pero Lopes de. *Diário de Navegação da Armada que foi à terra do Brasil – em 1530 – sob a Capitania-mor de Martim Affonso de Souza. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “História da Independência do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metropole, comprehendendo, separadamente, a dos successos occorridos em algumas provincias até essa data”. *Revista do IHGB*, 1916/1917, 79, p. 5-598.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *A questão da capital: maritima ou no interior?*, Vienna d’Austria. Imp. do Filho de Carlos Gerold, Edição por conta do Autor, 1877.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Ainda Amerigo Vespucci: novos estudos e achegas, especialmente em favor da interpretação dada a sua primeira viagem em 1497-98, as costas do Yucatan e Golfo Mexicano*. Vienna, Imprensa di filho de Carlos Gerold. Edição por conta do A. 1874.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Amerigo Vespucci. Son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie et ses navigations, avec une carte indiquant les routes*. Lima: Imprimerie du Mercurio, 1865.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement explique dans ses détails, par F. A. de Varnhagen*. Vienne: chez les Fils de Carl Gerold, 1869.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Memorial Organico, que a consideraçam das assembleias geral e provinciaes do imperio*. Apresenta um brasileiro. Dado a luz por um amante do Brasil, 1849.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Memorial Organico. Segunda parte. Em que se insiste sobre a adopçam de medidas de maior transcendencia para o Brasil, acerca: 1º Da abertura de estradas geraes; 2º de uma nova circumscripçam provincial; 3º Da posiçam da capital; 4º Dos escravos africanos; 5º Da civilisaçam dos indios por tutela; 6º Da colonisaçam europea por grupos, etc*. Madri, na Imprensa da viuva de D. R. J. Dominguez, R. de Hortaleza, Num. 67, 1850.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin et le reste des documents et éclaircissements sur lui. (Avec les textes dans les mêmes langues qu’ils ont été écrits par FAV)*, 1869.
- WALLENSTEIN, Henrique Júlio de. “Memoria sobre o melhor plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brazil”. *Revista do IHGB*, Tomo 45, 1882, p. 159-160.

### Bibliografia geral:

- AGULHON, Maurice. “Quelques réflexions sur le vrai et le faux”. In: GADOFRE, Gilbert. *Certitudes et incertitudes de l’histoire*. Paris: PUF, 1987, p. 211-219.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Memórias da balaiada. Introdução ao relato de Gonçalves de Magalhães”. São Paulo: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 23, março, 1989, p. 7-13.
- AMADO, Janaína. “Diogo Álvares, o Caramuru, e a fundação mítica do Brasil”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p. 3-39.
- ANDERSON, Perry. “Estrutura e sujeito”. In: ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 36-64.
- ANKERSMIT, F. R. “Historiografia e pós-modernismo”. *Topói*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 113-135.
- ARAUJO, Valdei Lopes de. “Como transformar portugueses em brasileiros: José Bonifácio de Andrade e Silva”. *Revista Intellectus*, ano 5, v. 1, 2006. Disponível em: [www2.uerj.br/~intellectus](http://www2.uerj.br/~intellectus). ISSN 1676-7640.
- ARAUJO, Valdei Lopes de. “Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht”. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006, p. 314-328.
- ARAUJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo: modernidade e historicização no Império do Brasil (1813-1845)*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.
- ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5ª edição, trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BANN, Stephen. *As invenções da história. Ensaio sobre a representação do passado*. trad. Flávia Villas-Boas. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- BANN, Stephen. *Romanticism and the rise of history*. New York: Twayne Publishers, 1995.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. “A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 33, 1997, p. 293-305.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. trad. Leyla Perrone-Moisés. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas 1*. trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1993, p. 197-221.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou, O ofício do historiador*. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOEIRA, Luciana Fernandes. “A Força Illocutória da Mensagem: o discurso do método nos prefácios de Varnhagen”. Relatório de pesquisa FAPERGS, 2007.
- BONNET, Jean-Claude. *Naissance du panthéon. Essai sur le culte des grands hommes*. Paris: Fayard, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. *História da eternidade*. trad. Carmen Cirne Lima. São Paulo: Globo, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-191.
- BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais. A longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. trad. J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 41-78.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. Brasília, Unb, 1991.

- BURKE, Peter. “A invenção da biografia e o individualismo renascentista”. *Estudo Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997, p. 83-97.
- CALLARI, Cláudia Regina. “Os Institutos Históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 40, v. 21, 2001, p. 59-83.
- CALMON, Pedro. “Varnhagen”. *Revista do IHGB*, v. 338, janeiro-março, 1983, p. 249-258.
- CAMPOS, Pedro Moacyr. “Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX”. In: GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. trad. Pedro Moacyr Campos. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1983 [1961], p. 250-293.
- CANABRAVA, Alice. “Varnhagen, Martius e Capistrano de Abreu”. In: *III Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros*, Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, p. 215-235.
- CANDIDO, Antônio. “Formação do cânon literário brasileiro”. In: *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. 2º v., 2ª edição revista. São Paulo: Martins, 1959, p. 342-350.
- CANO, Jefferson. *O fardo dos bacharéis: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro*. Tese de doutorado em história. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- CARLOS, Lilian Beatriz. *Uma relação a dois: a história e a geografia nos primeiros anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Dissertação de mestrado em história. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.
- CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. trad. Antônio Ruas. São Paulo: Edições Melhoramentos, sem ano.
- CARR, E. H. “A sociedade e o indivíduo”. In: CARR, E. H. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 31-49.
- CARVALHO, José Murilo de. “Brasil: nações imaginadas”. In: CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 233-268.
- CARVALHO, José Murilo de. “D. João e as histórias dos Brasis”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, 2008, p. 551-572.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CATROGA, Fernando. “Memória e história”. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 43-69.
- CERTEAU, Michel de. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas*. trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 17-48.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. trad. Maria de Lourdes Menezes, 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.
- CEZAR, Temístocles. “A geografia servia, antes de tudo, para unificar o Império. Escrita da história e saber geográfico no Brasil oitocentista”. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, 2005, p. 79-99.
- CEZAR, Temístocles. “A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso das origens dos tupis”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 29-41.
- CEZAR, Temístocles. “Anciens, Modernes et Sauvages, et l’écriture de l’histoire au Brésil au XIX siècle. Le cas de l’origine des Tupis”. trad. Dominique Boxus. *Anabases* 8, 2008, p. 43-65.

- CEZAR, Temístocles. “Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual”. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 173-208.
- CEZAR, Temístocles. “Em nome do pai, mas não do patriarca: ensaio sobre os limites da imparcialidade na obra de Varnhagen”. *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2005, p. 207-240.
- CEZAR, Temístocles. “Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX”. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 8, n. 1, 2004, p. 11-29.
- CEZAR, Temístocles. “Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 73-94.
- CEZAR, Temístocles. “Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX”. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, 2004, p. 11-34.
- CEZAR, Temístocles. “O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX”. *História Unisinos*, São Leopoldo, n. 3, v. 11, set./dez. 2007, p. 306-312.
- CEZAR, Temístocles. “Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da história no Brasil oitocentista”. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy. (org.). *Escrita, Linguagem, Objetos. Leituras de História Cultural*. Bauru/São Paulo: Edusc, 2004, p. 43-80.
- CEZAR, Temístocles. “Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica”. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, dezembro/2000, p. 37-58.
- CEZAR, Temístocles. “Varnhagen e os relatos de viagem do século XVI: ensaio de recepção historiográfica”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 11, julho, 1999, p. 38-53.
- CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. *Topói – Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207.
- CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen*. Tese de doutorado em história. Paris: EHESS, dois tomos, 2002, 636 p.
- CHARTIER, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.
- CHARTIER, Roger. “Literatura e história”. *Topói*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república. Momentos decisivos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.
- DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- DOSSE, François. *A história*. trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Edusc, 2003.
- DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- DUMONT, Louis. “Gênese II – A categoria política e o Estado a partir do século XIII”. In: DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 73-121.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

- ELMIR, Cláudio Pereira. “A controvérsia narrativa”. In: *A história devorada. No rastro dos crimes da rua do Arvoredo*. Porto Alegre: Escritos, 2004, p. 35-57.
- ENDERS, Armelle. “‘O Plutarco Brasileiro’. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p. 41-62.
- ENDERS, Armelle. *Les Visages de la Nation. Histoire, héros nationaux et imaginaire politique au Brésil (1822-1922)*. Paris: Université de Paris I- Panthéon – Sorbonne, 2004.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Presença, sem ano.
- FERNANDES, Cássio da Silva. *A figura do homem entre palavra e imagem: autobiografia e retrato pictórico no Renascimento de Jacob Burckhardt*. Tese de doutorado em história. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- FINLEY, M. I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1982.
- FOUCAULT, Didier; PAYEN, Pascal (org.). *Les Autorités. Dynamiques et mutations d’une figure de référence à l’Antiquité*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2007.
- FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. trad. Roberto Machado. 20ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 15-37.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro, 4ª edição. Lisboa: Veja, 2002.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O início da história e as lágrimas de Tucídides”. *Margem*, São Paulo, 1, 1992, p. 9-28.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- GAY, Peter. *Freud para historiadores*. trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 [1985].
- GAY, Peter. *O estilo na história*. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GÉRARD, Alice. “Le grand homme e la conception de l’histoire au XIX siècle”. *Romantisme*, n. 100, 1998-2, p. 31-48.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 143-179.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *Os fios e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre as notas de rodapé*. trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Magestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (a partir daqui, *Revista do IHGB*). Rio de Janeiro, n. 388, jul./set., 1995, p. 459-613.

- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Francisco Adolfo de Varnhagen. História geral do Brasil”. In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Um banquete no trópico 2*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 77-96.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 9-24.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Historiografia e cultura histórica: notas para um debate”. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, n. 1, v. 11, jan./jun. 2005, p. 31-47.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido”. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, dezembro, 2000, p. 21-36.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Reinventando a tradição: sobre antiquariado e escrita da história”. *Humanas*, Porto Alegre, v. 23, n. ½, 2000, p. 111-143.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Depois de aprender com a história”. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926. Vivendo no limite do tempo*. trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999, p. 459-485.
- HANSEN, João Adolfo. “Um nome por fazer”. In: HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 29-103.
- HARTOG, François. “A arte da narrativa histórica”. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos. Campos e canteiros da história*. trad. Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998, p. 193-202.
- HARTOG, François. “A fábrica da história: do ‘acontecimento’ à escrita da história. As primeiras escolhas gregas”. *História em Revista*, v. 6, dezembro/2000, p. 7-19.
- HARTOG, François. “A Revolução Francesa e a Antigüidade: futuro de uma ilusão, ou desenrolar de um quíproquo?”. *Humanas*, Porto Alegre, n. ½, 2000, p. 13-44.
- HARTOG, François. “A testemunha e o historiador”. trad. Patrícia Chittoni Ramos. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 11-41.
- HARTOG, François. “Michelet, a história e a ‘verdadeira vida’”. trad. Temístocles Cezar. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, p. 13-20.
- HARTOG, François. “O tempo desorientado. Tempo e história. Como escrever a história da França?”. trad. Eliane Cezar. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 7, julho de 1997, p. 7-28.
- HARTOG, François. “Plutarque entre Anciens et les Modernes”. In: PLUTARQUE. *Vies parallèles*. Paris: Gallimard, 2001, p. 9-49.
- HARTOG, François. “Tempos do mundo, história, escrita da história”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 15-25.
- HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- HARTOG, François. *Anciens, Modernes, Sauvages*. Paris: Galaade, 2005.
- HARTOG, François. *Évidence de l’histoire. Ce que voient les historiens*. Paris: Éditions de l’École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2005.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HARTOG, François. *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*. trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. trad. Sonia Lacerda, Marcos Veneu, José Otávio Guimarães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- HARTOG, François. *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- HRUBY, Hugo. *Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: a História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912)*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Os historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000.
- JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 129-175.
- JASMIN, Marcelo. “Historiografia e liberdade em *L’Ancien Régime et la Révolution*”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996, p. 93-122.
- KANTOR, Iris. *Esquecidos e renascidos: historiografia acadêmica luso-americana, 1724-1759*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. “Cambio de experiencia y cambio de método. Un apunte histórico-antropológico”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo. Estudios sobre la historia*. Barcelona: Paidós, 2001, p. 43-92.
- KOSELLECK, Reinhart. “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”. trad. Manoel Luis Salgado Guimarães. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006 [1979].
- KOSELLECK, Reinhart. *historia/Historia*. trad. Antonio Gómez Ramos. Madrid: Minima Trotta, 2004 [1975].
- LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?”. *Le débat*, n. 54, mars-avril 1989, p. 48-53.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. trad. Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Universidade Federal de Campinas Unicamp, 1994.
- LEDUC, Jean. *Les historiens et le temps. Conceptions, problématiques, écritures*. Paris: Seuil, 1999.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. org. Jovita Maria Gerheim Noronha, trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LENCLUD, Gérard. “Traversées dans le temps”. *Annales HSS*, septembre-octobre, 2006, n. 5, p. 1053-1084.
- LESSA, Clado Ribeiro de. “Vida e obra de Varnhagen”. *Revista do IHGB*, v. 223, abril-junho, 1954, p. 82-297; v. 224, julho-setembro, 1954, p. 109-315; v. 225, outubro-dezembro, 1954, p. 120-293, v. 226, janeiro-março, 1955, p. 3-168; v. 227, abril-junho, 1955, p. 85-236.

- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 167-182.
- LIMA, Luiz Costa. “A narrativa na escrita da história e da ficção”. In: LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 15-121.
- LIMA, Luiz Costa. “Concepção de história literária na *Formação*”. In: LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos. Dispersa Demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.
- LORIGA, Sabina. “Des possibilités d’une histoire biographique”. Comunicação apresentada na conferência proferida em 25 de setembro de 2006 no IFCH/UFRGS. Texto cedido pela autora.
- LORIGA, Sabina. “Ser historiador hoje”. trad. Eliane Cezar. *História: debates e tendências*. Passo Fundo: PPG em História da UPF, v. 4, n. 1, julho, 2003, p. 23-35.
- MACHADO DE ASSIS. “O passado e o presente e o futuro da literatura”. In: *Obras completas*. Vol. III. (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MADÉLÉNAT, Daniel. “La biographie aujourd’hui”. *Mesure 1*, June 1989, p. 47-58.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MICHELET, Jules. “A Edgar Quinet”. In: MICHELET, Jules. *O povo*. trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, p. 1-23.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.
- MOREIRA, Thiers Martins. “Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira”. *Revista do IHGB, op. cit.*, v. 275, 1967, p. 155-169.
- MOYA, Antonio Morales. “Biografía y narración en la historiografía actual”. In: NISTAL, José M<sup>a</sup>. Sánchez. *Problemas actuales de la Historia: Terceras Jornadas de Estudios Históricos*. Salamanca: Universidad, 1993.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional. Uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. São Paulo: Unesp, 1987.
- NICOLAZZI, Fernando. *O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica*. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- NICOLAZZI, Fernando. “Experiência histórica e narrativa historiográfica: um diálogo entre Paul Ricoeur e Reinhart Koselleck”. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, jan./jun., 2005, p. 139-159.
- NICOLAZZI, Fernando. “História: memória e contramemória”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 217-234.
- NICOLAZZI, Fernando. “Uma teoria da história: Paul Ricoeur e a hermenêutica do discurso historiográfico”. *História em Revista*, Pelotas, v. 9, dezembro, 2003, p. 45-76.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas. Os pensadores*. trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. trad. Yara Aun Houry. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dezembro, 1993, p. 7-28.
- ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo. Ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Unesp, 1997.

- ODÁLIA, Nilo. *Varnhagen, História*. São Paulo: Ática, 1979.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel. “O elogio de Francisco Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (1903)”. *Revista de Portugal*, v. XXIX, n. 222, fevereiro, 1964, p. 121-156.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850)”. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2007, p. 172-196.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- ORIEUX, Jean. “A arte do biógrafo”. In: DUBY, Georges [et al]. *História e nova história*. Lisboa: Teorema, 1986, p. 33-42.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1986.
- PALTI, Elías. *La nación como problema. Los historiadores y la “cuestion nacional”*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- PAYEN, Pascal. “La constitution de l’histoire comme science au XIX siècle et ses modèles anciens: fin d’une illusion ou avenir d’un héritage?”. Comunicação apresentada na conferência proferida em 2008 no IFCH/UFRGS. Texto cedido pelo autor.
- PÉCORA, Alcir. “À guisa de manifesto”. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 11-16.
- PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- PROST, Antoine. “Como a história faz o historiador?”. trad. Benito Bisso Schmidt. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 14, dezembro 2000, p. 7-22.
- PROST, Antoine. *Douze leçons sur l’histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.
- PUDAL, Bernard. “Du biographique entre ‘science’ et ‘fiction’. Quelques remarques programmatiques”. *Politix*, n. 27, 1994, p. 5-24.
- RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história. Ensaio de poética do saber*. trad. Eduardo Guimarães, Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- REIS, José Carlos. *Tempo, história e evasão*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.
- RENAN, Ernest. *Qu’est-ce qu’une nation?* Paris: Éditions Mille et une nuits, 1997.
- REVEL, Jacques. “Ressources narratives et connaissance historique”. *Enquête*, Paris, n. 1, 1995, p. 43-70.
- RICOEUR, Paul. “L’écriture de l’histoire et la représentation du passé”. *Annales HSS*, juillet-août 2000, p. 737-747.
- RICOEUR, Paul. “La distance temporelle et la mort em histoire”. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick (orgs.). *Historicités*. Paris: Éditions La Découverte, 2009, p. 13-27.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo I*. trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo II*. trad. Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo III. trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- RODRIGUES, José Honório. “Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil”. *Revista do IHGB*. v. 275, abril-junho, 1967, p. 170-196.
- RODRIGUES, José Honório. “Varnhagen. O primeiro mestre da historiografia brasileira (1816-1878)”. *Revista de História da América – Instituto Panamericano de Geografia e História*. México, n. 88, Julio/Diciembre, 1979, p. 93-122.
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 3ª ed., 1978.
- RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil. Introdução metodológica*. 1º volume, 2ª edição, revista, aumentada e ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- ROMILLY, Jacqueline de. *História e razão em Tucídides*. Brasília: UnB, 1998.
- RÜSEN, Jorn. “Narratividade e objetividade nas ciências históricas”. *Textos de história*, n. 1, v. 4, 1996, p. 75-102.
- RÜSEN, Jorn. *Razão histórica*. Brasília: UnB, 2000.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- SANCHEZ, Edney Christian Thomé. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Dissertação de mestrado em história. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Como se escreve a história?”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25-26, set. 1992/ago. 1993, p. 67-80.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “A biografia histórica: o ‘retorno’ do gênero e a noção de ‘contexto’”. In: In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et al. (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000, p. 121-129.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografia e regimes de historicidade”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 57-72.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografias históricas: o que há de novo?”. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da e SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (orgs.). *História, linguagens, temas: escrita e ensino da História*. Guarapuava: Unicentro, 2006, p. 59-70.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica”. *História Unisinos*, São Leopoldo, n. 10, v. 8, jul./dez. 2004, p. 131-142.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 6, dezembro, 1996, 165-192.
- SCHWARTZ, Stuart B. “Francisco Adolfo de Varnhagen: diplomat, patriot, historian”. *The Hispanic American Historical Review*, May, 1967, v. XLVII, n. 2, p. 185-202.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira. “Conquista e colonização da América Portuguesa”. In: LINHARES, Maria Yeda. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996, p. 15-77.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira Silva. “A biografia antiga: o caso de Plutarco”. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 23-34.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco Historiador*. São Paulo: EDUSP, 2006.

- SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. “A erudição ilustrada de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1877) e a passagem da historiografia das belas letras à história nacional: breve análise histórica”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 114-136.
- SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. *A reescritura da tradição: a invenção historiográfica do documento na História geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1857)*. Dissertação de mestrado em história. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- SINKEVISQUE, Eduardo. “Breve relação sobre o Tratado Político (1715) de Sebastião da Rocha Pita ou uma notícia dividida em quatro anatomias”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, São Paulo: Unicamp/IEL, n. 36, 2º semestre, 2000.
- SLEMIAN, Andréa. *Vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- SOUZA, Laura de Mello e; BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *1680-1720 - O Império Deste Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- THIESSE, Anne-Marie. “Ficções criadoras: as identidades nacionais”. *Anos 90*, n. 15, 2001/2002, p. 7-23.
- TORRES, Félix. Du champs des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d’un genre. In: Problèmes et méthodes de la biographie. *Actes du Colloque*. Paris: Sorbonne, n. sp. de Sources, 3-4 mai. 1985, p. 141-148.
- TURIN, Rodrigo. “A ‘obscura história’ indígena. O discurso etnográfico no IHGB (1840-1870)”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 86-113.
- TURIN, Rodrigo. *Narrar o passado, projetar o futuro. Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista*. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* trad. Horácio Gonzáles e Milton Meira Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças. História e sociologia*. trad. Sônia Salzstein, São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VIANNA, Hélio. “Cartas inéditas de Varnhagen”. *Revista de História*, São Paulo, v. XLIII, n. 87, jul./set., 1971, p. 249-262.
- WEHLING, Arno. “Varnhagen, história e diplomacia”. In: SILVA, Alberto da Costa e (org.). *O Itamaraty na cultura brasileira*. Brasília: Instituto Rio Branco, 2001, p. 40-55.
- WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre historicismo*. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.
- WHITE, Hayden. “Enredo e verdade na escrita da história”. In: MALERBA, Jurandir (org.) *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 191-210.
- WHITE, Hayden. “Introdução. A poética da história”. In: WHITE, Hayden. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, p. 17-56.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Ensaios de Cultura 6. trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1994.

ZILBERMAN, Regina. *O berço do cânone: textos fundadores da história e da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.